

# **MUSA**

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 4  
Setúbal 2014**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**

# Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs 10-12 Da Idade do Ferro ao Período Medieval

CARLOS TAVARES DA SILVA\*  
JOAQUINA SOARES\*\*  
ANTÓNIA COELHO-SOARES\*\*\*  
SUSANA DUARTE\*\*\*  
RICARDO GODINHO\*\*\*\*

## RESUMO

O lote da Rua Francisco Augusto Flamengo, localizado no casco histórico de Setúbal, forneceu ampla sequência estratigráfica onde ficaram impressas as grandes fases de desenvolvimento deste aglomerado urbano nos seus primórdios.

Da primeira ocupação estável, implantada no período orientalizante, recuperaram-se somente materiais, nomeadamente cerâmicas de engobe vermelho, ânforas fenícias, cerâmicas cinzentas, remobilizados em níveis coluvionares que preencheram fossas de abarrancamento existentes no nosso lote. Neste horizonte (Cs. 11-14), os materiais mais recentes, muito raros, podem atingir a II Idade do Ferro (séculos IV-III a. C.) ou mesmo o período Romano Republicano (séculos II-I a. C.).

Da cidade romana, identificou-se e escavou-se parte de um vazadouro público do Alto Império, que forneceu entre outro espólio um notável conjunto de *terra sigillata* com apreciável número de marcas de oleiro. A selagem do vazadouro ocorreu na segunda metade do século II. Um importantíssimo equipamento urbano é então construído no local, talvez nos inícios do século III, destinado a depósito público de água, com capacidade superior a 250m<sup>3</sup>, assinalando um pico de desenvolvimento urbano. O declínio de *Caetobriga* torna-se evidente a partir de meados do século IV, arrastando-se, em processo de desurbanização pelos séculos V e VI. Essa redução da vida e espaço urbanos a uma provável aldeia ao serviço do porto, explica a periferização do nosso lote, que recebe no período islâmico uma necrópole.

Durante o ressurgimento do burgo na Baixa Idade Média, o espaço em apreço é integrado no recinto muralhado, mas a memória de campo funerário permanecerá na toponímia (Rua da Paz). Este local, certamente mera reserva em termos urbanísticos, e marginal quanto à localização das funções mais qualificadas, foi ocupado por lixeiras domésticas nos séculos XIII-XIV. A urbanização do lote só terá ocorrido nos séculos XVI-XVII de acordo com informação da primeira campanha de escavações, anteriormente publicada.

## ABSTRACT

The excavated plot of the Street Francisco Augusto Flamengo, located in the historic centre of Setubal, provided a broad stratigraphic sequence in which the major stages of development of this urban agglomeration were represented from its beginnings to the Middle Ages.

The first stable occupation, from the Phoenician period, had been recovered only by artefacts, including red slip ceramics, Phoenician amphorae, gray ceramics remobilised in levels of colluvial nature. Rare ceramic sherds could be attributed to the second Iron Age (IV-III centuries a. C.), or even to the Roman Republic period (II-I centuries a. C.).

In what concerns the Roman city, we excavated part of a public dump of the High Empire, which provided among other artefacts a remarkable set of *Terra sigillata* with an appreciable number of potter's stamps. The sealing of the dump occurred in the second half of the second century. An important urban infrastructure was then built on the site, perhaps in the early third century, intended for public water reservoir, with a capacity exceeding 250m<sup>3</sup>, marking a peak of urban development. The decline of *Caetobriga* became evident from the mid-fourth century, creeping de-urbanization in the fifth and sixth centuries. This reduction of life and urban space explains the peripherization of the excavated area, which received a necropolis in the Islamic period.

During the resurgence of the burgh in the late Middle Ages, the space in question was integrated into the walled enclosure, but the memory of the funerary field remained in the names of places (Rua da Paz). This site is certainly a mere reservation in urban terms, and marginal to the location of the most qualified functions as domestic rubbish dumps occupied it in the XIII-XIV centuries. The urbanization of the plot has only occurred in the XVI-XVII centuries according to the report of the first archaeological excavations, already published.

\* Centro de Estudos Arqueológicos, MAEDS; Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). [ctavaressilva@gmail.com](mailto:ctavaressilva@gmail.com)

\*\* Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). [joaquinasoares1@gmail.com](mailto:joaquinasoares1@gmail.com)

\*\*\* Centro de Estudos Arqueológicos, MAEDS. [cea.maeds@mail.telepac.pt](mailto:cea.maeds@mail.telepac.pt)

\*\*\*\* Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) da Universidade de Coimbra. [ricardomiguelgodinho@gmail.com](mailto:ricardomiguelgodinho@gmail.com)

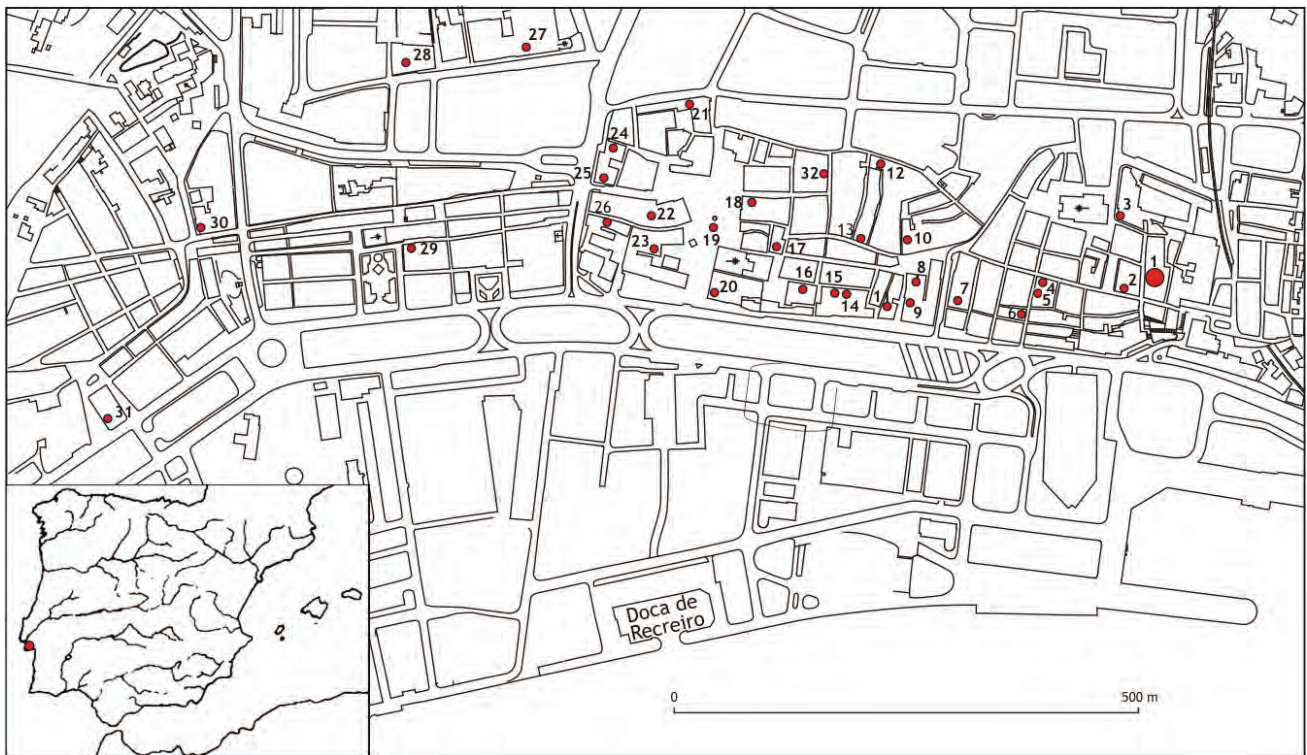


Fig. 1 - Localização da escavação na Rua Augusto Flamengo e principais intervenções arqueológicas desenvolvidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, na área urbana de Setúbal: **1 - Rua Francisco Augusto Flamengo**; **2 - Rua Arronches Junqueiro 32-34**; **3 - Travessa dos Apóstolos**; **4 - Rua Arronches Junqueiro 73-75**; **5 - Rua António Joaquim Granjo**; **6 - Rua António Joaquim Granjo (Casa dos Mosaicos)**; **7 - Travessa de João Galo**; **8 - Largo da Misericórdia**; **9 - Travessa de Frei Gaspar**; **10 - Travessa da Portuguesa**; **11 - Av. Luisa Todi (edifício BCP)**; **12 - Rua Major Afonso Pala**; **13 - Rua Álvaro Castelões**; **14 a 16 - Rua António Januário da Silva**; **17 - Rua Serpa Pinto**; **18 - Rua Luís de Camões**; **19 - Praça de Bocage**; **20 - Praça de Bocage / Av. Luisa Todi (edifício Montepio)**; **21 - Largo do Sapalinho**; **22 - Rua de Bocage / Rua Augusto Cardoso (edifício Bennetton)**; **23 - Praça de Bocage**; **24 - Beco de Dona Maria**; **25 - Av. 22 de Dezembro**; **26 - Rua Augusto Cardoso**; **27 - Praça Miguel Bombarda**; **28 - Rua Acácio Barradas**; **29 - Rua António Maria Eusébio**; **30 - Praça Machado dos Santos**; **31 - Largo António Joaquim Correia**; **32 - Rua Dr. Estavam de Vasconcelos**.

## INTRODUÇÃO

Após um interregno de cerca de um ano, resultante do tempo necessário para o dono da obra proceder à demolição dos edifícios existentes no lote a reedificar, retomaram-se os trabalhos arqueológicos no dia 3 de Maio de 2010 que se prolongaram até 25 de Fevereiro do ano seguinte. Foram coordenados por dois dos signatários (C.T.S. e J.S.), que contaram com a colaboração das arqueólogas Susana Duarte e Antónia Coelho Soares, do Centro de Estudos Arqueológicos (CEA) do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), do bio-antropólogo Ricardo Godinho, à época na empresa Era Arqueologia, dos técnicos de arqueologia António Júlio Costa (escavação, topografia e desenho), Jorge Costa (desenho) e Fernanda Simões (escavação), pertencentes também ao CEA-MAEDS, e de alguns operários fornecidos pelo dono da obra.

A escavação seguiu a metodologia utilizada na 1ª Campanha (Tavares da Silva *et al.*, 2010) e teve lugar nos *Loci* A e C (Fig. 2), numa extensão de 209m<sup>2</sup>.

No *Locus* C, o mais escavado na 1ª campanha, ficou a descoberto, superficialmente, toda a área do reservatório de água da Época Romana com expressão neste lote (esta notável estrutura prolonga-se pelo lote situado imediatamente a norte, sob o edifício aí existente, e, a oeste, pela Rua Francisco Augusto Flamengo; escavou-se, em profundidade, no interior e até à base do mesmo reservatório nos Qs. C-D/20-21, E20, J-K/17-19 e L18-19 (Figs. 32-35 e 41). Neste *Locus* e no A escavaram-se novas sepulturas da Época Islâmica (Fig. 41), que somadas às estudadas na anterior campanha perfazem o número de 22; identificou-se uma nova fase de ocupação, centrada nos séculos XIII-XIV e representada por níveis de lixeira (Fig. 5, C.8).

No *Locus* A (Fig. 2), a escavação (79m<sup>2</sup> – Qs. B-I/3-12 e J-S/12) deu a conhecer uma extensa li-

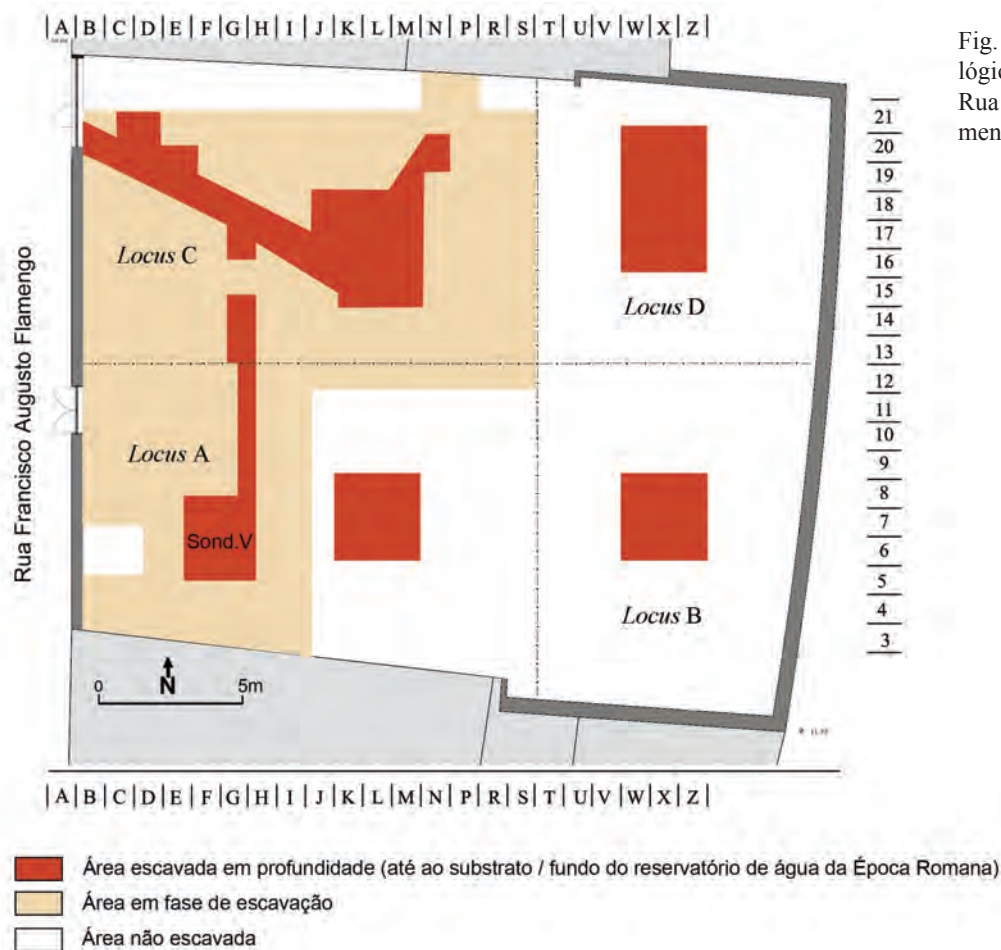


Fig. 2 - Intervenções arqueológicas no lote a reedificar na Rua Francisco Augusto Flamengo.

xeira do Alto Império, rica em ânforas Dressel 14. Trata-se de contexto também até agora inédito no lote da Rua Francisco Augusto Flamengo.

A escavação até ao substrato geológico, nos Qs. E-G/5-8 do mesmo *locus*, revelou uma sequência estratigráfica com cerca de 3m de potência na qual, além de um horizonte da Época Romana do Alto Império, estão representados níveis da Idade do Ferro. Estamos, pois, em presença de mais uma fase de ocupação até agora desconhecida no lote em apreço (Figs. 3 e 4, Cs. 11-14).

## SEQUÊNCIAS ESTRATIGRÁFICAS

A escavação em profundidade, quer no *Locus A*, quer no interior do reservatório de água da Época Romana (*Locus C*), revelou potentes sequências estratigráficas que traduzem, juntamente com as estruturas exumadas, a periodização da ocupação do nosso lote.

### *Locus A*

Nos Qs. E-G/5-8 (Figs. 3 e 4):

C.1A – Pavimento de cimento do interior das edificações actualmente existentes. Esp. 0,03m.

C.1B – Sub-base do piso anterior composta por gravilha. Esp. 0,12m.

C.2 – Nível de enchimento e regularização constituído por entulhos que integram blocos pétreos, cerâmica de construção e fragmentos de recipientes dos séculos XVIII-XIX. Esp. 0,52m.

C.3A – Piso em tijoleira com padrão em “espinha”. Esp. 0,05m.

C.3B – Sub-base de argamassa para assentamento do piso de tijoleira da C.3A. Esp. 0,10m.

C.4 – Areia amarelo-acinzentada solta e fina, com carvões e escassa cerâmica romana. Corresponde a depósito secundário originado a partir de níveis de ocupação romana desmontados nas áreas de cotas mais elevadas do lote. Esp. máxima 0,37m.

C.5 – Escorrência lenticular de arenito do substrato geológico. Confirma o episódio erosivo e de transporte verificado na C.4. Esp. 0,17m.

C.6 – Formação descontínua, constituída por fossas sepulcrais pertencentes a necrópole islâmica.

C.7 – Depósito argiloso muito compacto de cor acinzentada escura; integra abundantes materiais ce-

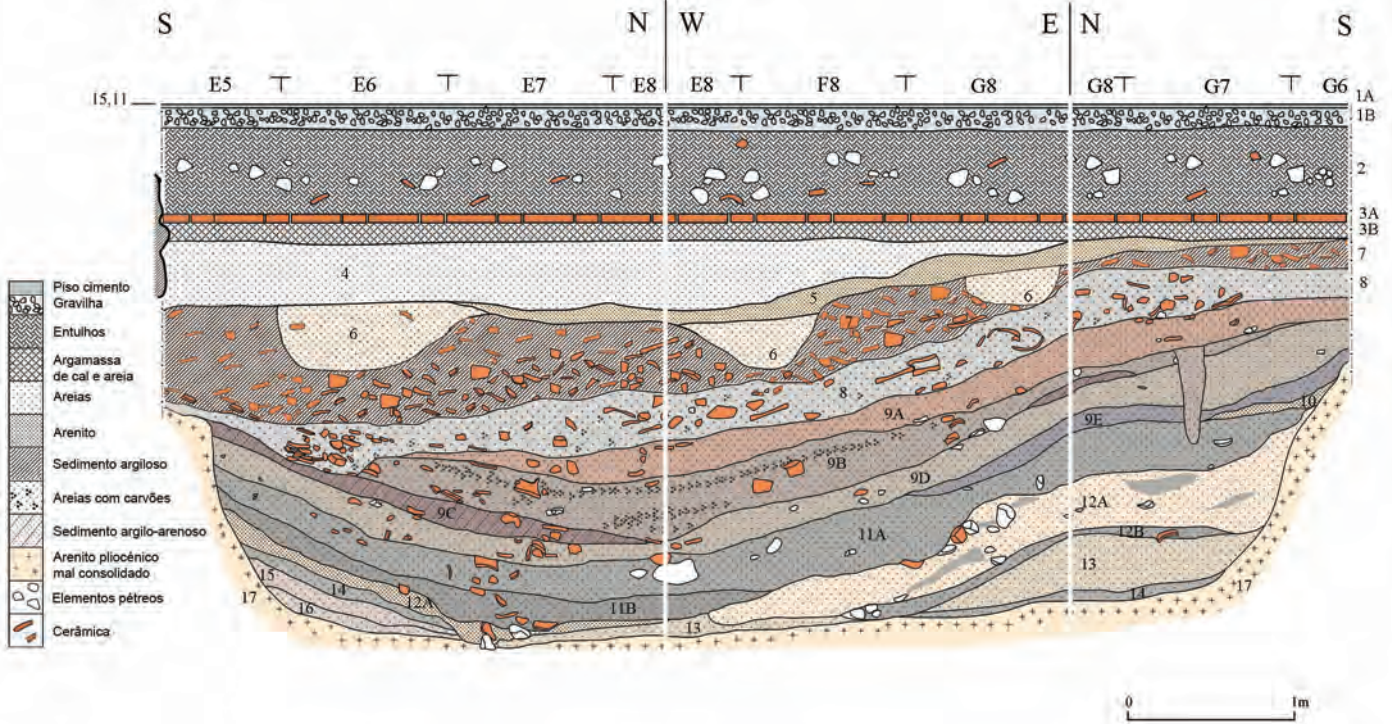


Fig. 3 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Perfis estratigráficos obtidos no aprofundamento do Locus A.

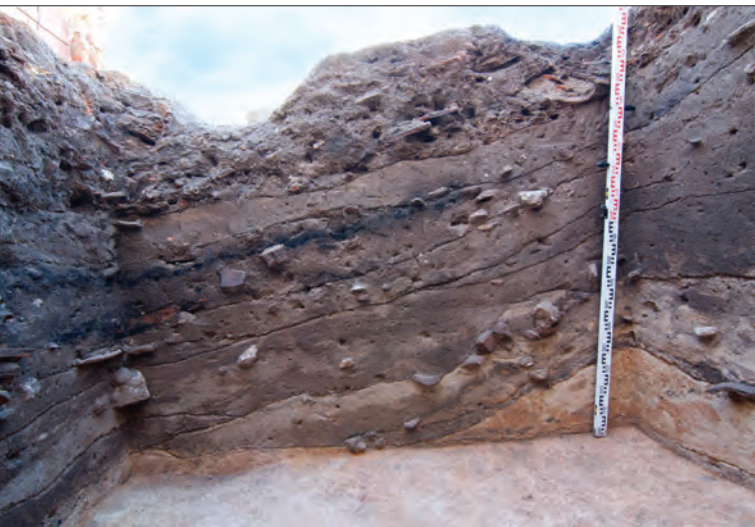


Fig. 4 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Estratigrafia do Locus A (da C.7 à C.14).

râmicos romanos (*terra sigillata*, cerâmica comum, ânforas, cerâmica de construção), vidro, metal e fauna mamalógica. Nesta camada surgiu uma ânfora Dressel 14 com restos de “salga” de peixe. Esp. máxima 0,60m. Datável da 2ª metade do século I e do século II d.C.. Foi cortada pelas sepulturas islâmicas. Trata-se de lixeira. Esta camada parece ter-se formado a partir do topo da C.8, pela consolidação do respectivo sedimento em resultado de contaminação por sais de ferro e argila que teriam migrado da

C.5. Com efeito, as C.s 7 e 8 parecem integrar o mesmo horizonte cronológico e funcional (lixeira).

C.8 – Camada arenosa de cor castanho-acinzentada com carvões, correspondente a “lixeira”; integra cerâmica comum, ânforas (Dressel 14 e de importação, fragmento de ânfora Dressel 14 com restos de “salga” de peixe), *terra sigillata* e fauna. Esp. 0,35m.

C.9A – Sedimento arenoso de cor castanho-acinzentada com algumas cinzas, carvões e cerâmica romana. Esp. 0,20m.

C.9B – Formação areno-argilosa de cor castanho-acinzentada mais escura que a C.9A, desenvolvendo algumas formações lenticulares de carvões. Surgem nesta camada metais (pregos), vidros, materiais cerâmicos romanos. Esp. máx. 0,38m.

C.9C – Depósito argilo-arenoso compacto de cor avermelhada escura, integrando materiais romanos. Esp. 0,15m.

C.9D – Depósito areno-argiloso castanho médio menos compacto que a C.9C, com cerâmica romana. Esp. 0,19m.

C.9E – Lenticula arenosa de cor cinzenta que se desenvolve na extremidade nordeste da sondagem. Esp. 0,12m.

C. 10 – Formação lenticular de escorrência de arenito do substrato geológico. Esp. 0,08m.

C.11A – Sedimento arenoso de cor castanho-

-acinzentada escura com alguns carvões, fauna, cerâmica da Idade do Ferro. Esp. máx. 0,37m.

C.11B – Formação areno-argilosa castanho-avermelhada muito escura com carvões; desenvolve-se nos Qs. E-F/5-8, contém cerâmica da Idade do Ferro. Esp. 0,18m.

C.12A – Depósito de areão grosseiro do substrato geológico intercalado por formações lenticulares areno-argilosas castanho-acinzentadas, contendo cerâmica da Idade do Ferro. Esp. 0,30m.

C.12B – Formação lenticular areno-argilosa castanho-acinzentada. Esp. 0,10m.

C.13 – Arenito do substrato geológico, mesclado com areias acinzentadas. Integra cerâmica da Idade do Ferro. Esp. 0,32m.

C.14 – Formação arenosa, compacta, castanho escura com materiais da Idade do Ferro. Esp. 0,08m.

C.15 – Formação lenticular de escorrência de arenito do substrato geológico mesclado com areias acinzentadas. Esp. 0,09m.

C.16 – Lenticula arenosa acinzentada. Esp. 0,07m.

C.17 – Substrato geológico de arenito do Pliocénico.

No lado sul dos Qs. E-G/5 e G6, surgiu um paleotalude com *ca* 1,5m de altura, talhado no arenito da formação geológica de base, que teria delimitado depressão preenchida pelas Cs. 9A a 16.

#### **Locus C** (interior do reservatório de água)

A estratigrafia do enchimento do reservatório de água compreende os seguintes níveis (de cima para baixo) (Fig. 5):

C.7 – Piso de argamassa de cal e areia, do período medieval cristão. Esp. *ca* 0,05m.

C.8 – Lixeira rica em cerâmica (séculos XIII-XIV) e restos faunísticos, materiais estes embalados por sedimento argilo-arenoso de cor castanho-acinzentada muito escura. Esp. máxima *ca* 0,7m.

C.9 – Lenticula resultante da desagregação do *opus signinum* que reveste a face interna do muro 5 do reservatório de água. Esp. máxima *ca* 0,05m.

C.10 – Lixeira com abundante material da Época Romana, como cerâmica de construção e fragmentos de recipientes cerâmicos; ossos de mamíferos e peixes, embalados em sedimento argilo-arenoso cinzento escuro. Esp. máxima *ca* 0,50m. Foi datada das primeiras décadas do século V.

C.11 – Areia argilosa castanho-clara com escasso material arqueológico. Esp. máxima *ca* 0,40m.

C.12 – Lixeira semelhante à da C.10. Esp. máxima *ca* 0,30m.

C.13 – Nível semelhante ao da C.11. Esp. *ca* 0,45m.

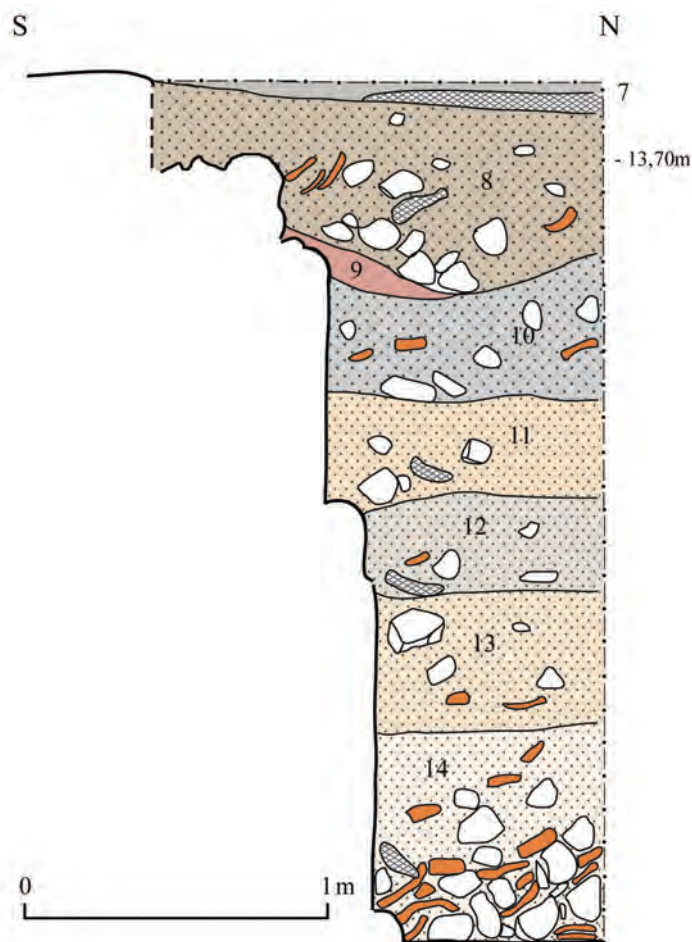


Fig. 5 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sequência estratigráfica do depósito que preenchia o reservatório de água da Época Romana (*Locus C*).

C.14 – Areia argilosa castanho-clara, embalando, na base, numerosos blocos pétreos, fragmentos de *opus signinum*, cerâmica de construção, fragmentos de recipientes cerâmicos e restos faunísticos. Assenta directamente sobre o fundo do reservatório de água. Corresponde aos primeiros momentos do seu abandono, datável do século IV.

## PERIODIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO HUMANA

### Ocupação pré-romana

A ocupação pré-romana (Idade do Ferro orientalizante e de tradição orientalizante) encontra-se representada no *Locus A* em depósito sedimentar que preenche depressão limitada a sul por paleotalude revelado pela escavação. Trata-se de uma sequência de níveis (Cs. 11 a 14) de natureza coluvionar, formados a partir de sucessivas acumulações de sedimentos e materiais arqueológicos provenientes de área da ja-

Quadro 1 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Cerâmica cinzenta orientalizante (NMI).

| Formas<br>(Abul) | Fabrico (Abul) |          |          |          |          |          |          |          |  | Diam.boca<br>mm | Larg. Bordo<br>mm | T         |
|------------------|----------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|--|-----------------|-------------------|-----------|
|                  | A1             | A2       | A3       | A4       | A5       | B1       | B2       | B3       |  |                 |                   |           |
| I.B.1            | 1              |          | 1        |          | 3        |          | 3        |          |  | 190-210         | 15-25             | 8         |
| I.B.2            |                |          |          |          | 1        |          |          |          |  | 210             | 21                | 1         |
| II.A.1           |                |          |          |          | 1        |          |          |          |  |                 |                   | 1         |
| II.A.2           |                |          |          |          |          |          | 1        |          |  | 180             |                   | 1         |
| II.B.1           |                |          |          | 1        | 1        |          |          |          |  | 270             |                   | 2         |
| II.B.2           | 4              |          | 2        |          |          |          | 1        |          |  | 170-260         |                   | 7         |
| II.C.1           |                |          |          | 2        |          | 1        | 1        | 1        |  | 180             |                   | 5         |
| II.C.3           |                | 1        |          |          |          |          |          | 1        |  | 170-200         |                   | 2         |
| <b>T.</b>        | <b>5</b>       | <b>1</b> | <b>3</b> | <b>3</b> | <b>6</b> | <b>1</b> | <b>6</b> | <b>2</b> |  |                 |                   | <b>27</b> |

NMI (Número Mínimo de Indivíduos) - Exemplares com bordo pertencentes a recipientes distintos.

zida de cota mais elevada, em resultado de processos de erosão e transporte. Esses materiais arqueológicos encontravam-se, pois, deslocados do respectivo contexto primário. Formam um conjunto que tipologicamente é integrável, de um modo geral, no período orientalizante (séculos VII-VI a.C.), mas com elementos que podem atingir os séculos IV-II/I a. C..

No que se refere à cerâmica (Figs. 6 e 7), estão presentes as seguintes categorias: cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta orientalizante / de tradição orientalizante, cerâmica comum ao torno, ânforas e cerâmica manual.

A cerâmica de engobe vermelho é muito escassa: somente um prato de bordo em aba (FAF/340), de pasta fina e textura compacta com e.n.p. não superiores a 0,5mm, e cor castanho-amarelada (Munsell 10YR5/4); engobe quase inexistente; diâmetro externo da boca *ca* 310mm e largura do lábio 35mm.

A cerâmica cinzenta orientalizante / de tradição orientalizante predomina largamente, com 27 exemplares, e é constituída somente por recipientes abertos, de mesa (Quadro 1). É dominada por três formas: a Abul I.B.1 (prato de bordo em aba mais ou menos encurvada e sub-horizontal, ligando-se ao interior do bojo por superfície convexa, sem aresta nem ressalto – Mayet & Tavares da Silva, 2000, p. 48, Fig. 9); a Abul II.B.2 (taça de bordo simples ligeiramente encurvado para o interior no prolongamento do bojo – Mayet & Tavares da Silva, 2000, p. 48, Fig. 9) e II.C.1 (tigela de bordo ligeiramente encurvada para o interior e com espessamento interno convexo - Mayet & Tavares da Silva, 2000, p. 48, Fig. 9). Além destas três formas, ocorrem ainda, mas representadas por escassos exemplares, as formas Abul I.B.2, II.A.1, II.A.2, II.B.1 e II.C.3.

Os fabricos mais comuns, por ordem decrescente de frequência, são (Quadro 1): Abul B2, A5 e A1. Surgem ainda os fabricos Abul A3, A4, B3, A2 e B1 (Mayet & Tavares da Silva, 2000, p. 44).

As formas de cerâmica cinzenta agora apresentadas são as que ocorrem em maior abundância nas jazidas orientalizantes da Andaluzia Ocidental. Os pratos de bordo em aba e perfil em S surgem a partir de “finais do século VIII a.C., desenvolvem-se plenamente durante o século seguinte e decaem ligeiramente a favor das taças hemisféricas” (Vallejo Sánchez, 2005, p. 1156). Estas últimas, de bordo simples ou espessado internamente, são comuns desde o século VII a.C. e tornam-se mais frequentes durante o século VI a.C. (Vallejo Sánchez, 2005).

No território português, a cerâmica cinzenta, embora surja e atinja grande desenvolvimento no horizonte orientalizante, sobrevive plenamente em ambientes do século V a.C. (p. ex. em Abul B – Mayet & Tavares da Silva, 2000), podendo mesmo atingir o período romano republicano, como se observou no castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81, p. 179-180), em Santarém (Arruda, 1999-2000) ou em Leião, Oeiras (Cardoso *et al.*, 2010-2011). De notar, porém, que na Rua Francisco Augusto Flamengo estão por enquanto ausentes os tipos morfológicos mais tardios, comuns em contextos posteriores ao século VI.

No estabelecimento fenício de Abul A, a Forma I.B.1, com 6,6% da cerâmica cinzenta orientalizante aí recolhida, ocorre principalmente nos níveis da Fase I (meados e 3º quartel do século VII a.C.); encontra-se presente em Abul B (santuário de tradição orientalizante, de finais do século VI e do século V a.C. ), mas em percentagens muito baixas.

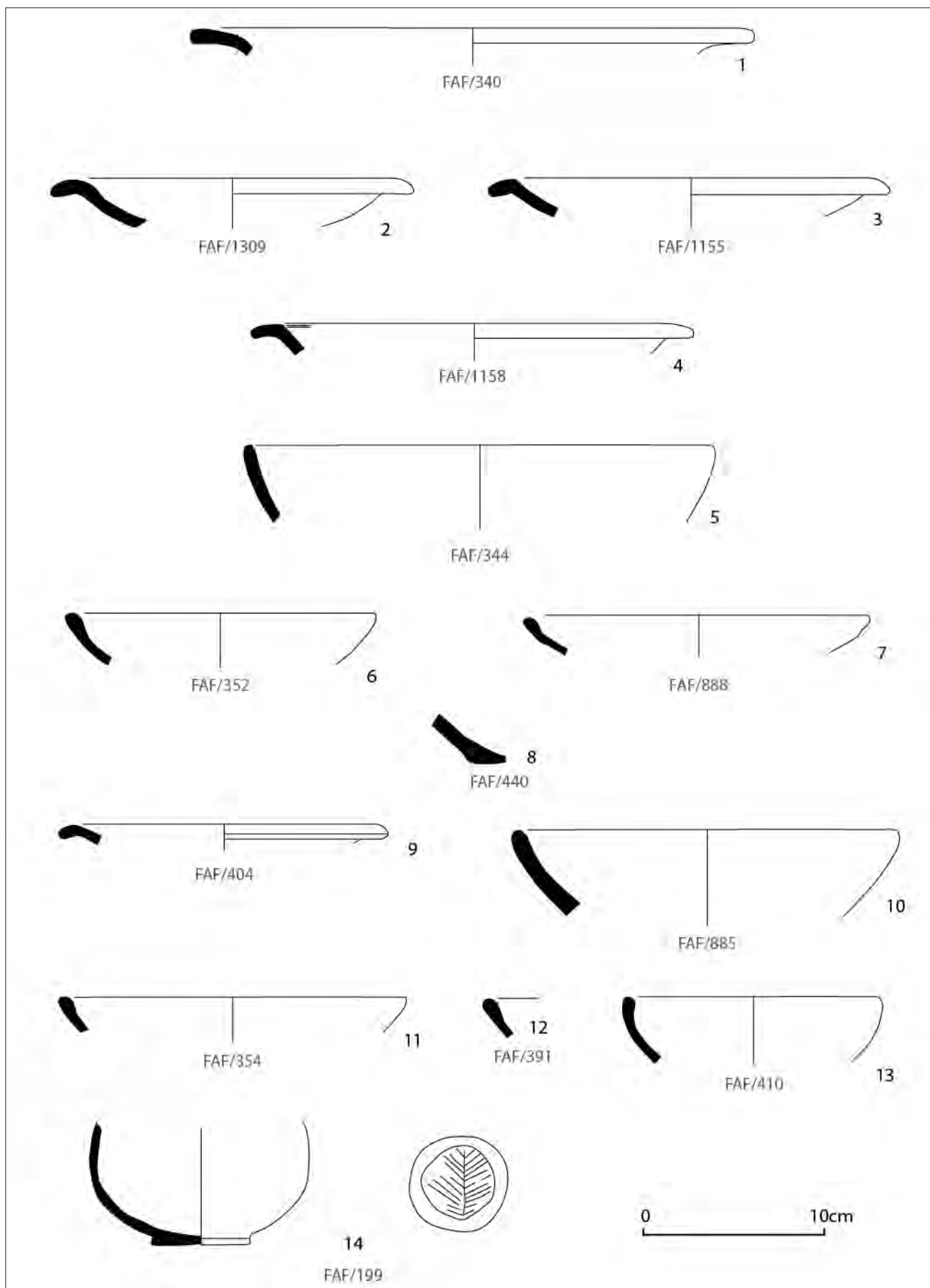


Fig. 6 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Ocupação pré-romana (*Locus* A, Cs. 14-11): 1 - cerâmica de engobe vermelho; 2-8 - cerâmica cinzenta orientalizante; 9-14 - cerâmica comum ao torno (o nº13 é uma imitação da Forma IX A da cerâmica de tipo Kuass). Desenhos de Susana Duarte.



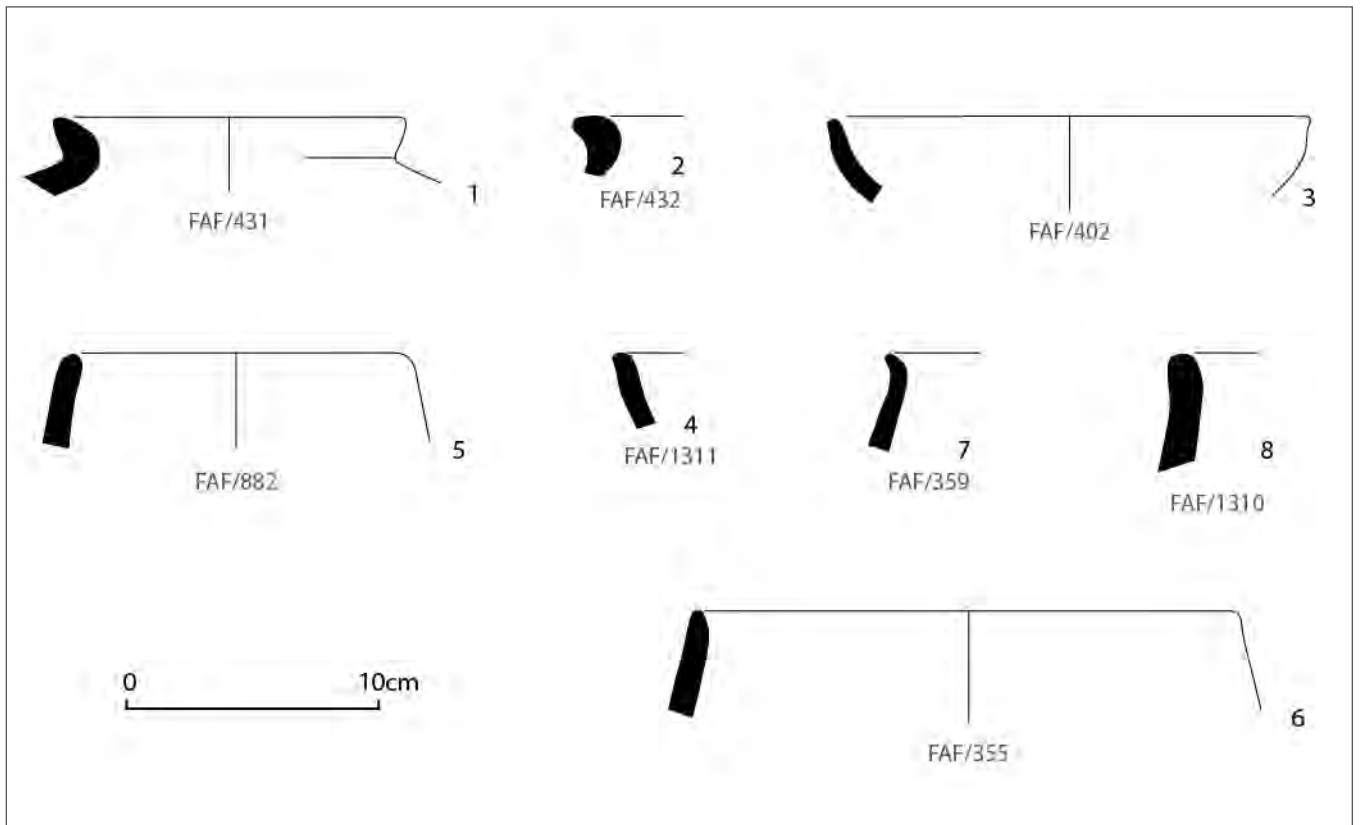


Fig. 7 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Ocupação pré-romana (*Locus A*, Cs. 14-11): 1-2 - ânforas; 3-8 - cerâmica manual. Desenhos de Susana Duarte.

Já as Formas II.B.2 e II.C.1 apresentam em Abul A, respectivamente, frequências média e elevada; em Abul B, são das mais abundantes (Mayet & Tavares da Silva, 2000, Quadros 10 e 22).

A cerâmica comum ao torno, com 14 exemplares, comporta quase exclusivamente formas abertas (pratos, com 5 exemplares, e taças ou tigelas, com 8 exemplares). Surgiu somente um recipiente fechado (de pasta grosseira<sup>1</sup>, bordo simples e colo alto subcilíndrico, com *ca.* 140mm de diâmetro interno da boca).

A maioria dos pratos apresenta parede ligeiramente arqueada para o interior e bordo com espessamento interno convexo. Um exemplar possui bordo em aba encurvada.

Nas taças ou tigelas predomina (6 exemplares) a Forma 1.3.1. de Sáez Romero (2005), com diâme-

tros internos da boca compreendidos entre 140mm e 180mm.

Destaca-se um exemplar (Fig. 6, nº13) de parede encurvada para o interior com ténue espessamento interno no bordo, de pasta muito fina<sup>2</sup> e cor/cozedura 3.3<sup>3</sup>; a superfície é vermelha (Munsell 2.5YR 4/8) e brilhante (engobe?). Parece tratar-se de imitação da Forma IX-A da cerâmica de tipo Kuass (Sousa, 2009). A presença deste exemplar na Rua F. Augusto Flamengo sugere que a ocupação da Idade do Ferro, embora com início no período orientalizante, pode ter atingido um amplo intervalo de finais do século IV ao II/I a.C..

O NMI de ânforas está reduzido a dois exemplares, ambos pertencentes ao tipo Ramón 10.1.2.1, um com lábio da variante *k* (diâmetro interno da boca *ca.* 80mm; pasta vermelha – Munsell 2.5YR

1 - Abundantes e.n.p.  $\geq 1$ mm.

2 - Sem e.n.p. visíveis à vista desarmada.

3 - Núcleo anegrado entre zonas superficiais avermelhadas – cozedura redutora-oxidante.

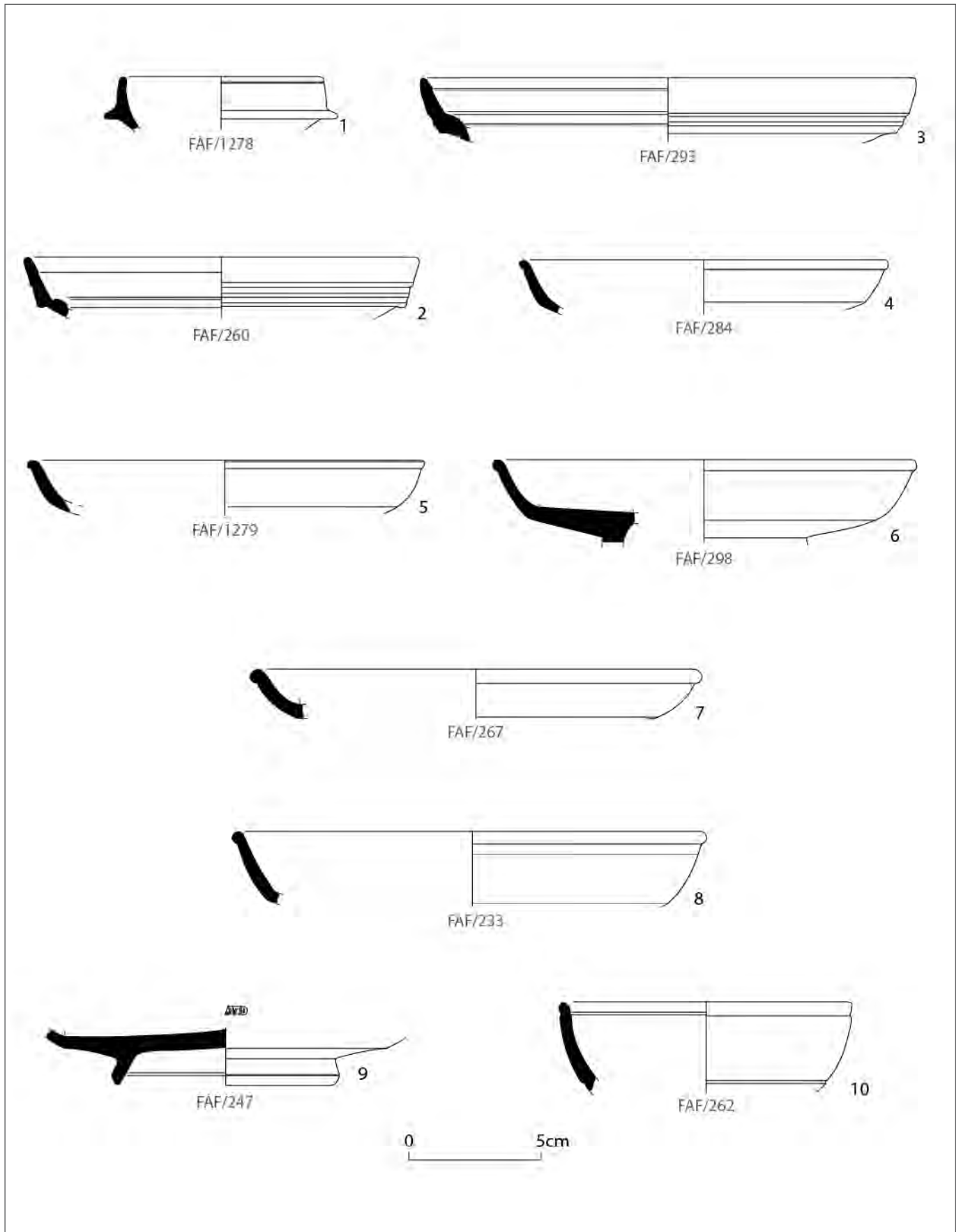


Fig. 8 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus* A, C. 9). *Terra sigillata* de tipo itálico: 1 - *Consp.* 34; *terra sigillata* sudgálica: 2 e 3 - Drag. 15/17; 4-9 - Drag. 18 (o nº 9 com a marca [...] VSI); 10 - Ritt. 8. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

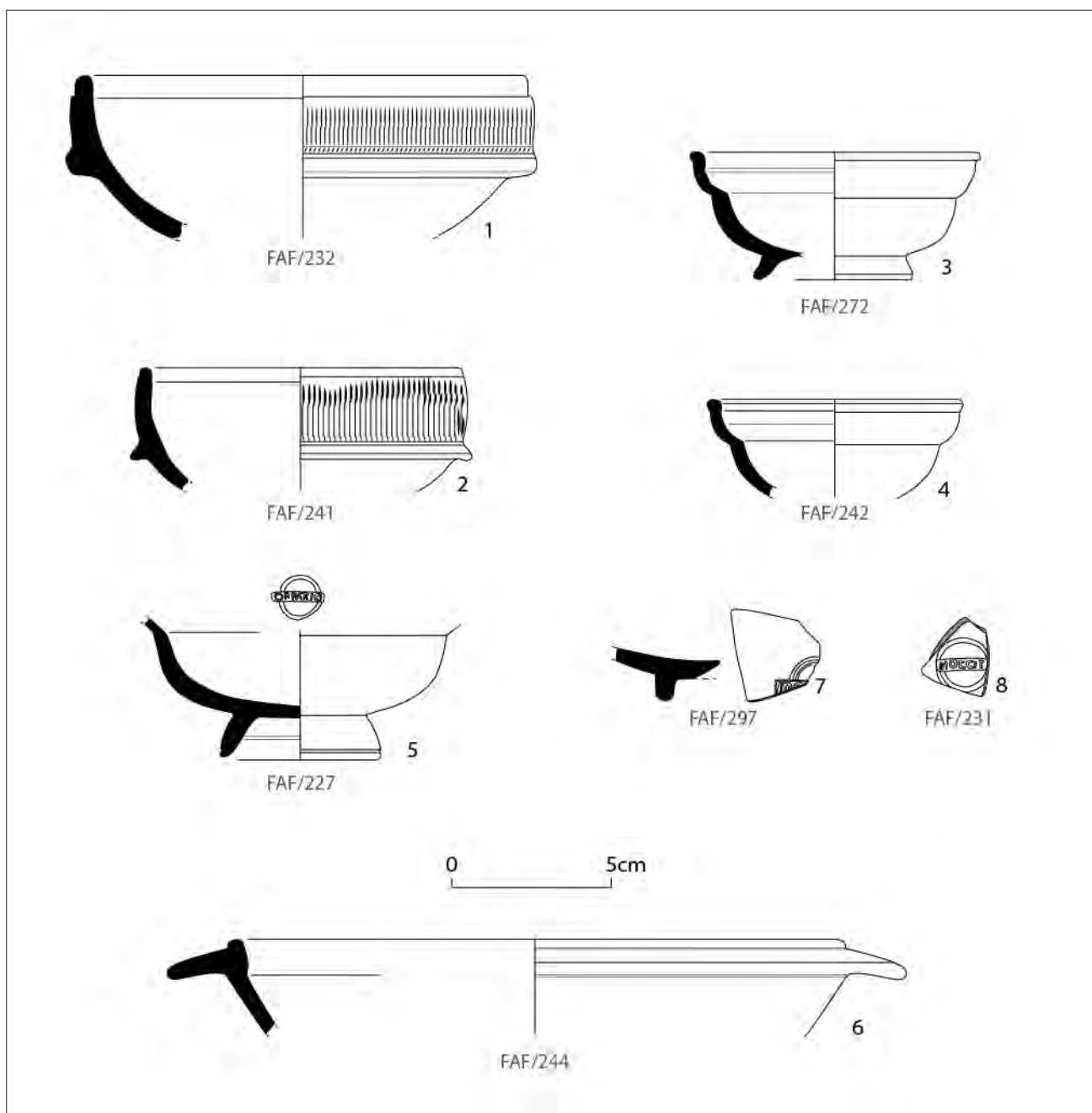


Fig. 9 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus* A, C. 9). *Terra sigillata* sudgálica: 1 e 2 - Drag. 24/25; 3-5 - Drag. 27 (o nº 5 com a marca **OF PATRICI**); 6 - Ritt. 12; 7 - forma indeterminada com a marca **ISA**[...]; 8 - forma indeterminada com a marca **BIOFECIT**. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

5.5/6 – e grosseira), o outro com lábio da variante *n* (pasta fina<sup>4</sup>; cor/cozedura 3.3, com núcleo cinzento-esverdeado e superfícies rosadas). A variante *k* é, em Abul A, exclusiva da Fase I; a *n* ocorre em ambas as fases do mesmo estabelecimento fenício (Mayet & Tavares da Silva, 2000, p. 55).

A cerâmica manual (11 exemplares) distribuiu-se por recipientes abertos (4 taças em calote) e fechados (7 exemplares: 6 potes/panelas e grandes contentores).

As taças em calote oferecem pastas de textura média a grosseira; foram cozidas em ambiente redu-

4 - Numerosos e.n.p. < 0,5mm.

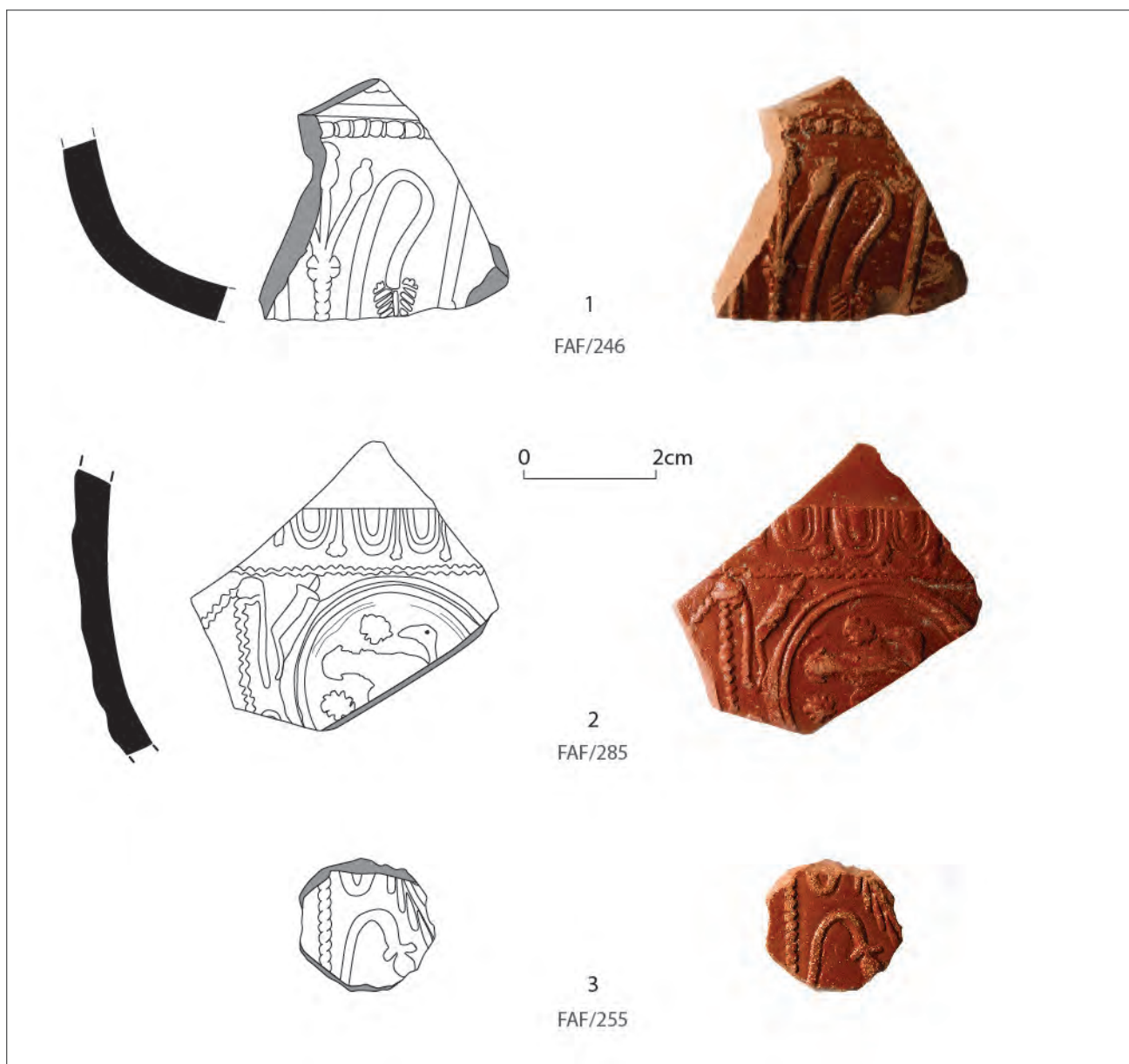


Fig. 10 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus A, C. 9*). *Terra sigillata* sudgálica decorada: 1 - Drag. 29; 2 - Drag. 29 ou 37; 3 - peça de jogo. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

tor, por vezes com fase de arrefecimento oxidante; o diâmetro interno da boca, determinado somente em um exemplar, é de 180mm.

Os “potes”/“panelas” com bordos sub-verticais ou ligeiramente encurvados para o interior, ou ainda extrovertidos, quer ligeiramente quer francamente encurvados para o exterior, e possuindo, em um caso, aba oblíqua, apresentam pastas de textura média a grosseira, cozedura redutora, por vezes com arrefecimento oxidante (núcleo anegrado e superfícies avermelhadas), e superfícies alisadas a toscas; o diâmetro interno da boca oscila entre 130mm e 200mm.

O contentor de grandes dimensões possui bordo ligeiramente encurvado para o exterior e colo de concavidade pouco pronunciada.

### Ocupação da Época Romana alto-imperial

A ocupação da Época Romana alto-imperial está representada por extensa lixeira que integra as Camadas 7 a 9 (9A-9D) do *Locus A*, selando a sequência estratigráfica pré-romana atrás referida.

Esta lixeira ter-se-ia formado ao longo da se-

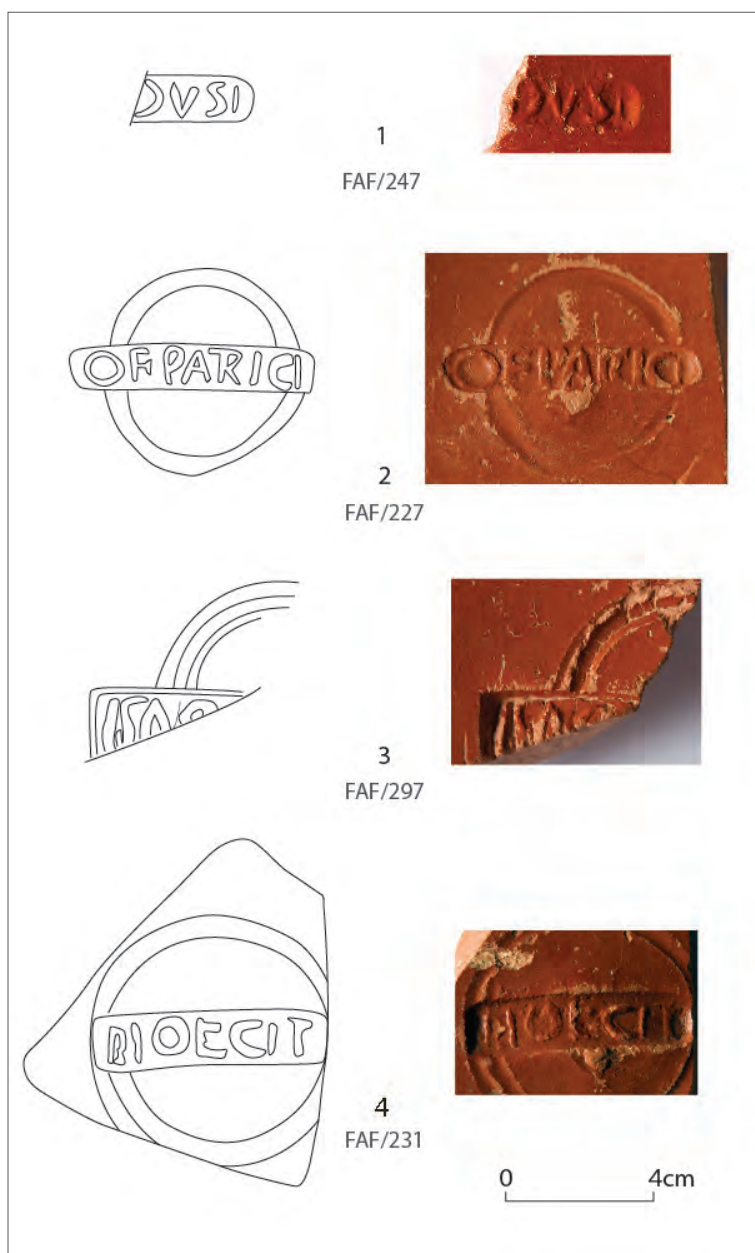


Fig. 11 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus A, C. 9*). Marcas de oleiro em *terra sigillata* sudgálica: 1 - [...]VSI; 2 - **OF PATRICI**; 3 - **ISA**[...]; 4 - **BIOECIT**. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

gunda metade do século I d.C., com prolongamento pelo século seguinte.

O único exemplar de *terra sigillata* de tipo itálico (Fig. 8: 1) exumado (Camada 9) pertence à forma *Consp.* 34, que abarca o intervalo situado entre o final do principado de Tibério e os Flávios (AA.VV., 1990, p. 112).

Na mesma camada (Figs. 8 e 9; Quadro 2) verifica-se o esmagador domínio da *terra sigillata* sudgálica sobre a hispânica (somente dois fragmentos, um da forma Drag. 15/17 e outro Drag. 18).

Seguindo a classificação e as cronologias propostas por Genin (2007), foram identificadas as seguintes formas de *terra sigillata* sudgálica lisa: Drag. 15/17B (40/50-90/110 d.C.); Drag. 18B (20/30-110/120 d.C.); Ritt. 8A (30/40-100/110 d.C.); Drag. 24/25A (15-80/90 d.C.); Drag. 27B (15-100/110 d.C.); Ritt. 12B (40/50-100/110). As formas de *terra sigillata* sudgálica decoradas (Fig. 10) reduzem-se à Drag. 29 e à Drag. 29 ou 37.

Das quatro marcas de oleiro em *terra sigillata* sudgálica encontradas na Camada 9 (Fig. 11; Quadro 3), só duas foram identificadas: uma (em exemplar de forma indeterminada) atribuída ao oleiro BIO, que laborou em La Graufesenque e Le Rozier de Nero a Vespasiano (?), segundo Polack (2000, p. 186), ou de 50-70/80, na proposta de Genin (2007, p. 184); outra, em taça Drag. 27, de PATRICIVS, cuja actividade está documentada a partir de Nero e se desenvolveu na época flaviana (Polack, 2000, p. 285), ou, segundo Genin (2007, p. 228 e 229), funcionou durante o intervalo de 70/80-150/170? d. C..

Este conjunto de *terra sigillata* é afim dos provenientes das UU.EE. 1375, 1397, 1408 de Almendralejo, nº41 (Mérida) datados de 50-60 d.C. (Bustamante Álvarez, 2013, Fig. 12). Porém, nestes contextos, a *terra sigillata* hispânica está ausente, o que não acontece na nossa Camada 9, que, como atrás referimos, forneceu um fragmento pertencente à forma Drag. 15/17 e outro à Drag. 18, ambos produzidos em La Rioja.

O conjunto anfórico identificado na Camada 9 (Fig. 26; Quadro 5) é constituído exclusivamente pela Dressel 14 e mostra, por um lado, escassez da sua variante A, que, nas olarias do Largo da Misericórdia, Setúbal (Tavares da Silva, 1996), e de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002) é datada do período de Tibério-Claudio; por outro lado, elevada frequência da variante B da mesma ânfora – a variante mais comum nos contextos da segunda metade do século I d. C. do Pinheiro e de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 1998 e 2002).

Os artefactos exumados da Camada 9 sugerem cronologia centrada no terceiro quartel do século I d. C., a partir do reinado de Nero.

\*\*\*

Quadro 2 - Rua Francisco Augusto Flamengo. *Terra sigillata*.

| FORMAS                    | LOCUS A         |                 |                |       |                 |     | LOCUS C |     |      |     |                |     |
|---------------------------|-----------------|-----------------|----------------|-------|-----------------|-----|---------|-----|------|-----|----------------|-----|
|                           | C.9             |                 | C.8            |       | C.7             |     | C.14    |     | C.12 |     | C.10           |     |
|                           | N               | NMI             | N              | NMI   | N               | NMI | N       | NMI | N    | NMI | N              | NMI |
| <b>T.S. tipo iltálico</b> |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| Consp.34                  | 1               | 1               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| <b>T.S.sudgálica</b>      |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| <i>Lisas</i>              |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| Drag.15/17                | 4               | 4               | -              | -     | 5               | 5   | -       | -   | -    | -   | 1              | 1   |
| Drag.18                   | 12 <sup>a</sup> | 12 <sup>a</sup> | 7              | 7     | 6               | 6   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Ritt. 8                   | 2               | 2               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 24/25               | 4               | 4               | 1              | 1     | 5               | 5   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 27                  | 9               | 9               | 5              | 5     | 10              | 10  | 1       | 1   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 33                  | -               | -               | 1              | 1     | 3               | 3   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 35/36               | 1               | 1               | -              | -     | 1               | 1   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Ritt. 12                  | 1               | 1               | -              | -     | 1               | 1   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| <i>Decoradas</i>          |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| Drag. 29                  | 2               | 2               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag.29 ou 37             | 1               | 1               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Ind.                      | 12 <sup>b</sup> | -               | 4 <sup>c</sup> | -     | 10              | -   | 2       | -   | -    | -   | 1 <sup>c</sup> | -   |
| <b>T.S. hispânica</b>     |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| <i>Lisas</i>              |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| Drag. 15/17               | 1               | 1               | 6              | 5     | 10              | 8   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag.18                   | 1               | 1               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 24/25               | -               | -               | -              | -     | 1               | 1   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 27                  | -               | -               | 3              | 3     | 3               | 3   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 33                  | -               | -               | -              | -     | 1               | 1   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 35                  | -               | -               | -              | -     | 1               | 1   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 46                  | -               | -               | -              | -     | 1               | 1   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| <i>Decoradas</i>          |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| Drag. 29 ou 37            | -               | -               | -              | -     | 1               | 1   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 30                  | -               | -               | 1 (?)          | 1 (?) | -               | -   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Drag. 37                  | -               | -               | 1              | 1     | 2               | 2   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| Ind.                      | -               | -               | 4 <sup>c</sup> | -     | 10 <sup>c</sup> | -   | -       | -   | -    | -   | -              | -   |
| <b>T.S. africana</b>      |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| <i>Africana C</i>         |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| Hayes 45 A                | -               | -               | -              | -     | -               | -   | 1       | 1   | -    | -   | -              | -   |
| <i>Africana D</i>         |                 |                 |                |       |                 |     |         |     |      |     |                |     |
| Hayes 58                  | -               | -               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | 1    | 1   | -              | -   |
| Hayes 59                  | -               | -               | -              | -     | -               | -   | 1       | 1   | -    | -   | -              | -   |
| Hayes 61 A                | -               | -               | -              | -     | -               | -   | 1       | 1   | -    | -   | -              | -   |
| Hayes 61                  | -               | -               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | 1    | 1   | -              | -   |
| Hayes 62                  | -               | -               | -              | -     | -               | -   | 1       | 1   | -    | -   | -              | -   |
| Hayes 91 A/B              | -               | -               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | -    | -   | 1              | 1   |
| Ind.                      | -               | -               | -              | -     | -               | -   | -       | -   | 1    | -   | 2 <sup>d</sup> | -   |

a - 1 exemplar de t.s.marmoreada

b - 1 exemplar de t.s. marmoreada; 1 exemplar de t.s. decorada

c - 1 exemplar de t.s. decorada

d - Decoração estampada

N - número fragmentos

NMI (Número Mínimo de Individuos) - número de exemplares pertencentes a recipientes distintos e apresentando elementos morfológicos característicos de determinada forma.

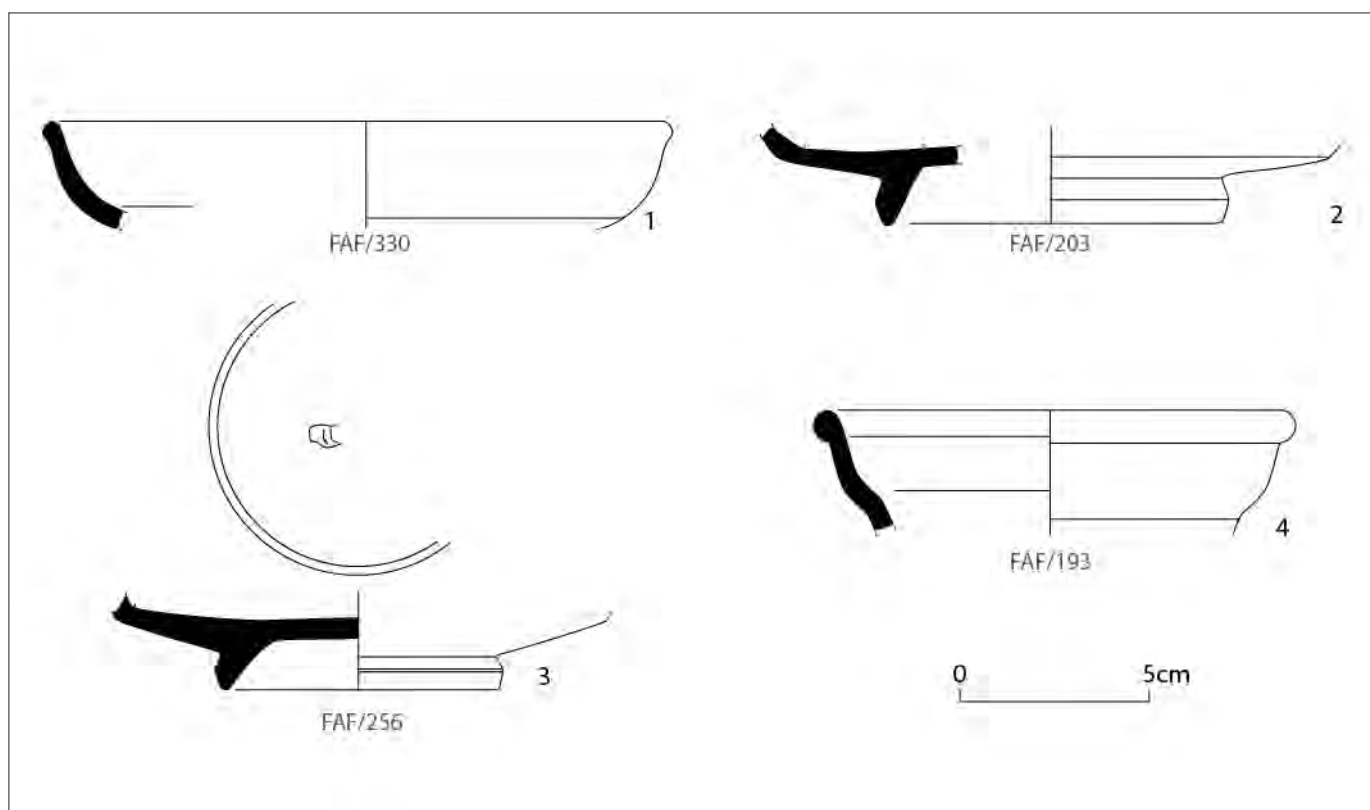


Fig. 12 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus A, C. 8*). *Terra sigillata* sudgálica: 1-3 - Drag. 18 (o nº 3 com a marca LL[...]); 4 - Drag. 27. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

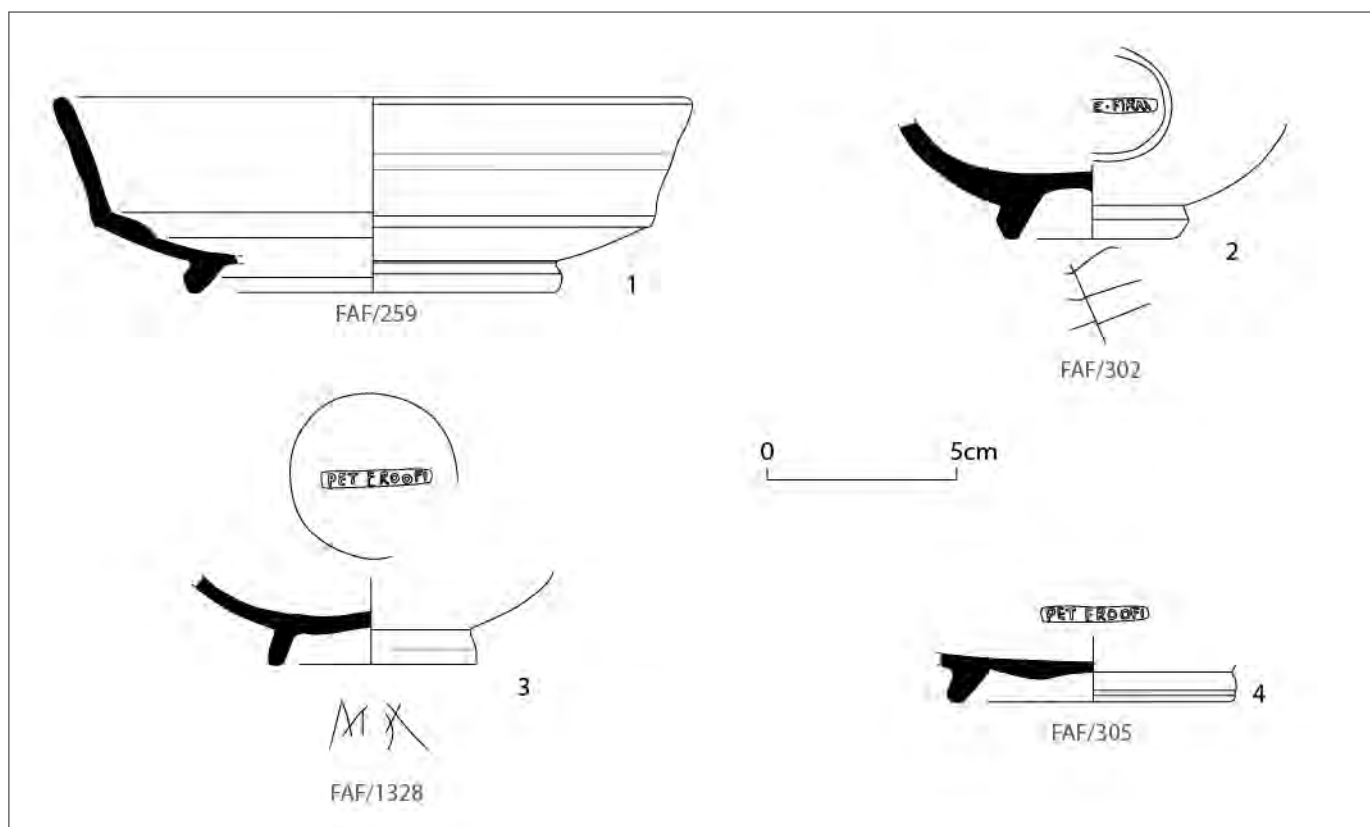


Fig. 13 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus A, C. 8*). *Terra sigillata* hispânica: 1 - Drag. 15/17; 2 - Drag. 27 com a marca [...]E. FIRM; 3 e 4 - Formas indeterminadas com a marca PET EROOFI. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

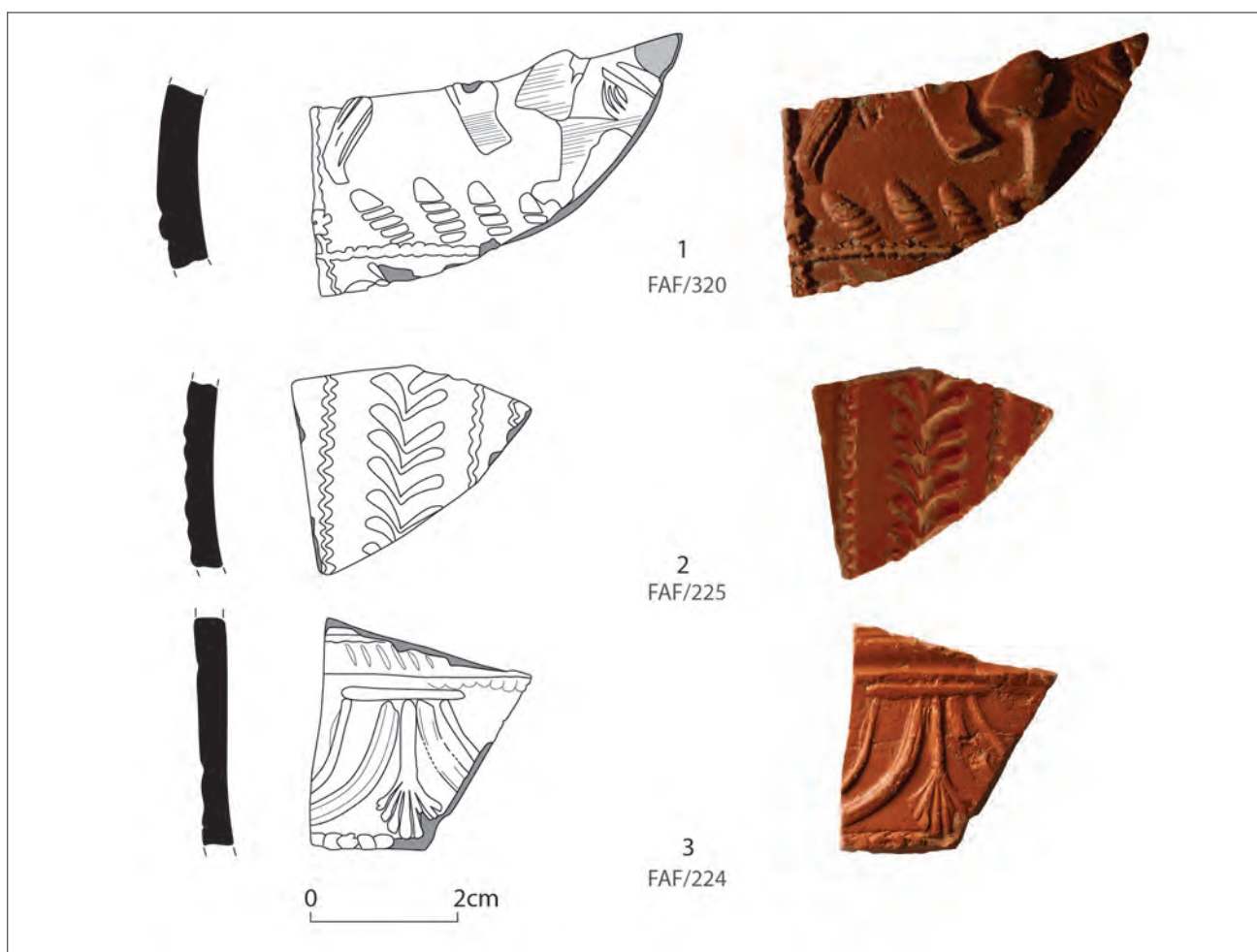


Fig. 14 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus A, C. 8*). *Terra sigillata* decorada: 1 - sudgálica, forma indeterminada; 2 - hispânica, forma indeterminada; 3 - hispânica Drag. 30? Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

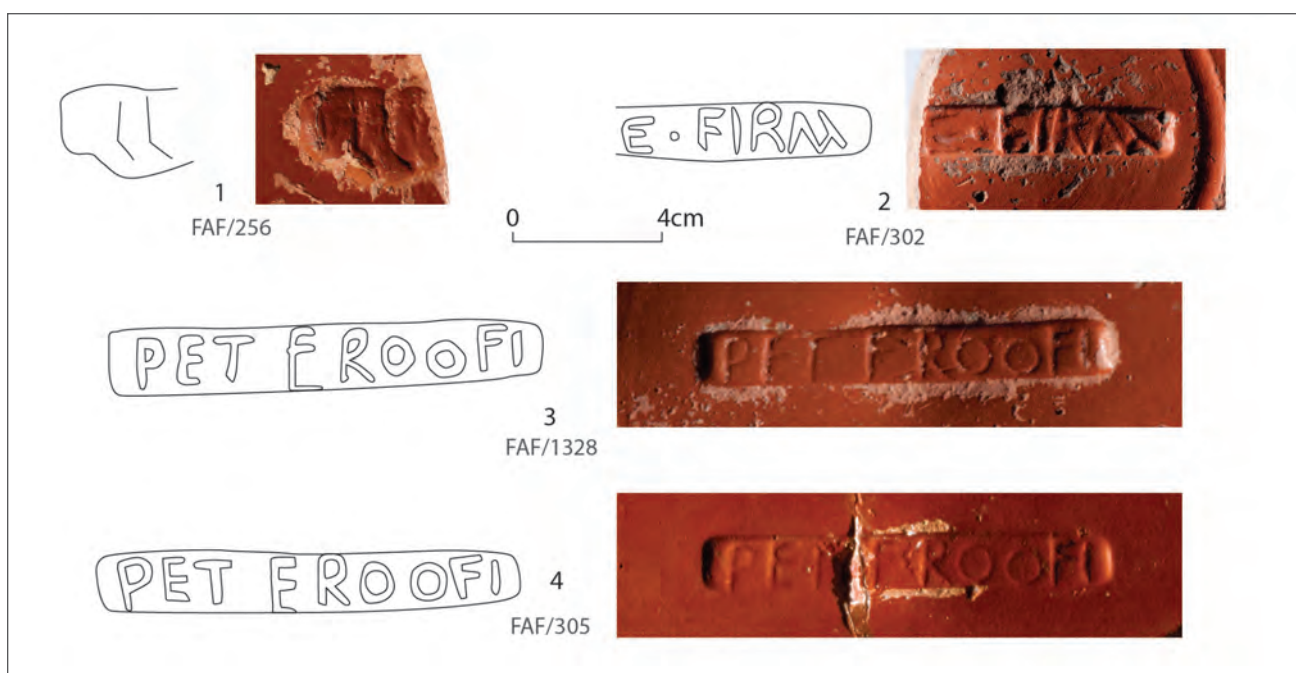


Fig. 15 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus A, C. 8*). Marcas de oleiro em *terra sigillata*: 1 - LL[...] (em *t. s.* sudgálica, forma indeterminada); 2 - [...]E. **FIRM**, do oleiro *Valerius Firmus* (em *t. s.* hispânica, Drag.27); 3 e 4 - **PET EROOFI**, do oleiro *Petronius Eros*. (em *t.s.* hispânica, forma indeterminada). Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.



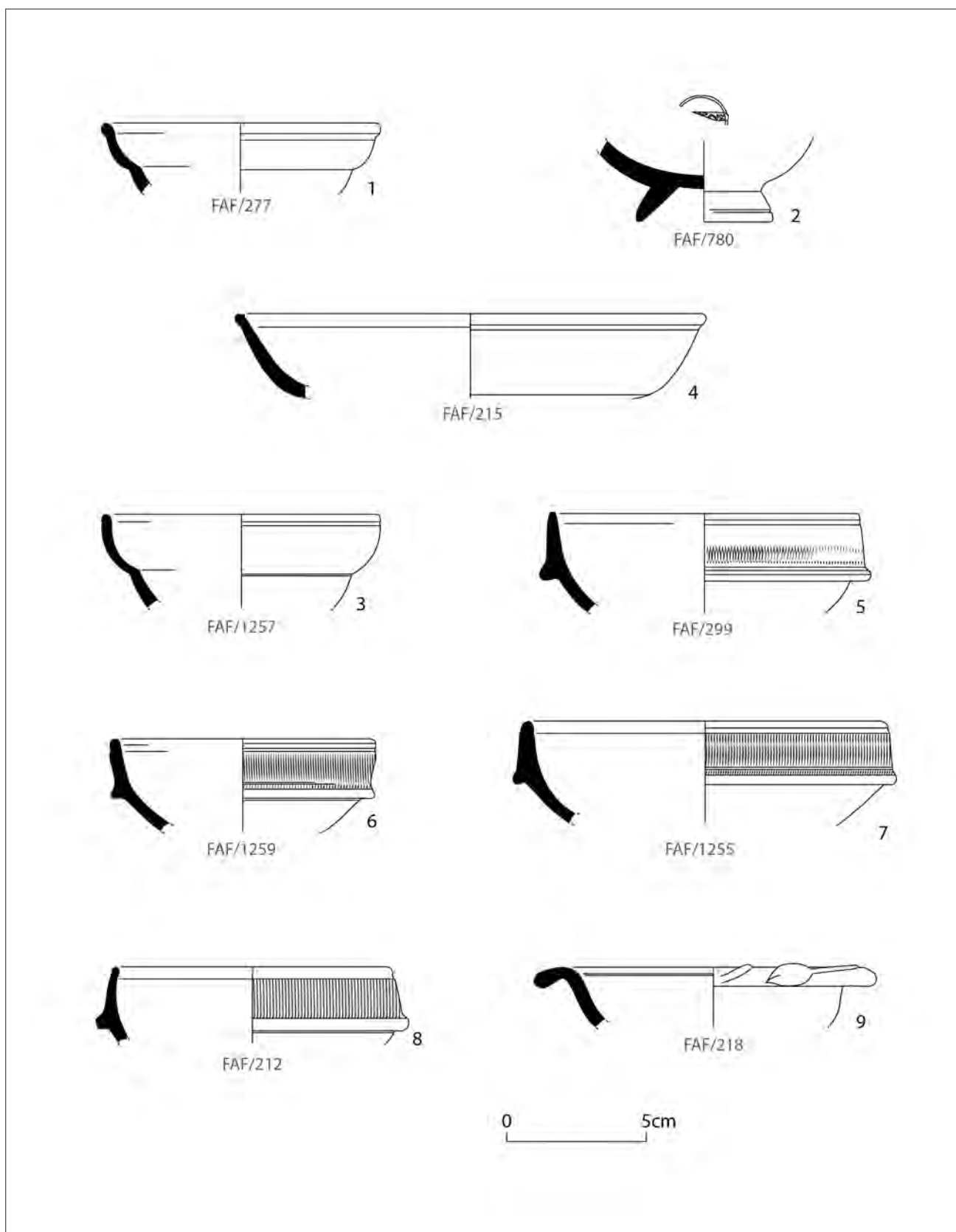


Fig. 16 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus* A, C. 7). *Terra sigillata* sudgálica: 1-3 - Drag. 27 (o nº2 com a marca [...]ECVN); 4- Drag. 18; 5-8 - Drag.24/25; 9 - Drag. 35/36. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

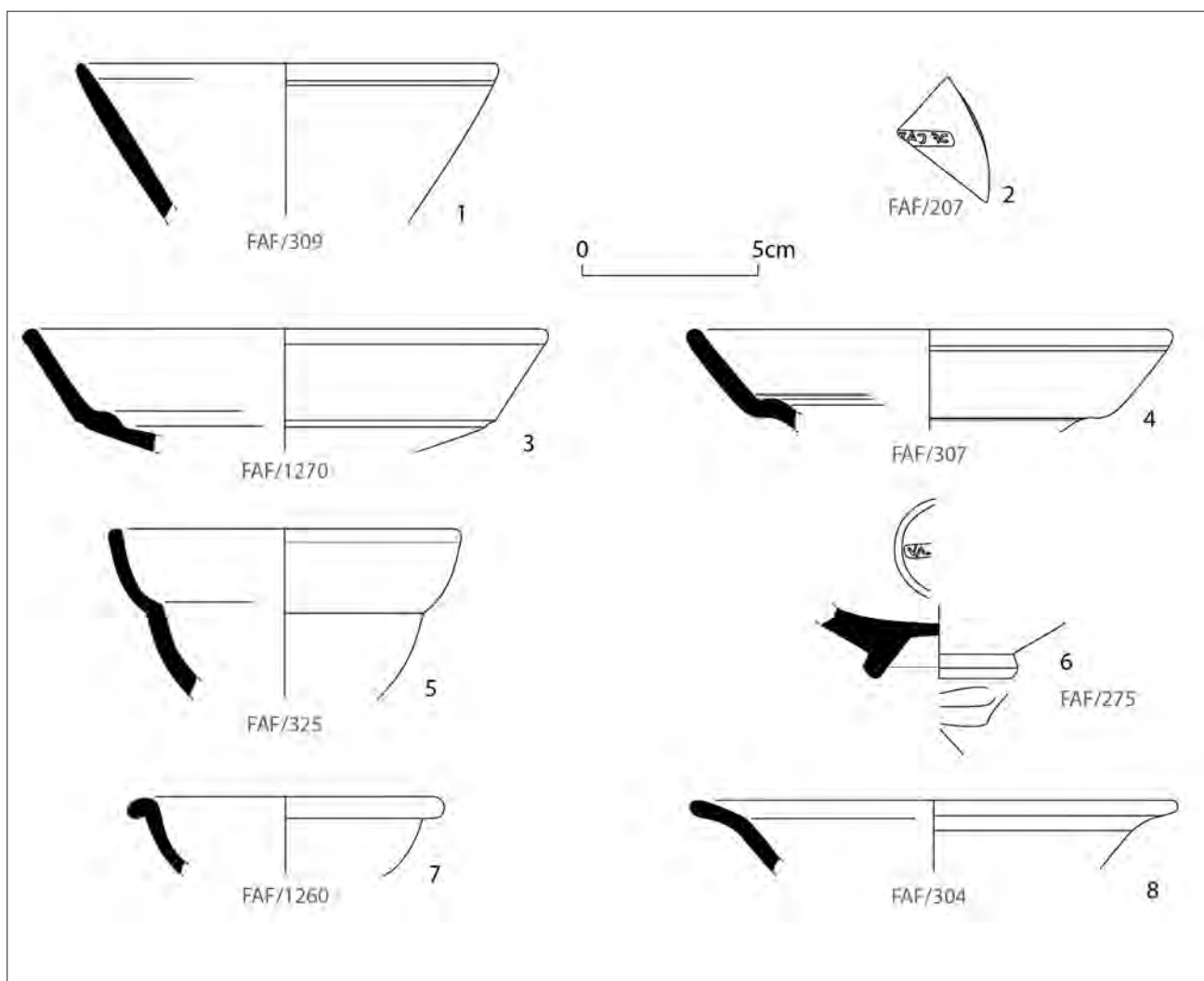


Fig. 17 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (Locus A, C. 7). *Terra sigillata* sudgálica: 1 - Drag. 33; 2 - forma indeterminada com a marca **OF CAT**[...], retrógrada. *Terra sigillata* hispânica: 3 e 4 - Drag. 15/17; 5 e 6 - Drag. 27 (o nº6 apresenta a marca **VAL**[...]); 7 - Drag. 35/36; 8 - Drag. 46. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

Nas Camadas 8-7, a *terra sigillata* sudgálica continua a predominar (Quadro 2); apresenta sete marcas (Figs. 12-15, 16-18; Quadro 3): uma atribuível a CATLVS (em exemplar de forma indeterminada), oleiro do Sul da Gália que produziu no período de Tibério-Cláudio (Polack, 2000, p. 201), ou entre 15-50/60 d.C. ? (Genin, 2007, p. 190), ou, menos provavelmente a CATVS, de La Graufesenque, activo entre 15 e 30 d. C. (Genin, 2007, p. 190). Este exemplar encontrava-se deslocado do seu contexto original.

Outra marca (em exemplar de Drag. 27) é de SECVNDVS I ou II. SECVNDVS I esteve activo no período de Tibério-Cláudio (Polack, 2000, p. 322) ou entre 15 e 70 d.C. (Genin, 2007, p. 243 e 244); SE-

CVNDVS II teria laborado no 3º quartel do século I (Polack, 2000, p. 323) ou entre 70/80 e 150/170? (Genin, 2007, p. 244).

Em *terra sigillata* hispânica, quase totalmente produzida em La Rioja, surgiram, nas Camadas 8 e 7, marcas correspondentes aos seguintes oleiros (Figs. 13 e 15; Quadro 3):

- PETRONIVS EROS (em 2 exemplares de formas indeterminadas), oleiro de La Rioja, de 70-100 d.C. (Bustamante Álvarez, 2013, Fig. 257).

- VALERIVS FIRMVS (Drag. 27), oleiro de La Rioja<sup>5</sup>.

No que se refere à tipocronologia da *terra sigillata* hispânica é de salientar que: a Drag. 15/17

5 - Contámos, na análise da *terra sigillata* alto-imperial com a relevante colaboração dos Drs. Eurico de Sepúlveda e Inês S. A. Alves Ribeiro, a quem muito agradecemos.

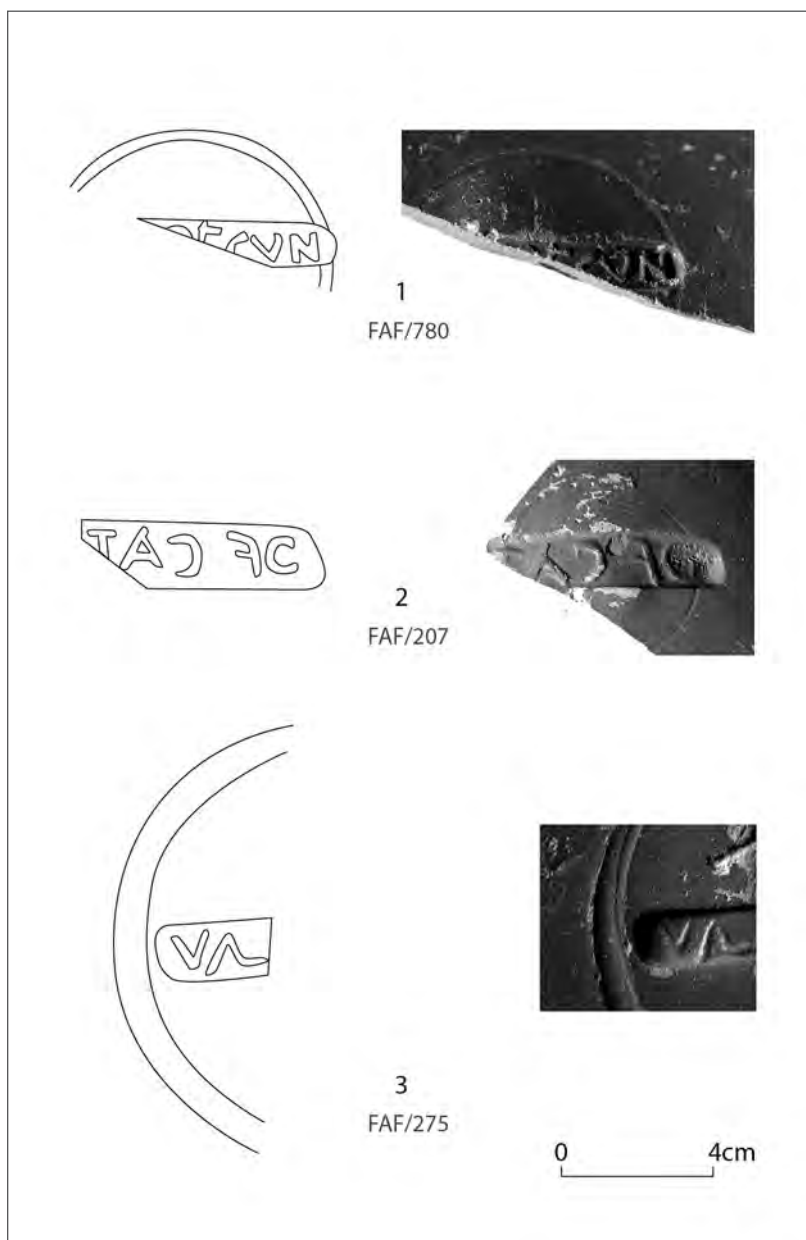


Fig. 18 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira alto-imperial (*Locus A, C. 7*). Marcas de oleiro em *terra sigillata*. Sudgálica: 1 - [...]**EVCVN**, do oleiro *Secundus* I ou II; 2 - **OF CAT** [...], retrógrada, atribuível a *Catulus* ou *Catus*. Hispânica: 3 - **VAL** [...], atribuída a um dos oleiros *Valerius*. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

ocorre nas variantes *c* (época flaviana e século II d.C.) e *e-fase alto-imperial* (finais do século I e século II d.C.), de acordo com Bustamante Álvarez, 2013, p. 84 e 85, Fig. 39; a Drag.27 apresenta perfis datáveis da época de Trajano (Bustamante Álvarez, 2013, p. 97); a Drag. 35, com decoração de barbotina, é datável do século II (variante *b* de Bustamante Álvarez, 2013, p. 105, Fig. 67); e a Drag. 46 surge em Almendralejo, 41 (Mérida), preferencialmente, nas UU.EE. datadas de 80-90 e 90-100 d.C. (Bustamante

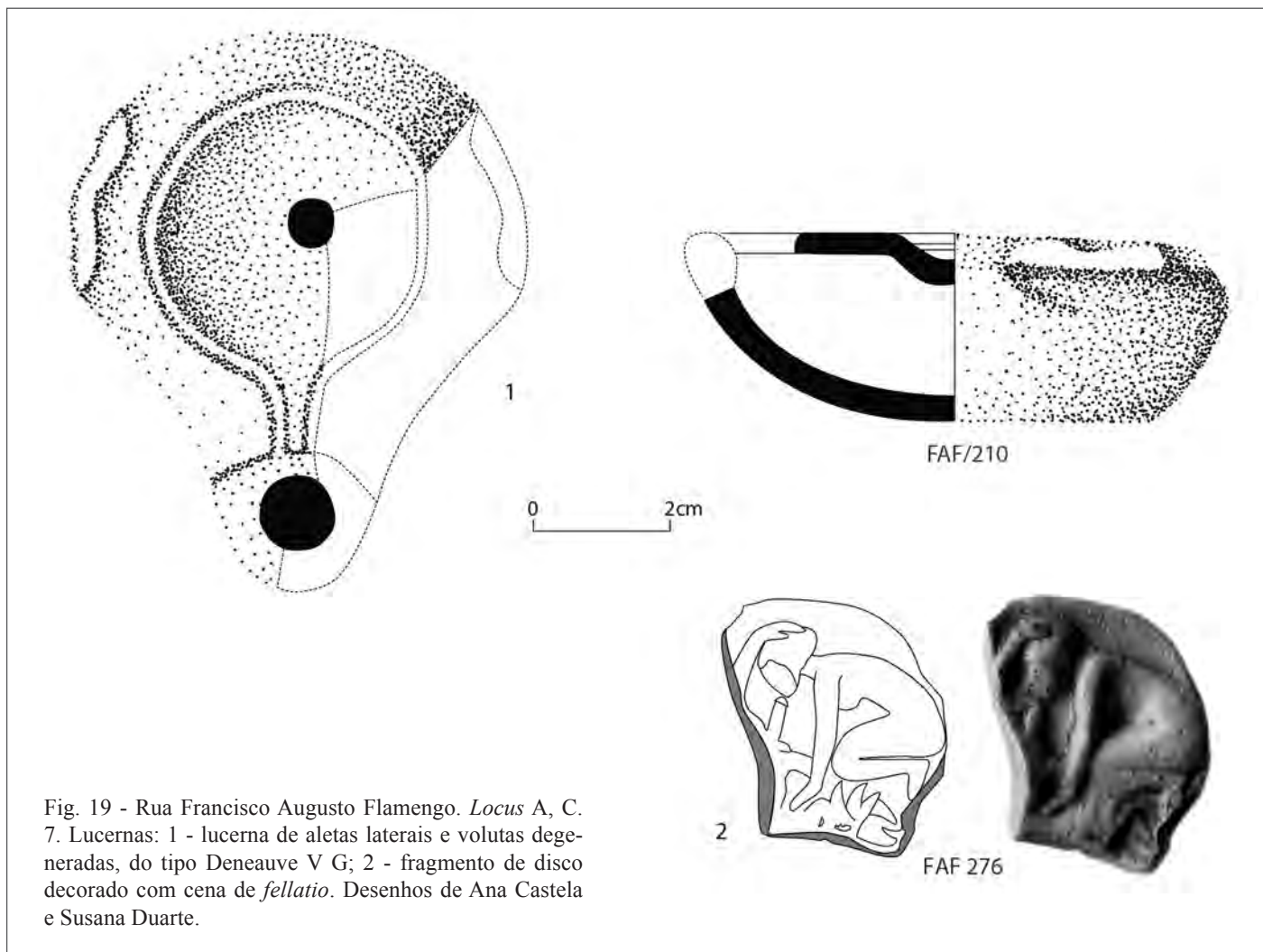
Álvarez, 2013, p. 115, Fig. 80).

A camada 7 forneceu também duas lucernas (Fig. 19): uma do tipo Deneauve VG (“lucernas de volutas degeneradas e aletas laterais”); a outra, representada por fragmento de disco, mostra cena de *fellatio*, com estreitos paralelos em exemplar proveniente de Pompeia (Clarke, 2003, p. 124) pertencente ao tipo Deneauve VA ou Dressel - Lamboglia 11B. Ambos os tipos, comuns no segundo quartel do século I d.C., atingiram o final do mesmo século (Deneauve, 1969; Belchior, 1969).

As cronologias estimadas para os materiais anteriormente apresentados sugerem que a formação das Camadas 8-7 ter-se-ia iniciado no último quartel do século I d.C.; prolongou-se certamente pelo século seguinte, o que é evidenciado não só por alguns tipos de *terra sigillata*, mas também pela elevada frequência da variante C da ânfora Dressel 14 (Quadro 5), variante datada do século II na olaria romana do Pinheiro (Mayet & Tavares da Silva, 1998).

As Camadas 8-7 forneceram artefactos deslocados do seu contexto original, como os exemplares de ânforas Haltern 70 e Oberaden 83 (Figs. 27 e 28) que indicam que a ocupação do local remonta, na Época Romana, provavelmente ao período de Júlio-Cláudio, ou mesmo ao tardo-repúblicano (no caso da Haltern 70). O mesmo se poderá dizer da presença das fibulas de charneira e arco triangular de tipo Ponte 41.1b (Fig. 31), o qual embora possa ter atingido o final do século I d.C., teve a sua máxima frequência durante a época de Augusto (Ponte, 2006, p. 347).

O acentuado carácter doméstico dos componentes desta lixeira é muito evidente não só pelos vestígios de utilização patentes em muitos exemplares de *terra sigillata* (especialmente no fundo externo) e de cerâmica comum (de assinalar a abundância e a grande diversidade morfo-funcional – Figs. 20-25 –, sendo de destacar, pelo interesse cronológico que revela, a elevada frequência de bordos de panelas, potes e potinhos formando garganta interna, e de bordos de tachos e panelas dobrados sobre o



Quadro 3 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Marcas de oleiro em *terra sigillata*.

| Inv.     | Locus | Camada | Leitura               | Oleiro                                  | Forma    | Centro          | Cronologia                         | Ref.                                       | Fig.  |
|----------|-------|--------|-----------------------|---|----------|-----------------|------------------------------------|--|-------|
| FAF/231  | A     | 9      | BIOFECIT              | <i>Bio</i>                              | Ind.     | La Graufesenque | 50-70/80                           | Genin, 2007, p.184.                        | 11:04 |
| FAF/207  | A     | 7      | OF CAT[...] retrógada | <i>Catlus</i><br><i>Catus</i>           | Ind.     | La Graufesenque | 15-50/60 d.C. ?<br>15 a 30 d.C.    | Genin, 2007, p.190.<br>Genin, 2007, p.190. | 18:02 |
| FAF/227  | A     | 9      | OF PATRICI            | <i>Patricius</i>                        | Drag. 27 | La Graufesenque | 70/80-150/170 d.C.?                | Genin, 2007, p.229.                        | 11:02 |
| FAF/780  | A     | 7      | [...]ECVN             | <i>Secundus I</i><br><i>Secundus II</i> | Drag.27  | La Graufesenque | 15-70 d.C.<br>70/80-150/170 d.C. ? | Genin, 2007, p.243 e 244.                  | 18:01 |
| FAF/297  | A     | 9      | ISA[...]              | Ind.                                    | Ind.     |                 |                                    |  | 11:03 |
| FAF/256  | A     | 8      | LL[...]               | Ind.                                    | Drag.18  |                 |                                    |  | 15:01 |
| FAF/247  | A     | 9      | [...]VSI              | Ind.                                    | Drag.18  |                 |                                    |  | 11:01 |
| FAF/1328 | A     | 8      | PET EROOFI            | <i>Petronius Eros</i>                   | Ind.     | La Rioja        | 70-100 d.C.                        | Bustamante, 2013, Fig. 257                 | 15:03 |
| FAF/305  | A     | 8      | PET EROOFI            | <i>Petronius Eros</i>                   | Ind.     | La Rioja        | 70-100 d.C.                        | Bustamante, 2013, Fig. 257.                | 15:04 |
| FAF/302  | A     | 8      | [...]E.FIRM           | <i>Valerius Firmus</i>                  | Drag.27  | La Rioja        |                                    | Mayet, 1984, p.181.                        | 15:02 |
| FAF/275  | A     | 7      | VAL[...]              | <i>Valerius*</i>                        | Drag.27  | La Rioja        |                                    | Mayet, 1984, Pla. CCXIX:670, 674.          | 18:03 |

\* Atribuída a um dos oleiros *Valerius* de La Rioja.

Quadro 4 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Tipologia (referida à de S. Cucufate) da cerâmica comum da Época Romana (NMI), das ocupações alto-imperial (Cs. 9-7) e baixo-imperial (Cs. 14-10).

| Categorias morfo-funcional | Variante                             | S. Cucufate | Distribuição estratigráfica |                |                |                |                |      |
|----------------------------|--------------------------------------|-------------|-----------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|------|
|                            |                                      |             | Locus A                     |                |                | Locus C        |                |      |
|                            |                                      |             | C.9                         | C.8            | C.7            | C.14           | C.12           | C.10 |
| Prato                      | Bordo direito                        | I-A-1/4     | 1                           | 1              | 10             |                |                |      |
|                            | Carenado                             | I-A-6       |                             |                | 2              |                |                |      |
|                            | Bordo introvertido                   | I-B         |                             | 15             | 33             | 3              | 3              | 7    |
| Prato covo                 | Bordo em aba                         | i-C-3/4     |                             |                | 1              |                |                |      |
|                            | Bordo direito                        | II-A        |                             | 3              | 3              |                | 1              | 1    |
|                            | Bordo introvertido                   | II-B        | 1                           |                | 3 <sup>a</sup> | 1              |                | 2    |
| Tigela                     | Bordo direito                        | III-A-1/2   | 3                           | 5              | 25             |                | 1              |      |
|                            | Carenada                             | III-A-3/4   |                             | 2              |                | 1 <sup>c</sup> |                | 2    |
|                            | Bordo introvertido                   | III-B       | 4                           | 1              | 4              |                |                | 2    |
|                            | Bordo em aba                         | III-C-2     |                             | 1              | 1              |                |                |      |
|                            | Bordo c. esp. externo                | III-C-3     |                             |                | 2              |                |                |      |
| Almofariz                  | Taça hemisférica                     |             |                             |                | 1              |                |                |      |
|                            | Bordo triangular                     | IV-D        |                             |                | 1 <sup>b</sup> |                |                |      |
|                            | Bordo em martelo                     | cf. IV-A    |                             |                | 3 <sup>b</sup> |                |                |      |
|                            | Ind.                                 |             |                             | 1 <sup>b</sup> | 2 <sup>b</sup> |                |                |      |
| Alguidar                   | Dramont D2                           |             |                             |                |                | 1 <sup>d</sup> |                |      |
|                            | Bordo em aba e parede reentrante     | cf. V-A-1   |                             |                | 2              | 1              | 2              | 3    |
|                            | Bordo triangular                     | V-A-2       |                             |                |                |                |                | 4    |
| Terrina                    | Bordo em aba e parede não reentrante | V-B-1       |                             |                |                | 4              | 2              |      |
|                            | Bordo extrovertido                   | cf. VI-A-3  |                             |                | 1              |                |                |      |
|                            | Bordo direito; asas horizontais      | VI-C-1      |                             |                | 1 <sup>b</sup> |                |                |      |
| Tacho                      | Bordo com esp. externo               | VI-B-2 (?)  |                             |                |                |                |                | 1    |
|                            | Bordo dobrado sobre o ombro          | VII-A-1     | 2                           | 20             | 79             |                |                | 1    |
|                            | Bordo em aba descolado do bojo       | VII-B-2/3   | 4                           | 9              | 11             | 1              |                | 3    |
| Panela                     | Bordo extrovertido anguloso          | VII-B-4     |                             |                | 1              |                | 2              | 6    |
|                            | Bordo extrovertido arqueado          | VII-B-5     | 1                           |                |                | 1              |                |      |
|                            | Bordo dobrado sobre o ombro          | VIII-A      | 5                           | 1              | 11             | 1              | 1              | 1    |
| Pote                       | Bordo extrovertido                   | VIII-B      |                             | 1              | 8              | 6              | 2              | 4    |
|                            | Bordo com garganta interna           | VIII-C      | 5                           | 11             | 22             |                |                |      |
|                            | Bordo extrovertido                   | IX-A        |                             |                |                |                | 1              |      |
| Potinho                    | Bordo espessado e introvertido       | IX-B-2      |                             | 2              | 1              |                | 1              |      |
|                            | Bordo com garganta interna           | IX-C-1      |                             | 2 <sup>a</sup> | 7              |                |                |      |
|                            | Ind.                                 |             | 1                           |                |                |                | 1              |      |
| Jarro                      | Bordo extrovertido                   | X-A         |                             | 1              | 4              | 1              |                | 1    |
|                            | Bordo com garganta interna           | XB          | 2                           | 2              | 21             |                |                |      |
|                            | Ind.                                 |             |                             |                |                |                | 1 <sup>c</sup> |      |
| Bilha                      | Bordo extrovertido                   | XI-A        | 1                           | 3              | 14             |                |                |      |
|                            | Bocal trilobado                      | XI-A-1/2    | 1                           | 7              | 6              | 4              |                |      |
|                            | Bordo extrovertido e espessado       | XI-A-3      |                             | 3              | 4              | 1              |                |      |
| Talha                      | Bordo extrovertido                   | XII-A       |                             | 3              | 7              | 4 <sup>a</sup> |                |      |
|                            | Colo com dobra                       | XII-B       |                             | 1              | 2              |                |                | 1    |
|                            | Bordo direito e colo em L            | XII-C-2     |                             | 1              | 1              |                |                |      |
| Tampa                      | Colo alto e cilíndrico               |             | 1                           |                |                |                |                |      |
|                            | Bordo direito com esp. externo       |             |                             |                |                | 1              |                |      |
|                            | Bordo horizontal                     | XIII-A      | 6                           | 2              | 6              |                |                |      |
| Tampa                      | Bordo simples para tacho/panela      | XIV-A-1     | 22                          | 34             | 73             |                |                | 3    |
|                            | Bordo simples para talha             | XV-B-1      | 1                           | 6              | 12             | 3              | 1              | 1    |
|                            | Bordo com esp. externo para talha    | XV-A1       |                             | 1              |                |                |                |      |
|                            | Bordo com esp. interno para talha    |             |                             |                |                |                | 1              |      |
|                            | Bordo com pé                         | XIV-B       |                             | 1              |                |                | 1              | 1    |
|                            | Bordo em "colchete" interno          |             |                             |                | 1              |                |                |      |

a - 1 exemplar de importação

b - Exemplares de importação

c - Decorada por dilitações

d - Exemplar de importação com marca **M.V**[...]

NMI (Número Mínimo de Individuos) - exemplares com bordo pertencentes a recipientes distintos

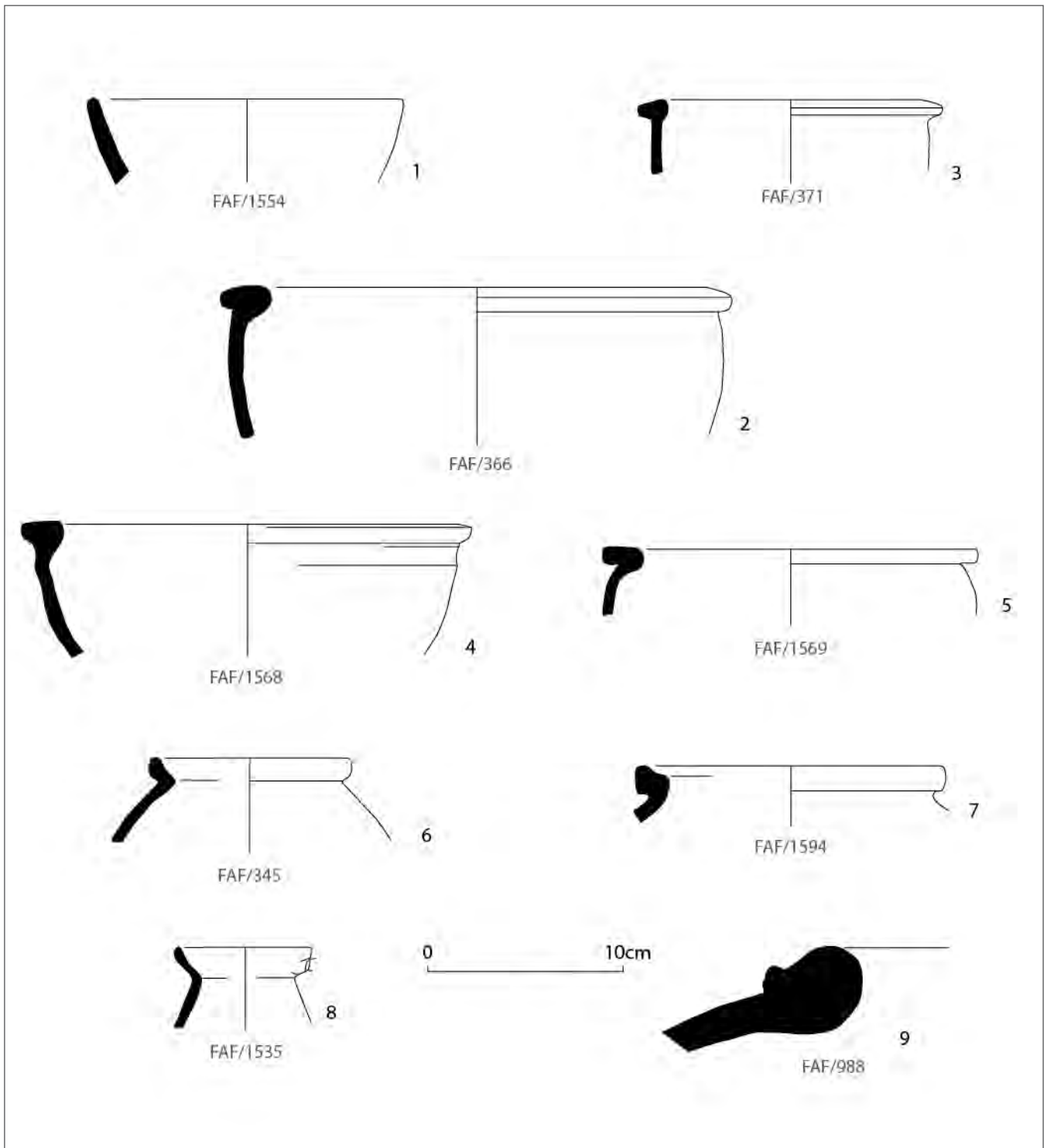


Fig. 20 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus* A, C. 9). Cerâmica comum: 1 - tigela; 2-4 - tachos; 5-7 - panelas; 8 - potinho; 9 - talha. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

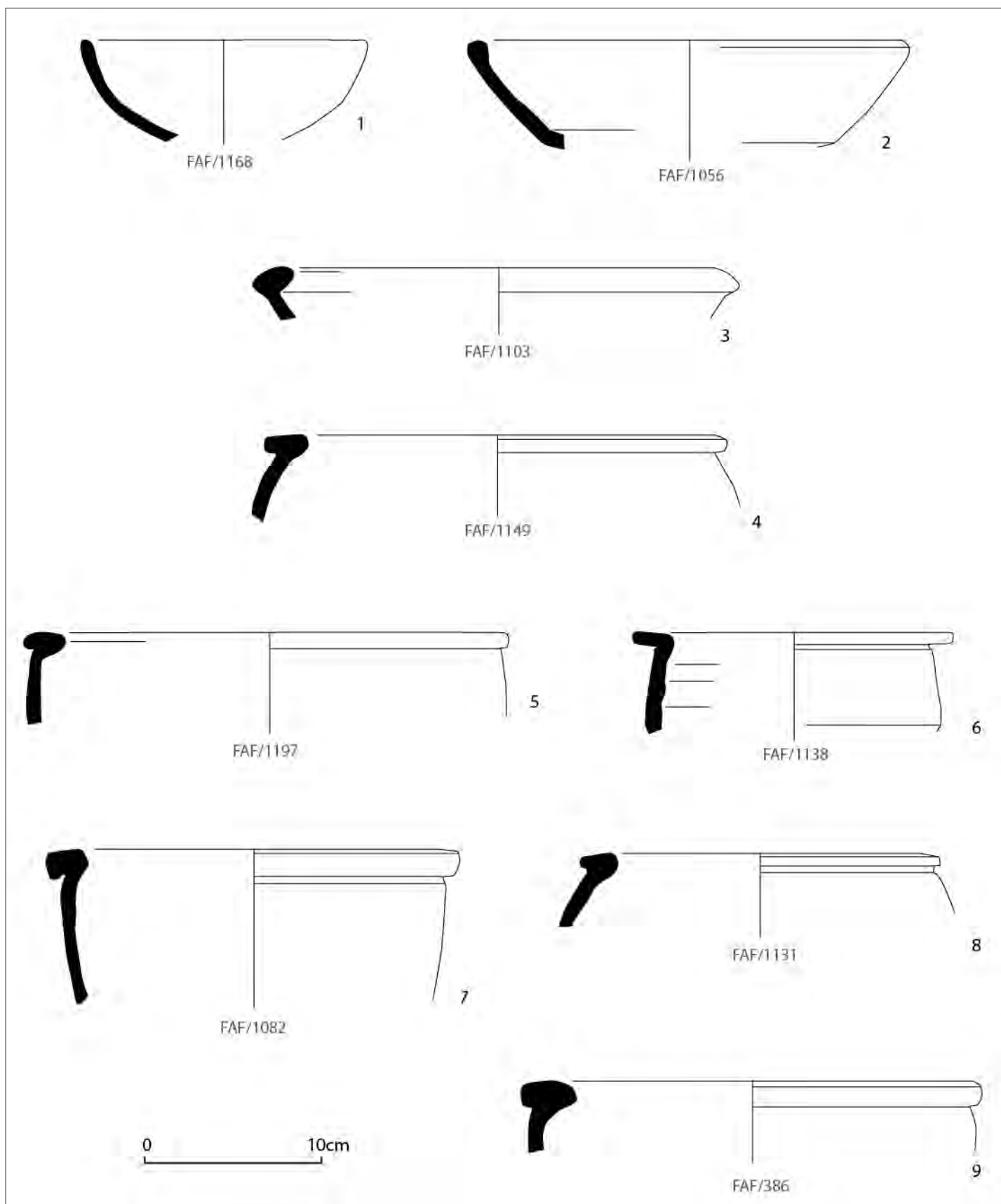


Fig. 21 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus* A, C. 8). Cerâmica comum: 1 - tigela; 2 - prato covo; 3 - almofariz (de importação); 4-7 - tachos; 8 - panela; 9 - pote. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

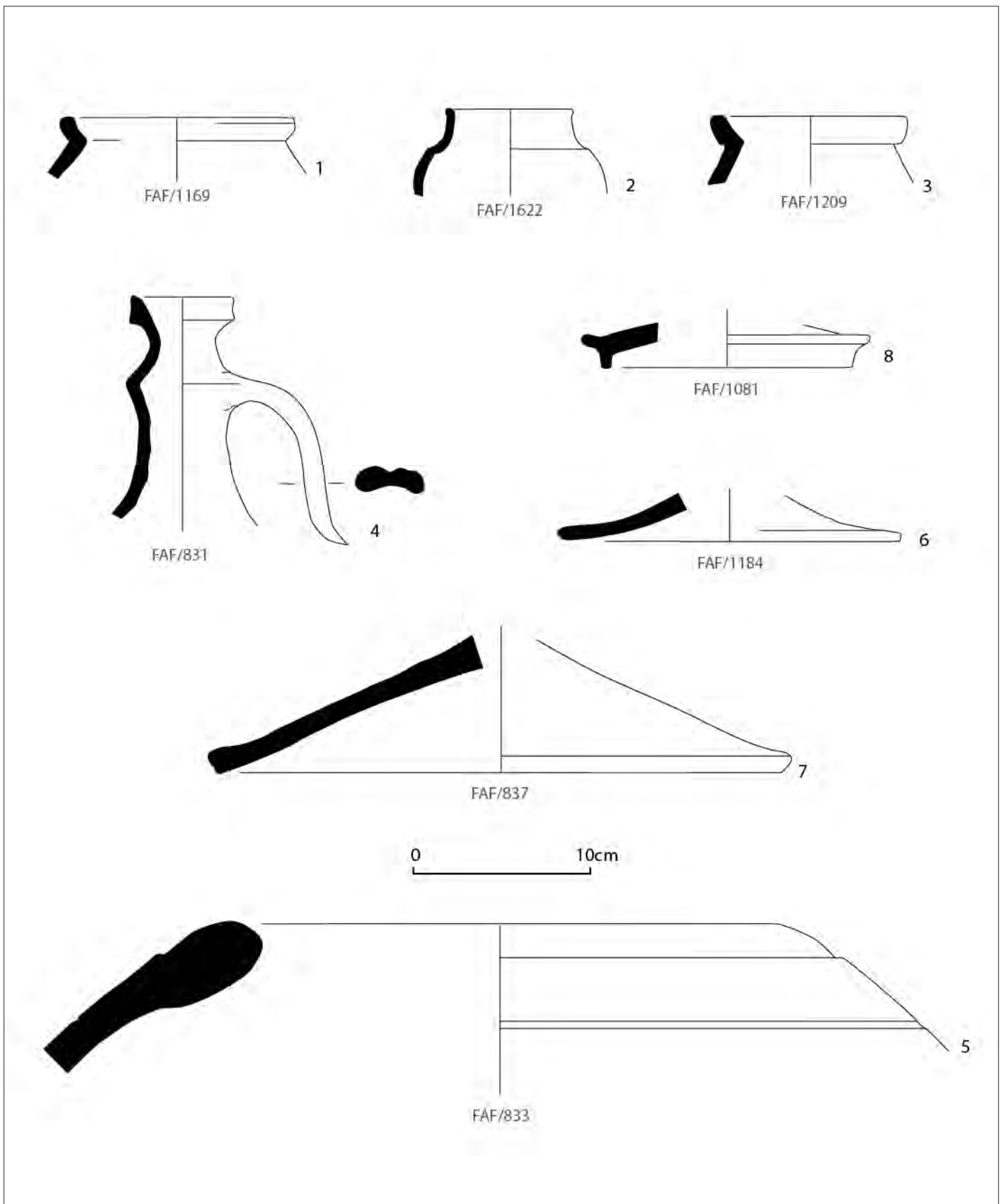


Fig. 22 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus A, C. 8*). Cerâmica comum: 1 - pote; 2 - potinho; 3 - pote (de importação?); 4 - bilha; 5 - talha; 6-8 - tampas. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.



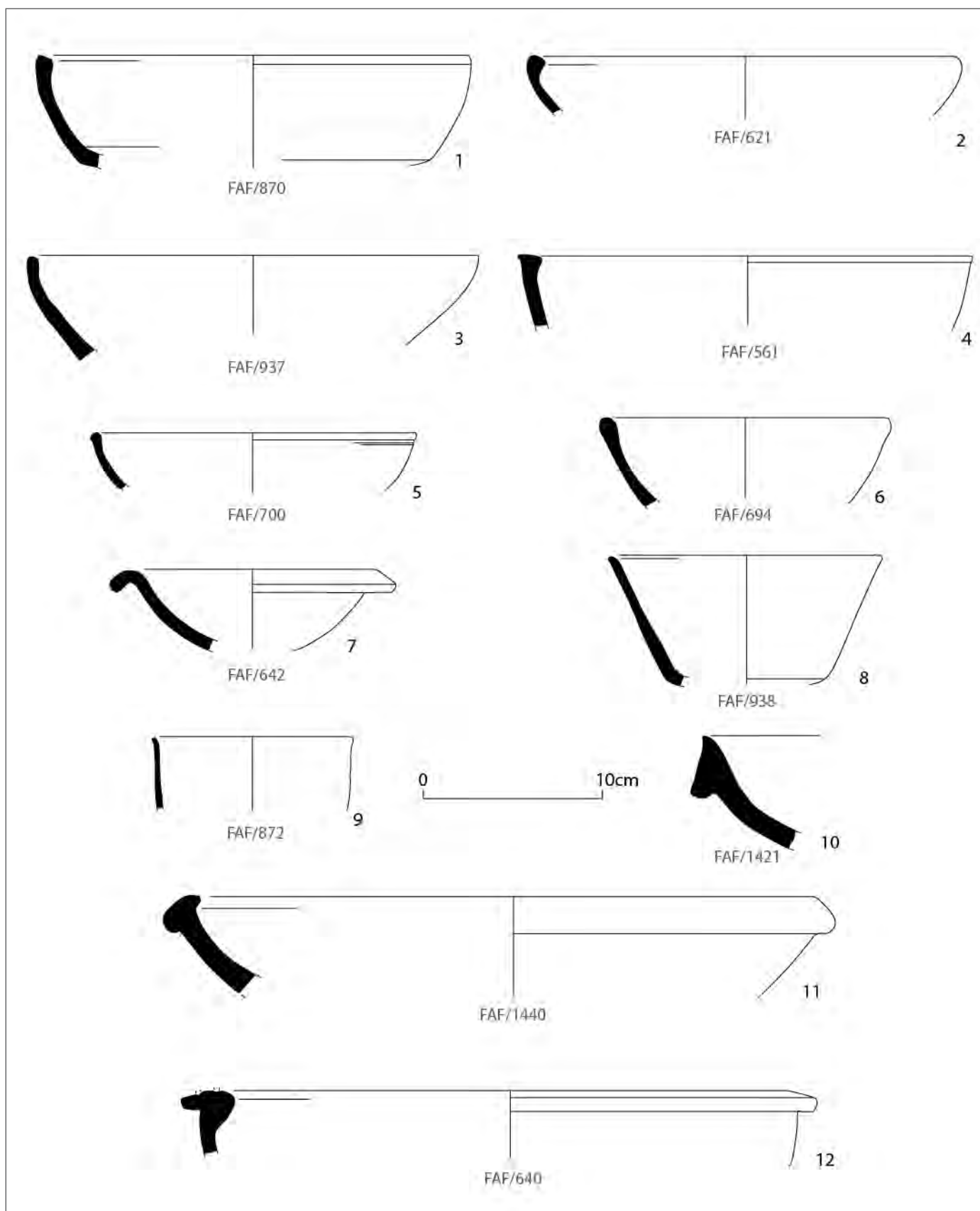


Fig. 23 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus* A, C. 7). Cerâmica comum: 1-2 - pratos; 3-4 - prato covo; 5-8 - tigelas; 9 - taça (imitação de paredes finas); 10 - almofariz (produção itálica); 11 - almofariz (produção bética); 12 - alguidar. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

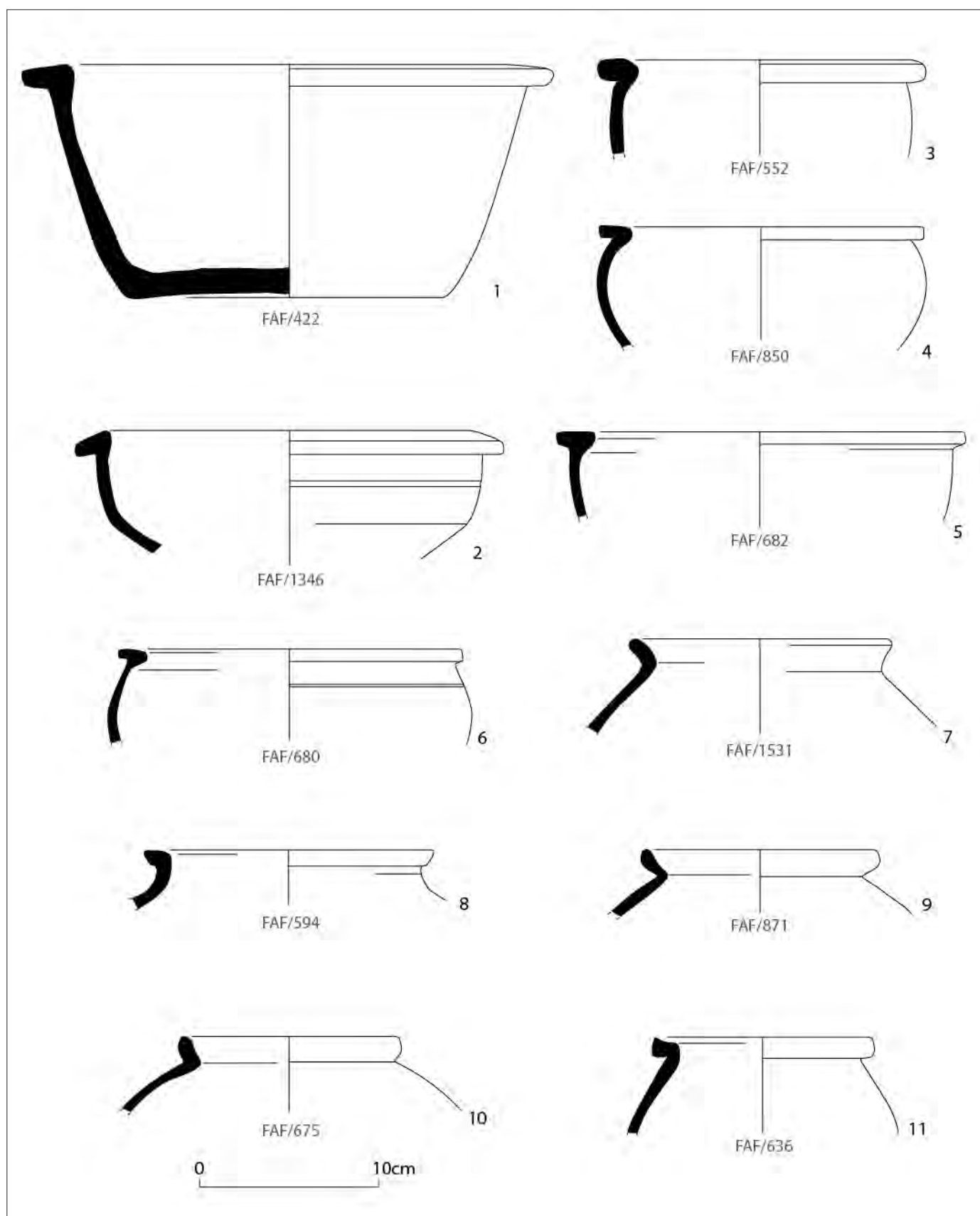


Fig. 24 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus* A, C. 7). Cerâmica comum: 1 - alguidar; 2 - terrina; 3-5 - taches; 6-10 - panelas; 11 - pote. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

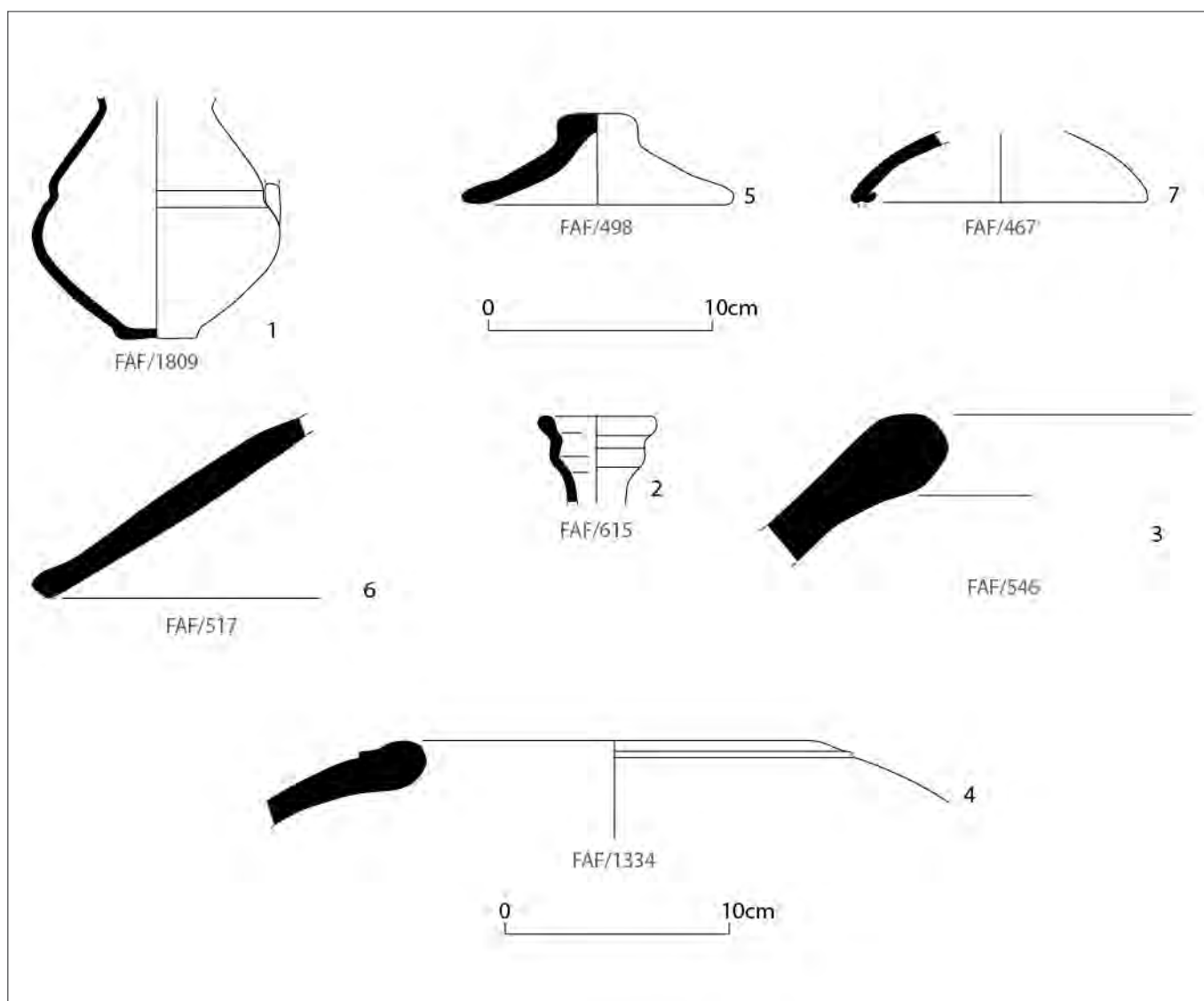


Fig. 25 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus A, C. 7*). Cerâmica comum: 1 - jarro; 2 - bilha; 3-4 - talhas; 5-7 - tampas. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

ombro – Quadro 4), mas também pelos restos de cozinha, constituídos sobretudo por partes esqueléticas de mamíferos.

Por outro lado, a lixeira continha materiais rejeitados talvez no âmbito de actividades comerciais. Referimo-nos ao elevado número de ânforas (Figs. 26-30; Quadro 5) em que a Dressel 14, produzida local/regionalmente e de conteúdo piscícola (dois exemplares continham restos de preparados de peixes), e que predomina grandemente, era acompanhada por formas importadas com origens geográficas muito diversas: Egeu (ânfora vinária da classe 9 de Peacock & Williams), Península Itálica (ânfora vinária Dressel 2-4), sul da França (ânfora vinária Gaulesa 4) e sul de Espanha (ânforas Haltern 70 e oleária Oberaden 83).

### Ocupação da época romana baixo-imperial

A ocupação baixo-imperial está representada no lote da Rua Francisco Augusto Flamengo pelo reservatório de água identificado no *Locus C* (Figs. 32-35) durante a primeira campanha de escavações arqueológicas e pelos níveis estratigráficos que integram o seu enchimento sedimentar.

Na escavação realizada na área deste reservatório foi posto a descoberto o que restava dos lados sul e este, no âmbito do nosso lote.

O muro sul (m.5) que se inicia no Q. K17, perpendicularmente ao muro este (m.6), como se verificou na primeira campanha, encontra-se neste momento à vista numa extensão de 10,5m, prou-

Quadro 5 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Ânforas (NMI) da Época Romana.

| FORMA          |                         | LOCUS A       |     |      | LOCUS C         |      |      |
|----------------|-------------------------|---------------|-----|------|-----------------|------|------|
|                |                         | C.9           | C.8 | C.7  | C.14            | C.12 | C.10 |
| IMPORTAÇÃO     | Dressel 2-4             |               | 1   |      |                 |      |      |
|                | Peacock/Williams 9      |               | 1   |      |                 |      |      |
|                | Haltern 70              |               | 1   | 1    |                 |      |      |
|                | Oberaden 83             |               |     | 1    |                 |      |      |
|                | Gaulesa 4               |               |     | 1    |                 |      |      |
|                | Almagro 50              |               |     |      | 4               | 1    |      |
| LOCAL/REGIONAL | Dressel 14 <sup>a</sup> | Variante A    | 1   | 1(?) |                 |      |      |
|                |                         | Variante B    | 23  | 3    | 10 <sup>b</sup> | 4    |      |
|                |                         | Variante C    | 2   | 17   | 26 <sup>c</sup> | 4    | 3    |
|                |                         | Variante Ind. |     | 2    | 3               |      |      |
|                | Sado 1                  | Variante A    |     |      |                 |      | 1    |
|                |                         | Variante B    |     |      |                 | 1    | 3    |
|                | Almagro 51c             | Variante B    |     |      |                 | 4    | 1    |
|                |                         | Variante C    |     |      |                 | 4    | 3    |
|                |                         | Variante Ind. |     |      |                 | 2    |      |
|                | Almagro 51a-b           | Variante A    |     |      |                 | 1    |      |
|                |                         | Variante B    |     |      |                 |      | 1    |

a - 1 exemplar sem bordo (não incluído no NMI), proveniente da C.9, possui, sobre a asa, a marca [...] O.

b - 1 exemplar com marca **MO**, sobre a asa.

c - 1 exemplar com marca **CLS**, sobre a asa.

NMI (Número Mínimo de Individuos) - Exemplos com bordo pertencentes a recipientes distintos.

gando-se para lá do limite oeste do lote, pela Rua Francisco Augusto Flamengo.

O muro do lado este (m.6), já identificado na primeira campanha numa extensão de cerca de 3 m, foi agora escavado até ao limite norte do lote, atingindo neste momento o comprimento de 8m.

Os dois troços identificados, ainda que incompletos, permitem afirmar que o reservatório, de planta rectangular, com 3m de profundidade, teria uma capacidade superior a 250m<sup>3</sup>.

Verificámos que os referidos muros eram internamente, tal como o fundo, revestidos de *opus signinum* rico em fragmentos de cerâmica; alargavam na face interna e em profundidade, formando dois ressaltos que se comportavam como contrafortes. Na ligação das paredes com o fundo foi construída meia cana convexa também de *opus signinum*.

Este reservatório de água, que, pela sua capacidade e por se localizar na área de cota mais elevada da Setúbal romana, poderia ter sido público, abastecendo, pelo menos, parte da povoação, teria

sido construído e abandonado no Baixo Império. Atribuímos a sua construção a este período pelo facto do revestimento das paredes e fundo ser muito rico em fragmentos de cerâmica, a qual está ausente do revestimento das estruturas arquitectónicas (cetárias, por exemplo) do Alto Império até agora identificadas em Setúbal.

Quanto à cronologia do seu abandono, a camada mais profunda (C.14) do depósito sedimentar que o preenchia, e que, por conseguinte, assentava directamente no fundo, continha um conjunto artefactual (*terra sigillata* africana C, na forma Hayes 45A, e africana D, nas formas Hayes 59, 61A e 62 – Figs. 36 e 37; Quadro 2 – ; ânforas de importação Almagro 50 e de produção local/regional Almagro 51c, variante B – Fig. 40; Quadro 5 – , além de um suporte de ânfora e de cerâmica comum em que estão ausentes os bordos formando garganta interna e são raros os dobrados sobre o ombro de panelas – Figs. 38 e 39; Quadro 4) tipologicamente afim do de contextos escavados no Pinheiro (“lixeria que cobria o nível de abandono da cozinha do Alto Império” – Mayet

& Tavares da Silva, 1998, p. 187-191, Figs. 79-90 – e Camada 2 da sondagem LIA – Mayet & Tavares da Silva, 1998, p.194 e 75 e 95-98), contextos datáveis da primeira metade-meados do século IV. Esta é também a cronologia que propomos para a formação da Camada 14 do reservatório de água.

Esta cronologia é corroborada pela atribuída à Camada 12 do enchimento do reservatório de água, também de lixeira; continha *terra sigillata* africana D (Quadro 2) nas formas Hayes 58 e 61. No que se refere ao material anfórico (Quadro 5), predomina o tipo Almagro 51c, mas agora na variante C, e ocorre a ânfora Almagro 51 a-b, variante A. A presença da Almagro 50 (mais uma vez de importação), Almagro 51 c, variante B, e Sado 1, variante B, é vestigial. Deste modo, verifica-se que o conjunto anfórico da Camada 12 é muito semelhante ao das últimas produções dos fornos 4 e 5 do Pinheiro (Mayet & Tavares da Silva, 1998), datáveis do último quartel do século IV, nos quais a variante C da Almagro 51c é dominante, a Almagro 51 a-b surge, nessa olaria, pela primeira vez e as formas Almagro

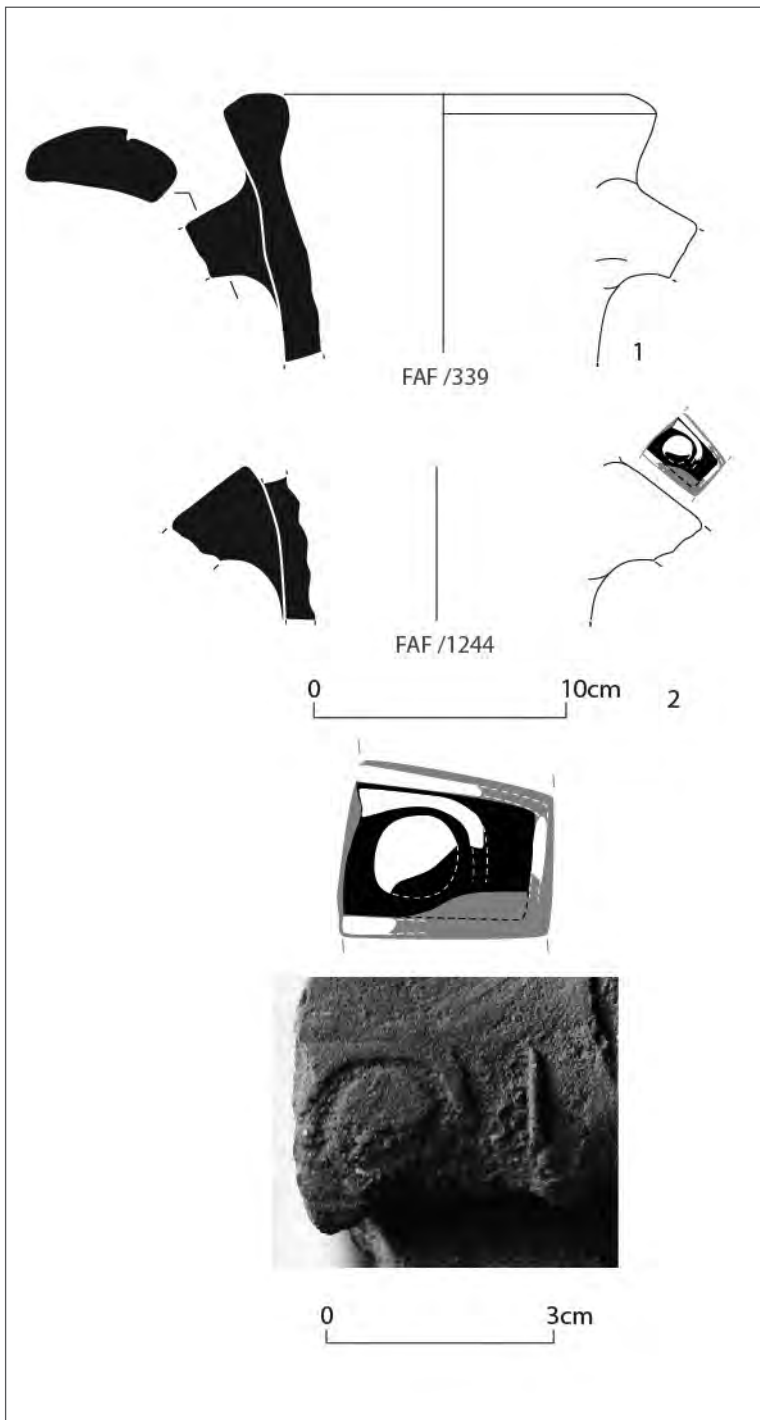


Fig. 26 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus* A, C. 9). Ânforas do tipo Dressel 14. A nº2 possui a marca [...]O. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

decoreção estampada do estilo Hayes A (ii), constituída por rosetas do tipo Hayes 44 A, dispostas perimetralmente e enquadradas por caneluras concêntricas, e por palmetas do tipo Hayes 4i, alternando com motivo quadrangular preenchido por reticulado, do tipo Hayes 71i; e ânforas nas formas Almagro 51c, variante C, Almagro 51 a-b, variante B, e Sado1, variantes A e B (Quadro 5).

### Ocupação do Período Islâmico

Durante a segunda campanha de escavações na Rua Francisco Augusto Flamengo, foram exumados 15 indivíduos em contexto primário, em decúbito lateral direito com a orientação SO-NE. Estas características são compatíveis com ritos funerários islâmicos e são congruentes com as características observadas nos indivíduos exumados na primeira campanha. Importa referir que um dos 15 indivíduos (indivíduo 5) tinha sido já parcialmente exumado durante a primeira fase de trabalhos. Também o esqueleto da sepultura 10 se estendia para o corte Norte, tendo sido exumada apenas a porção que se encontrava dentro da área escavada. O restante esqueleto será exumado em fase de trabalhos posterior, aquando do alargamento da área. Este indivíduo revela que os contextos funerários se prolongam para além da área intervencionada, sendo possível que existam mais sepulturas para além das intervencionadas.

Foram considerados os factores tafonómicos específicos do sítio arqueológico em questão, excluindo-se aqueles que são inerentes a todos os processos de decomposição, assim como a preservação diferencial dos diversos ossos devido a diferenças estruturais e morfológicas dos mesmos (Micozzi, 1991; Darwent & Lyman, 2002) e possíveis diferenças osteobiográficas dos indivíduos, como a idade, o sexo e patologias (Nawrocki, 1995; Guy *et al.*, 1997; Stojanowski *et al.*, 2002; Roksandic, 2002; Bello & Andrews, 2006). Excluiu-se, também, o processo de escavação e exumação por se encontrar implícito.

50 e Sado1 são meramente residuais.

A Camada 10 da mesma sequência estratigráfica, igualmente um nível de lixeira doméstica, deve corresponder à ocupação humana do local durante a passagem do século IV para o século V d.C.. Com efeito, para além da sua posição naquela sequência, de posterioridade relativamente à Camada 12, ofereceu *terra sigillata* africana D (Quadro 2) na forma Hayes 91 A/B e em formas indeterminadas com

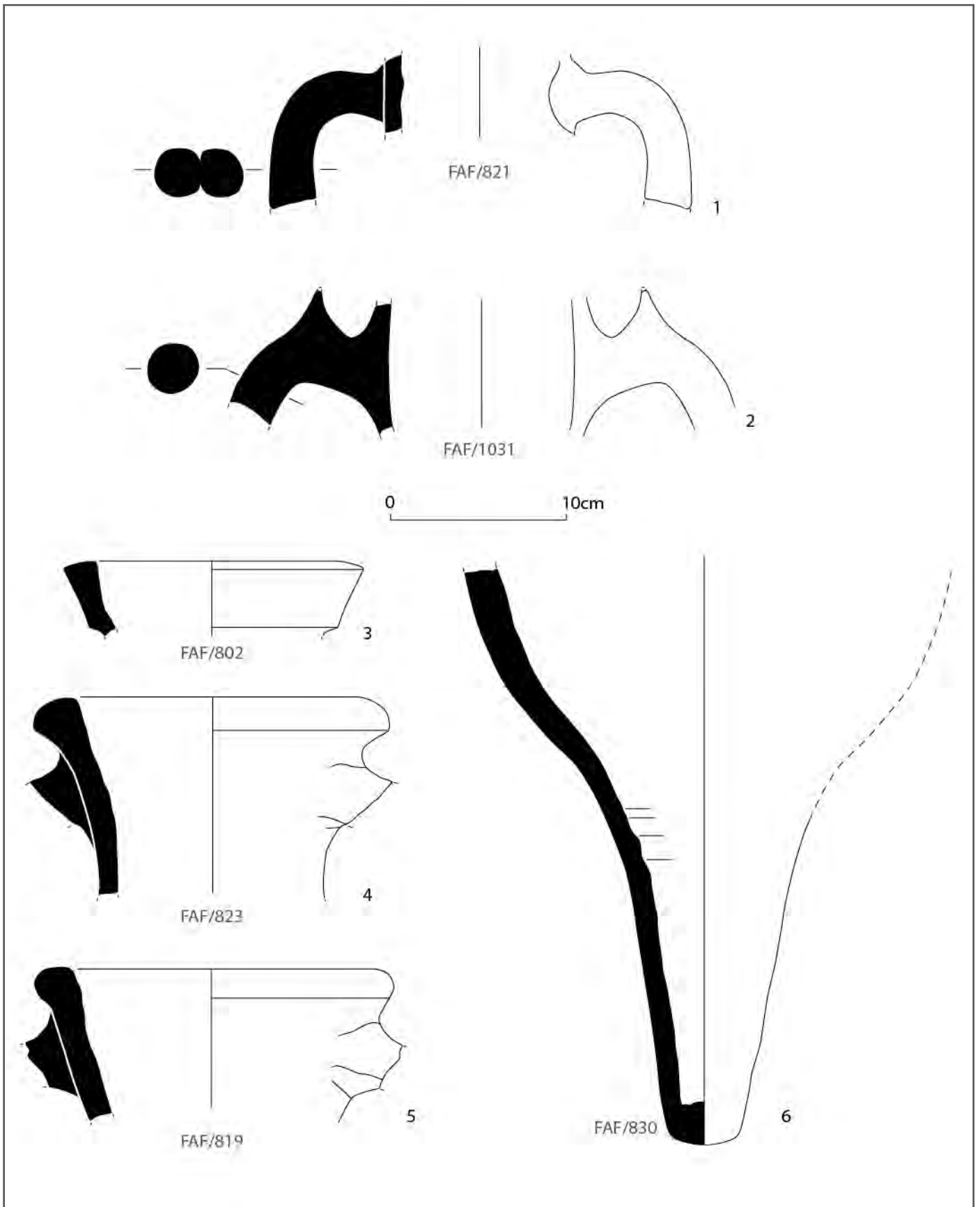
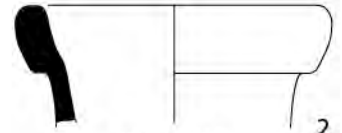


Fig. 27 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus A*, C. 8). Ânforas de importação: 1 - Dressel 2-4; 2 - Classe 9 de Peacock & Williams; 3 - Haltern 70. Ânforas de produção local/regional: 4-6 - Dressel 14. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.



FAF/ 450

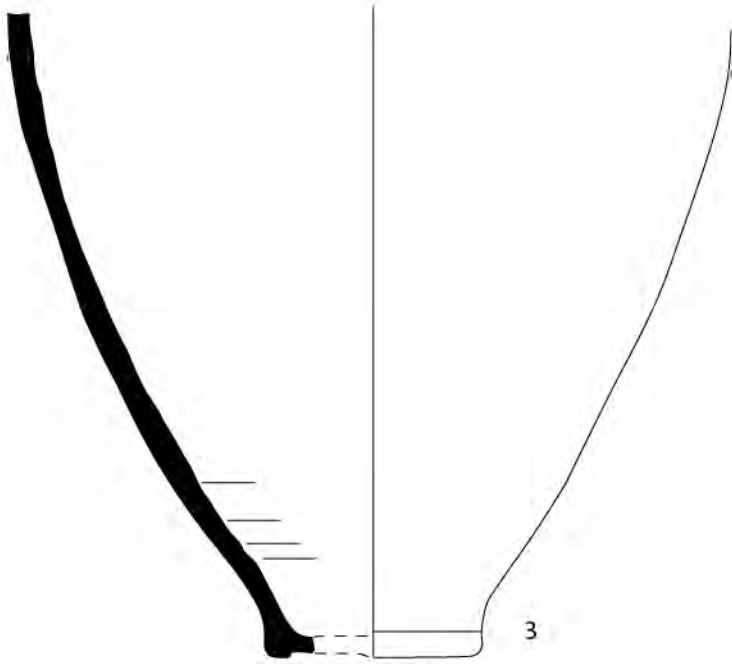
1



FAF/ 1316

2

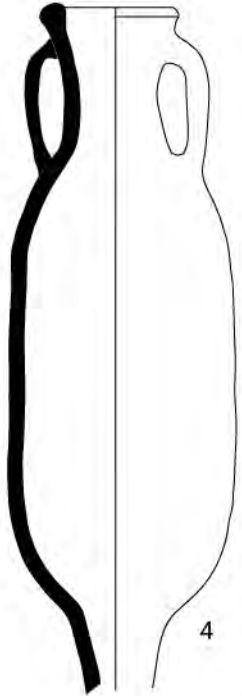
0 10cm



FAF/ 1273

3

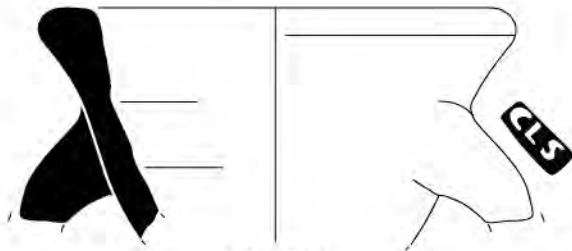
0 10cm



FAF/ 188

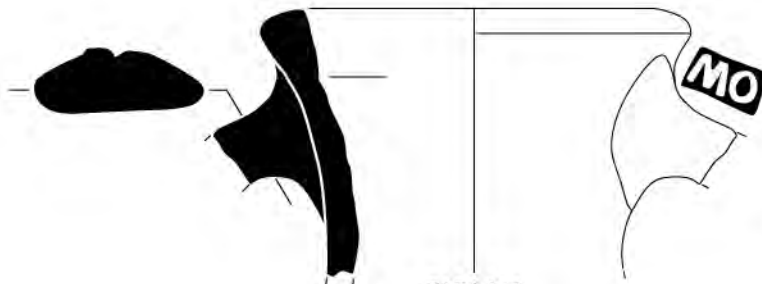
4

0 20cm



FAF/ 442

5



FAF/ 441

6



0 10cm

0 3cm

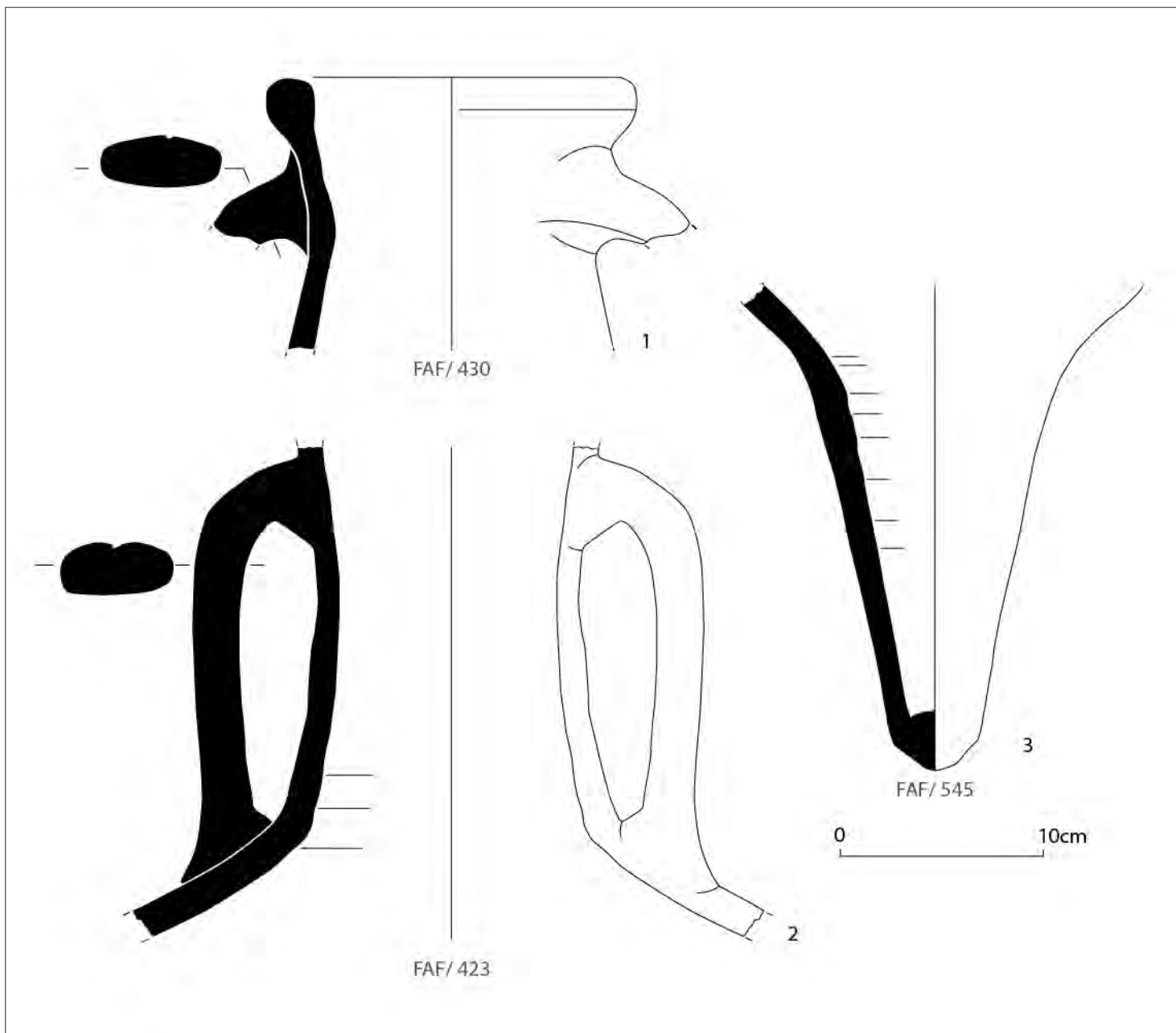


Fig. 29 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus* A, C. 7). Ânforas de produção local/regional: 1-3 - Dressel 14. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

Fig. 28 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus* A, C. 7). Ânforas de importação: 1 - Haltern 70; 2 - Oberaden 83; 3 - Gaulesa 4. Ânforas de produção local/regional: 4 - Dressel 14 (continha restos de preparados de peixe); 5 - Dressel 14 com marca **CLS**; 6 - Dressel 14 com marca **MO**. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

Avaliaram-se, assim, os seguintes aspectos devido à influência que apresentam sobre o processo de decomposição dos cadáveres e dos ossos:

(i) Contexto geológico e características dos depósitos em que os indivíduos se encontravam inumados (Janaway, 1996);

(ii) Hiato temporal entre a deposição do indivíduo e a sua exumação (Boddington *et al.*, 1987);

(iii) O tipo de rito funerário (Micozzi, 1991; Nawrocki, 1995);

(iv) A profundidade a que os indivíduos terão sido inumados (Nawrocki, 1995; Janaway, 1996);

(v) A presença/ausência de acção de fauna e flora (Micozzi, 1991; Janaway, 1996);

(vi) A reutilização do espaço (Pearson, 2005).

A conjugação das diversas variáveis acima re-





Fig. 30 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira do Alto Império (*Locus A, C. 7*). Ânfora Dressel 14, com restos de preparados de peixe (desenhada na Fig. 28, nº4). Fotografia Arquivo MAEDS.

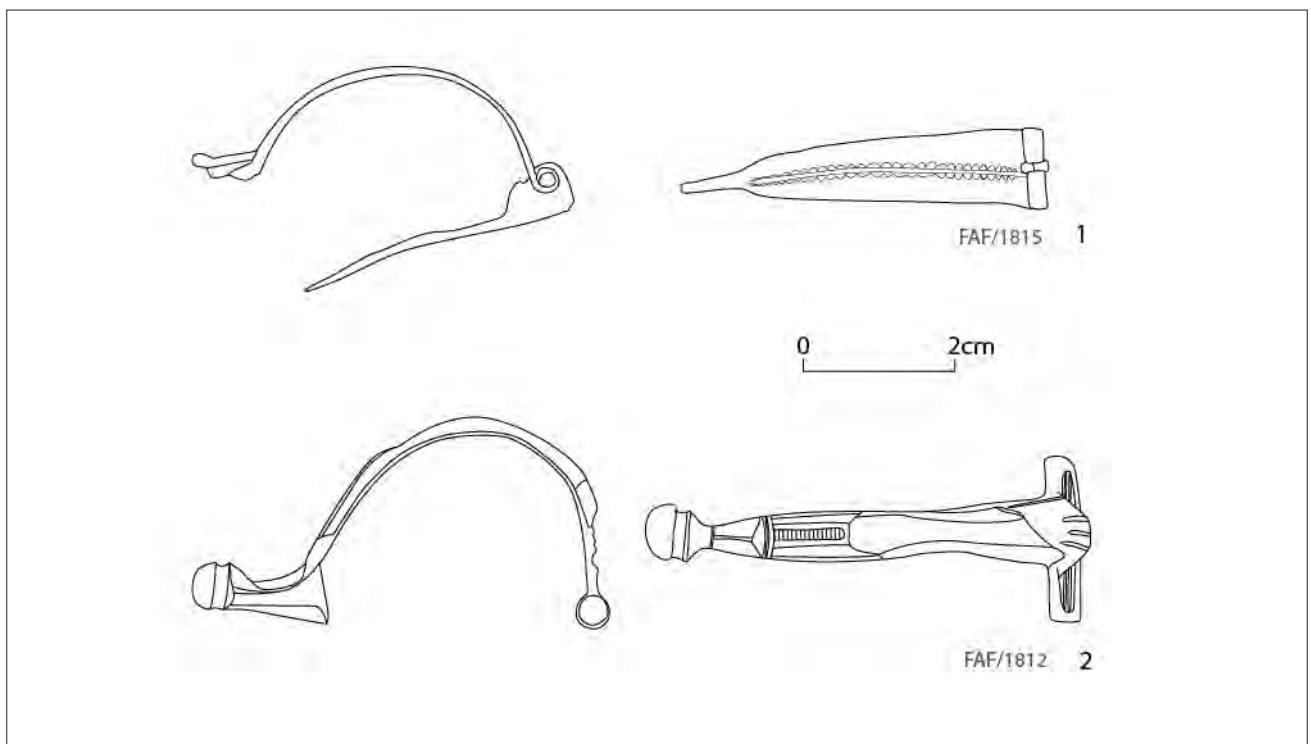


Fig. 31- Rua Francisco Augusto Flamengo. *Locus A, C. 7*. Fibulas de charneira e arco triangular do tipo Ponte 41.1b. Desenhos de Ana Castela.

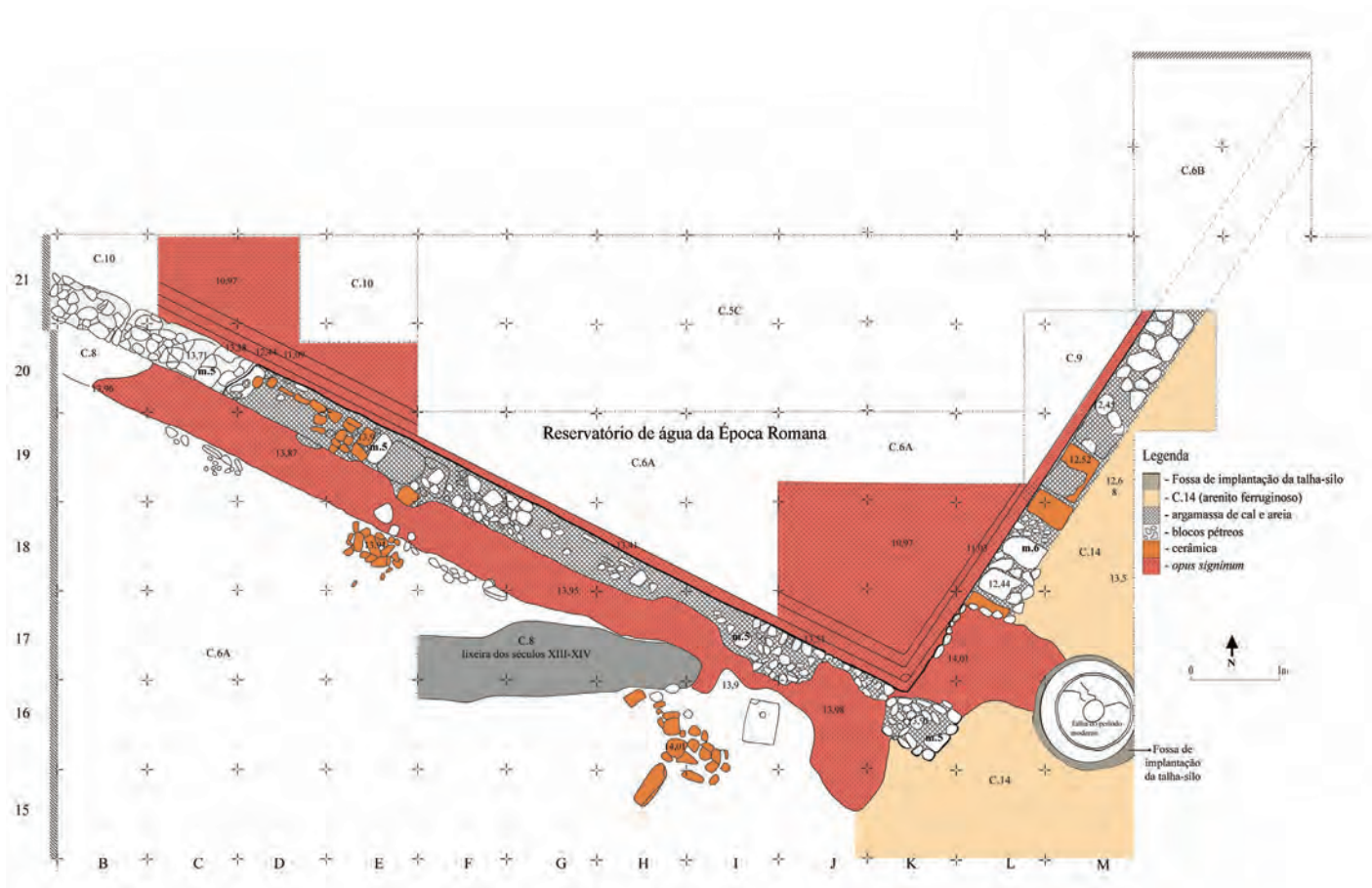


Fig. 32 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Planta da área escavada no *Locus C*, com destaque para o reservatório de água da Época Romana.



Fig. 33 - Rua Francisco Augusto Flamengo. *Locus C*. Reservatório de água da Época Romana (A), visto de oeste. Fotografia Arquivo MAEDS.



Fig. 34 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Locus C. Muro 5 do reservatório de água da Época Romana, com revestimento de *opus signinum*. Fotografia Arquivo MAEDS.



Fig. 35 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Locus C. Aspecto de sondagem realizada no interior do reservatório de água da Época Romana. A - muro 5. Fotografia Arquivo MAEDS.

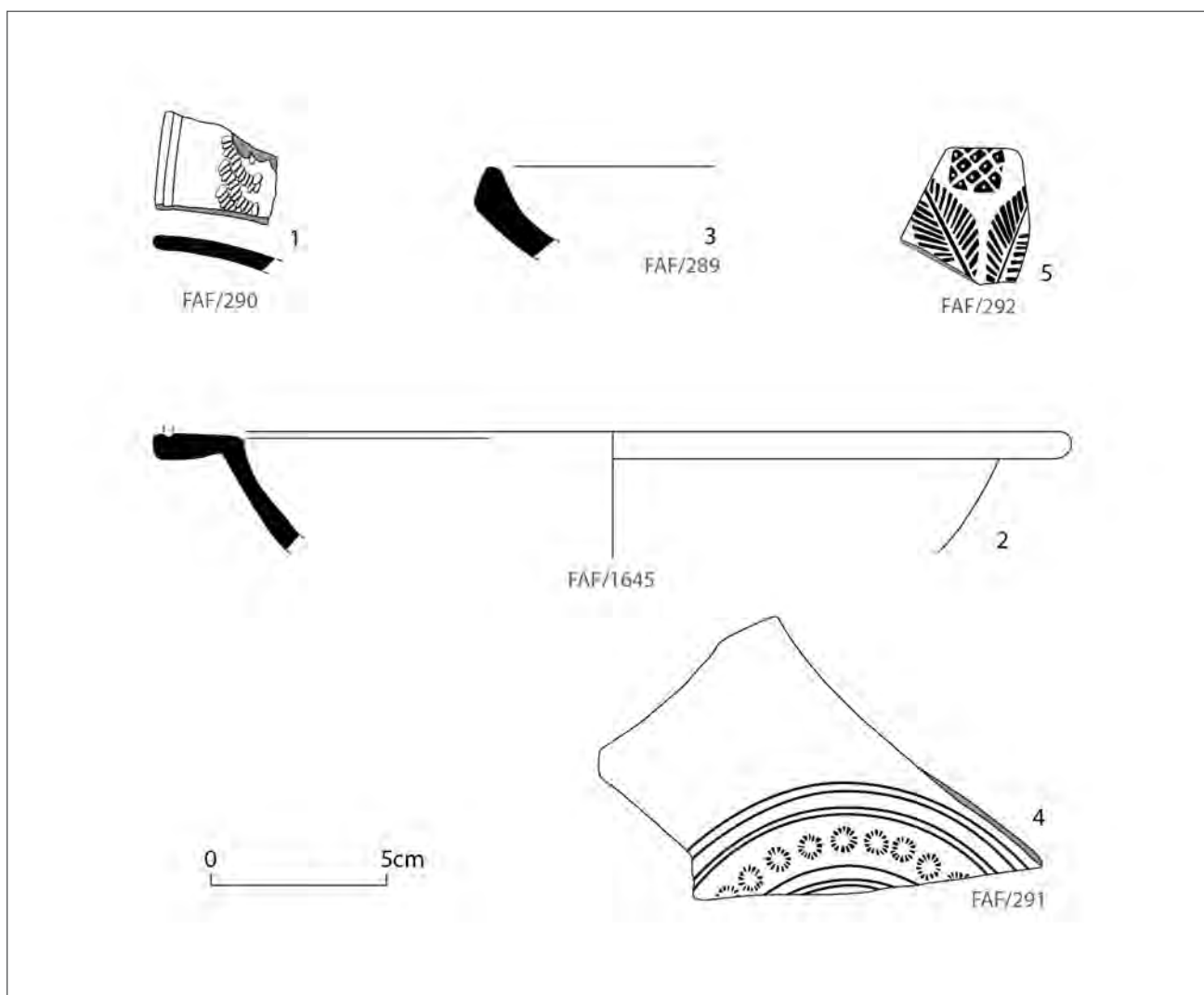


Fig. 36 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Interior do reservatório de água, baixo-imperial (*Locus C*). *Terra sigillata* africana C: 1- Hayes 45 A, decorada por faixa de *guilhoché* (C.14). *Terra sigillata* africana D: 2 - Hayes 59 (C. 14); 3 - Hayes 61 A (C. 14); 4 e 5 - fundos de pratos com decoração estampada (C. 10). Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

feridas resultou num estado de preservação dos esqueletos variável de pobre a excelente.

### **Antropologia Funerária**

Os indivíduos foram invariavelmente inumados em posição primária, em sepulturas escavadas nos depósitos naturais e/ou antrópicos, sem qualquer tipo de estruturação positiva. As sepulturas são de uso individual, sem qualquer reutilização funerária.

Os esqueletos encontravam-se, na generalidade, em decúbito lateral direito, ocorrendo, contudo, ligeiras variações na posição dos corpos. Estas

variações deverão estar relacionadas com rotações, ventrais ou dorsais, pós-deposicionais dos corpos, e que resultaram da interação de variáveis tafonómicas e/ou pós-deposicionais com as características do rito funerário. Efectivamente, a posição em decúbito lateral é instável, tornando-se mais susceptível a alterações na posição do corpo. Os crânios, quando observáveis, encontravam-se invariavelmente sobre o lado direito, como expectável.

As mãos dos indivíduos localizavam-se, genericamente, junto à região pélvica. Não obstante, identificaram-se também algumas pequenas variações na posição dos membros superiores ao nível da flexão da articulação do cotovelo (variável entre: ausência

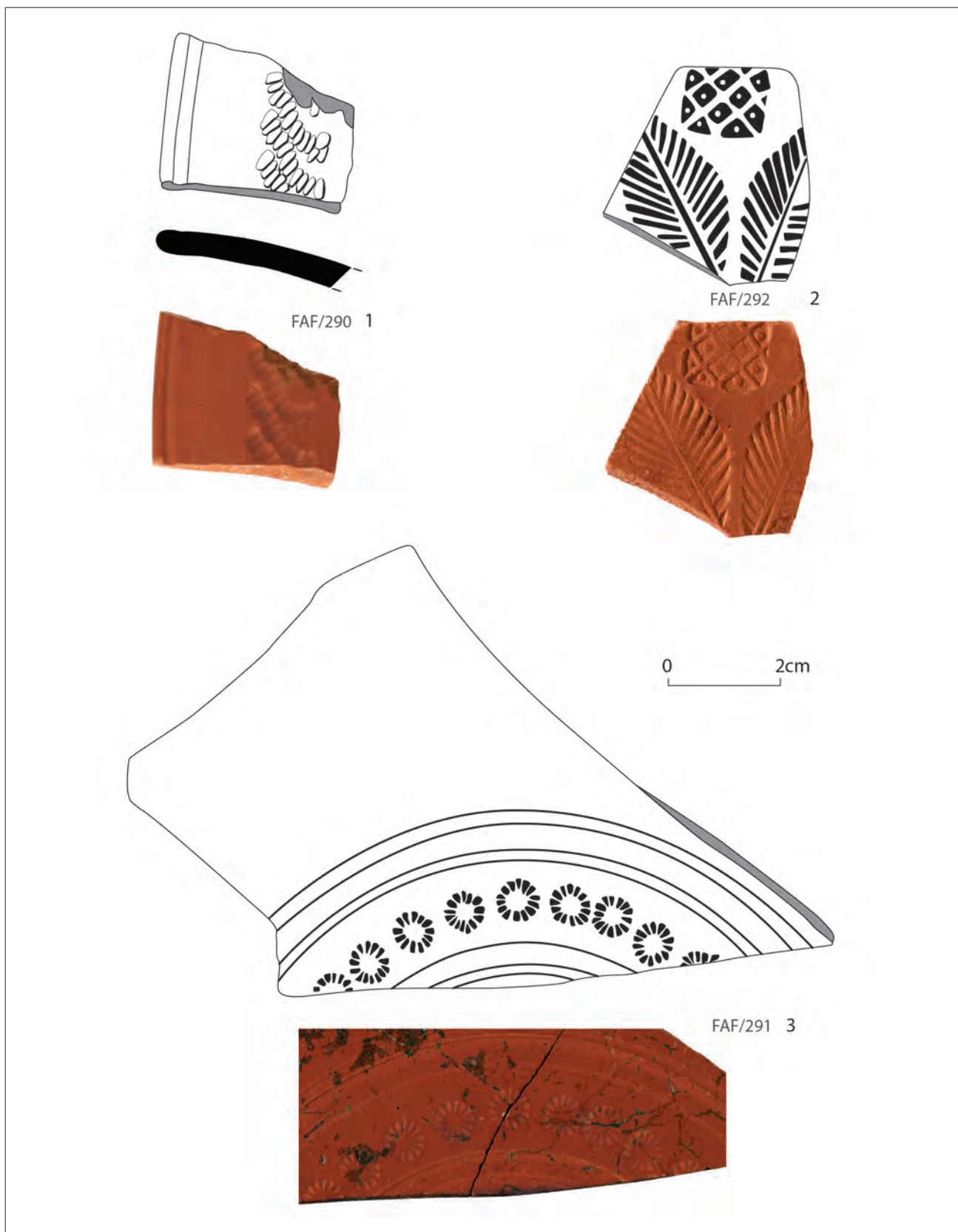


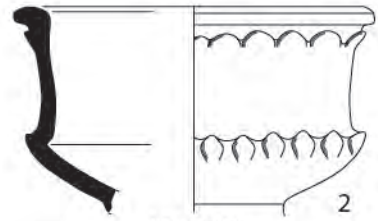
Fig. 37 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Interior do reservatório de água, baixo-imperial (*Locus C*). *Terra sigillata* africana decorada (ver Fig. 36). Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

Fig. 38 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Interior do reservatório de água da Época Romana, *Locus C*, C. 14. Cerâmica comum: 1 - prato; 2 - taça; 3 - almofariz da forma Dramont D2, com marca **M.V** [...] sobre o lábio, de produção itálica; 4-5 - alguidares; 6 - tacho; 7-8 - painéis. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.



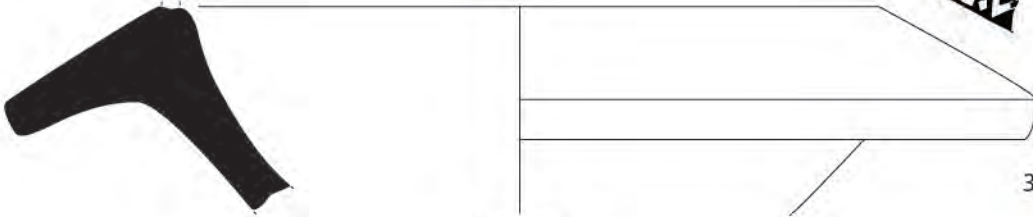
FAF/1816

1



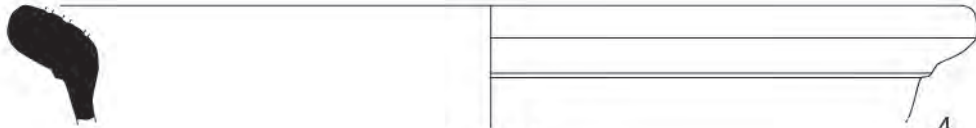
FAF/1649

2



FAF/1684

3



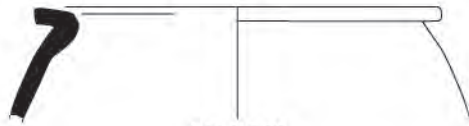
FAF/1632

4



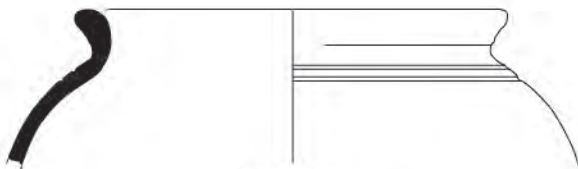
FAF/1682

5



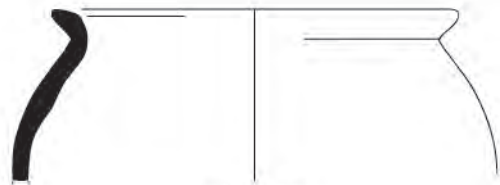
FAF/1639

6



FAF/1613

7



FAF/1619

8

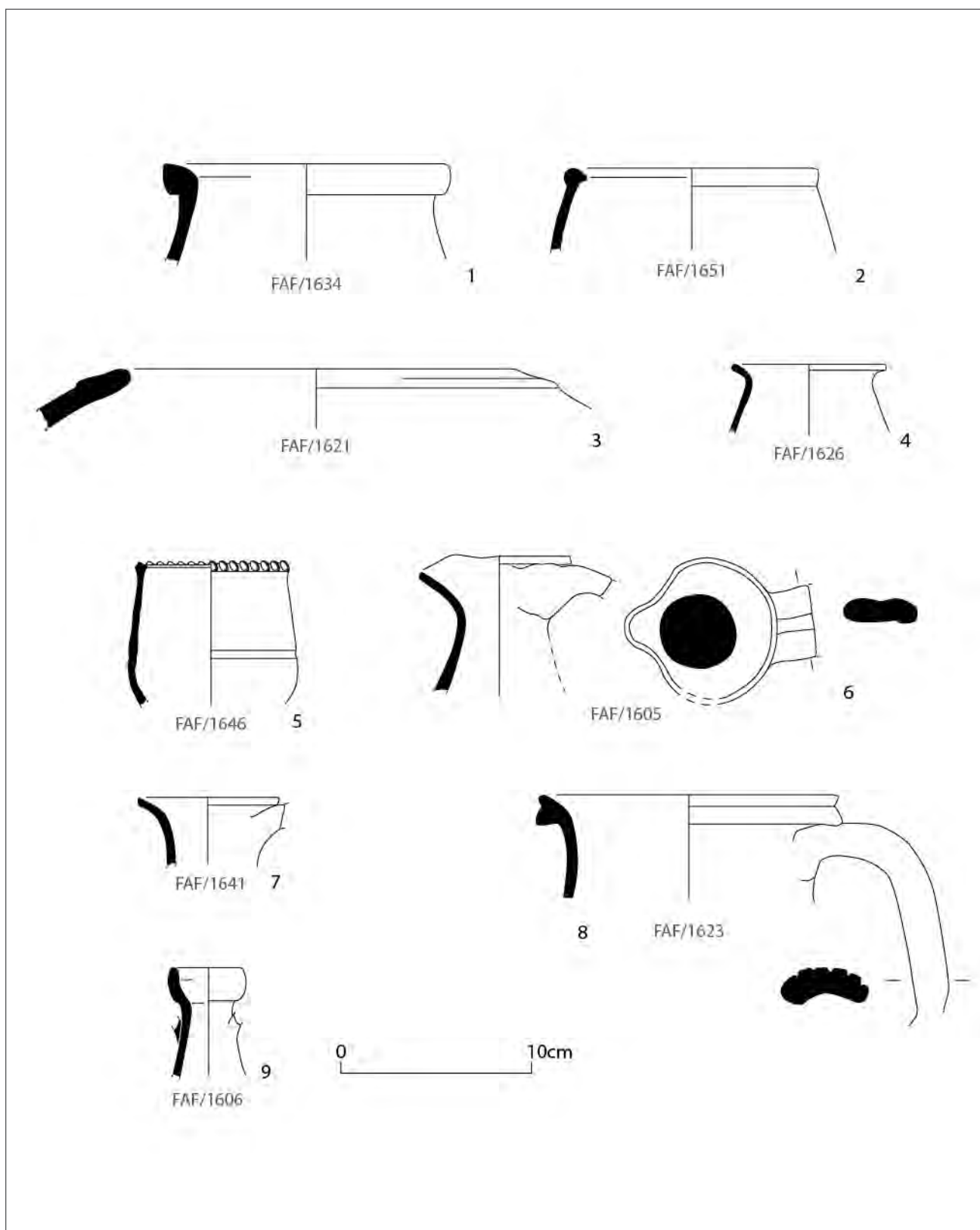


Fig. 39 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Interior do reservatório de água da Época Romana, *Locus C, C. 14*. Cerâmica comum: 1-3 - potes; 4 - potinho; 5 - púcaro; 6 - jarro; 7-9 - bilhas. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.

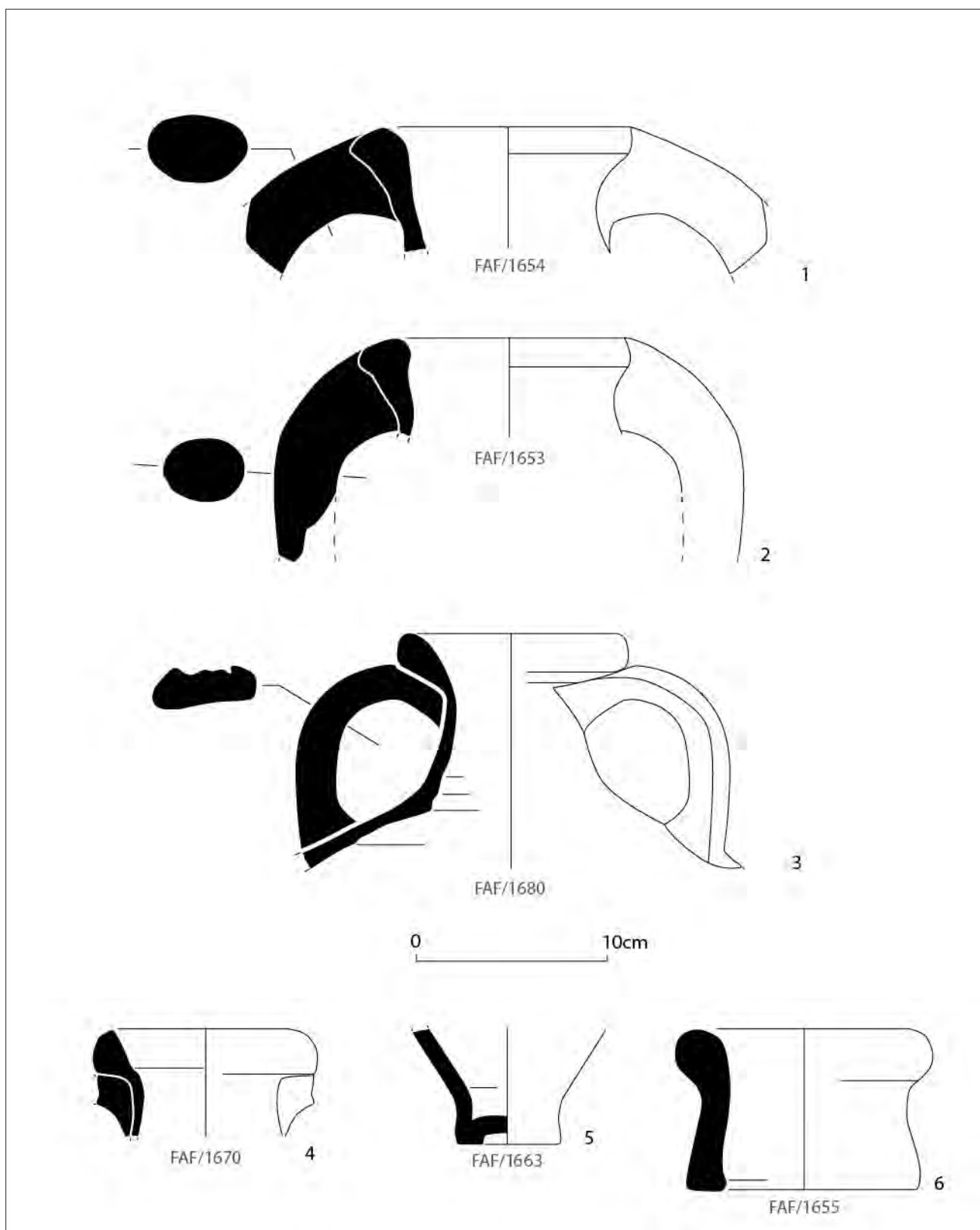


Fig. 40 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Interior do reservatório de água da Época Romana, *Locus C*, C. 14. Ânforas de importação: 1-2 - Almagro 50. Ânforas e suporte de produção local/regional: 3-5 - Almagro 51c; 6 - suporte. Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela.



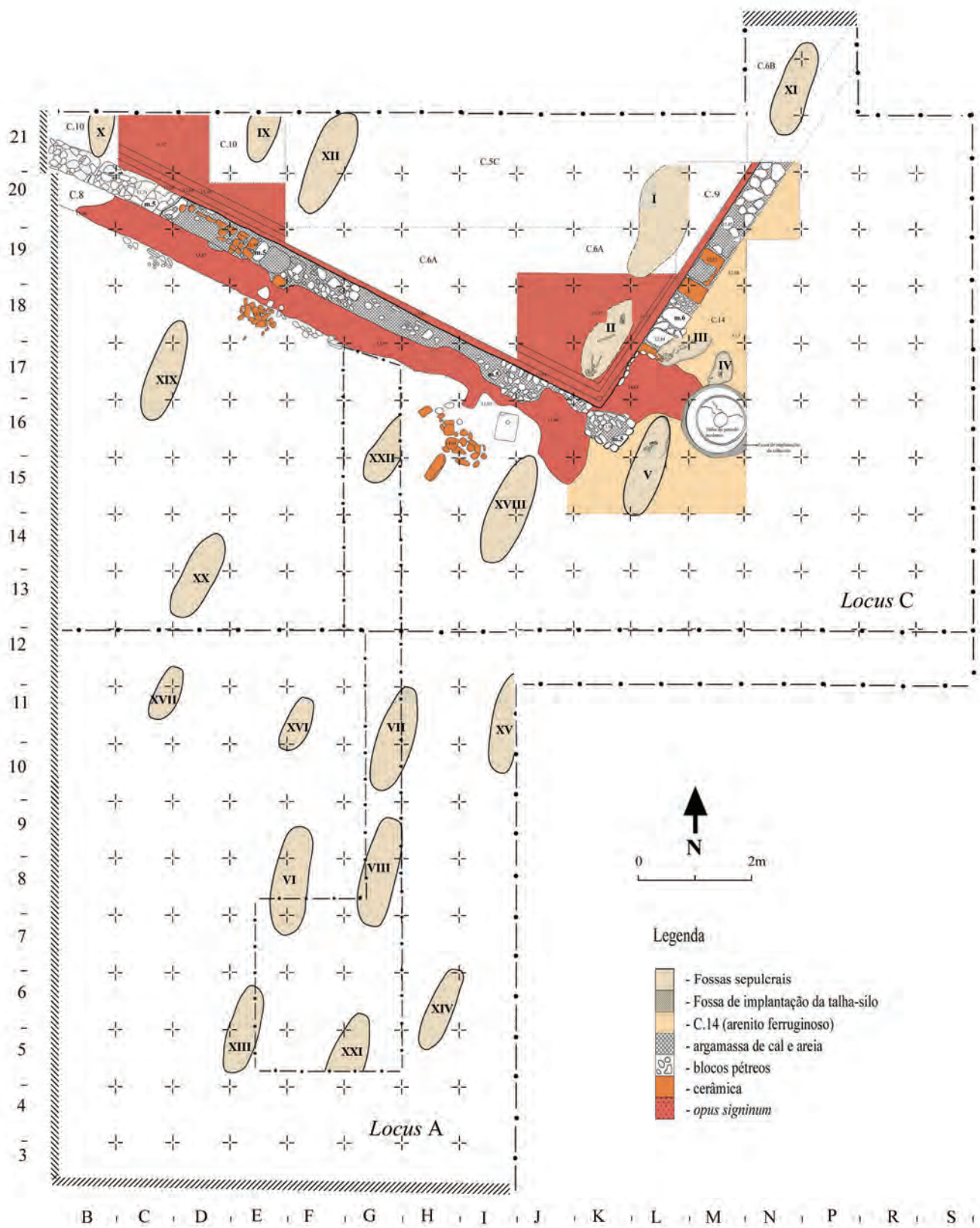


Fig. 41 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Área escavada nos Loci A e C com estruturas do reservatório de água da Época Romana (*Locus C*) e sepulturas do Período Islâmico.

de flexão e flexão máxima observada a cerca de 90°. Foi igualmente observada alguma variação ligeira na posição dos membros inferiores. Estes encontravam-se ou estendidos ou semi-flectidos à direita. O grau de flexão das pernas, quando semi-flectidas, variou entre 15 – 45° nas articulações coxo-femorais e 15 – 80° nos joelhos.

A orientação dos indivíduos é constante, estando o crânio sempre a SO e os pés a NE. A face dos indivíduos encontrava-se virada a nascente. As sepulturas nunca foram reutilizadas funerariamente e nenhum dos indivíduos apresentava espólio funerário associado.

## **Discussão**

As características observadas e descritas são compatíveis com ritos funerários islâmicos: posição do corpo em decúbito lateral direito; orientação no sentido SO-NE; a face virada a nascente; ausência de estruturação do interior da sepultura; ausência de espólio funerário; ausência de reutilização funerária das sepulturas (Torres & Macias, 1995; Macias, 2005; Le Bars, 2008; Godinho & Brazuna, 2009).

Refere-se que o ritual funerário da igreja moçárabe peninsular obrigava ao desnudamento do corpo, à sua lavagem e ao seu amortalhamento (Torres & Macias, 1995; Macias, 2005). De facto, ainda actualmente o corpo de um falecido deve ser lavado, perfumado e amortalhado. Após este processo é realizada uma oração funerária e o corpo é depois inumado numa sepultura sem qualquer estruturação e coberto com terra, sem recurso a qualquer caixão. Crê-se que o defunto ouve o que é dito e que não tem consciência da transição. Assim, existe uma pessoa que o informa do processo pelo qual está a passar e que os anjos Munkar e Nakir irão à sepultura com três questões: (i) quem é o teu Senhor, (ii) quem é o teu profeta e (iii) qual é a tua religião. As respostas deverão ser (i) Alá, (ii) Maomé e (iii) Islão. Caso estejam correctas, o indivíduo passa esta fase do pós vida e vislumbra os prazeres do paraíso (Kastenbaum, 2003).

Destaca-se que a morte é actualmente encarada, no contexto islâmico, como uma transição e que este, o Islão, é o veículo que garantirá uma travessia tranquila. É no paraíso que os crentes encontram a paz e a felicidade (Kastenbaum, 2003).

## **Estimativa da idade à morte e diagnose sexual**

### **Métodos**

Para a estimativa da idade biológica à morte procurou observar-se a formação e união das epífi-

ses (MacLaughlin, 1990; Scheuer & Black, 2000), o comprimento das diáfises de ossos longos (Maresh, 1970 *in* Scheuer & Black, 2000) e a calcificação e erupção dentária (Ubelaker, 1989; Smith, 1991).

São considerados não adultos os indivíduos com menos de 20 anos e adultos os indivíduos com 20 ou mais anos de idade à morte (Buikstra & Ubelaker, 1994).

Para a diagnose sexual morfológica não métrica utilizaram-se os métodos propostos por Buikstra & Ubelaker (1994) e por Bruzek (Bruzek, 2002). Na aplicação de métodos morfológicos métricos usaram-se os critérios propostos por Wasterlain (Wasterlain, 2000).

## **Resultados e discussão**

A estimativa da idade à morte permitiu concluir a presença de oito não adultos e sete adultos. As idades dos não adultos variam entre indivíduos perinatais e indivíduos adolescentes. A elevada presença de indivíduos não adultos implicou um elevado número de casos de indivíduos de sexo indeterminado (n=9). Dos seis indivíduos diagnosticados há: duas possíveis mulheres, três mulheres e um possível homem.

Deve ser referido que o indivíduo 5, embora tenha sido classificado na primeira campanha como homem, apresenta algumas características morfológicas sexualmente dimórficas, não métricas, femininas. Atendendo a estas, e assumindo a sua maior fidedignidade relativamente aos métodos métricos de diagnóstico sexual, este indivíduo é classificado como possível mulher. Acresce que devido ao seu estado de preservação apenas foi possível aferir que terá mais de 13-17 anos, não sendo possível inferir se terá uma idade igual ou superior a 20 anos. Foi, assim, integrado na categoria de possível adulto (adulto?).

As análises paleodemográficas encontram-se, genericamente, condicionadas por diversos factores. Na presente necrópole destacam-se, desde logo (i) a dimensão da amostra e (ii) a parcialidade da área intervencionada, encontrando-se estas variáveis inter-relacionadas. A dimensão da amostra, embora nesta fase dos trabalhos seja mais alargada que a recuperada na 1ª campanha, não é suficiente para que se possa abordar consistentemente a questão da representatividade da população de origem. A área intervencionada é apenas parte da área total da necrópole. Atendendo a esta parcialidade não é possível aferir se nos encontramos perante uma área específica da necrópole onde poderão ter sido, eventualmente, inumados indivíduos de classes bio-socio-culturais específicas e que a amostra constitua, assim, parte de um ou vários segmentos da sociedade e população de origem, não



Fig. 42 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 6.



Fig. 43 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 9 (indivíduo não adulto).



Fig. 44 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 10.



Fig. 45 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 16 (indivíduo com 36-40 semanas de gestação).



Fig. 46 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 19.



Fig. 47 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 10. Fusão do manubrio, meso-esterno e processo xifóide.



Fig. 48 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 10. Pormenor de perda de dentição *ante-mortem*, com reabsorção total dos alvéolos, e desgaste acentuado da coroa dentária.



Fig. 49 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 12. Ante-braços esquerdo e direito, em *supina*. Notar a assimetria na extremidade distal dos rádios e ulnas, assim como as curvaturas atípicas presentes na mesma região do ante-braço direito e o espessamento do rádio direito.



Fig. 50 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Sepultura 12. Pormenor de corpo ósseo, *in situ*, localizado no pescoço.

Quadro 6 - Dados de antropologia funerária dos indivíduos exumados, na 2ª campanha da intervenção antropológica da Rua Francisco Augusto Flamengo.

| SEPULTURA | TIPO DE ESTRUTURA FUNERÁRIA | TIPO DE CONTEXTO               | ORIENTAÇÃO | POSIÇÃO DO CORPO         | POSIÇÃO DO CRÂNIO | BRAÇO ESQUERDO            |
|-----------|-----------------------------|--------------------------------|------------|--------------------------|-------------------|---------------------------|
| 5         | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 6         | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 7         | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Não observável    | Não observável            |
| 8         | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 9         | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 10        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Não observável            |
| 11        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 12        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 13        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 14        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 15        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Não observável            |
| 16        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |
| 17        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Não observável            |
| 18        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão sobre o braço direito |
| 19        | Vala simples                | Esqueleto em conexão anatómica | SO - NE    | Decúbito lateral direito | Para a direita    | Mão junto à pelvis        |

sendo a amostra, conseqüentemente, representativa da população de origem.

Considerando os factores referidos não é possível realizar uma análise da estrutura (paleo)demográfica da população de origem destes indivíduos. Não obstante, pode ser mencionado que a frequência de não adultos (46%) não deverá ser inesperada. De facto, as taxas de mortalidade dos não adultos deveria ser mais elevada no período em causa que as actuais. Acresce que seria, inclusivamente, expectável uma maior frequência nas classes etárias mais baixas.

Em termos de diagnose sexual, verifica-se, como já foi destacado, um elevado número de indivíduos não diagnosticáveis. Esta frequência condiciona decisivamente a análise da distribuição sexual desta necrópole. Deve ser, contudo, referida a maior presença de mulheres/possíveis mulheres relativamente a homens/possíveis homens.

### Paleopatologia

Os resultados apresentados devem ser encarados como dados preliminares. Uma análise cuidada do material osteológico, após a sua limpeza, revelará, certamente, mais casos patológicos permitindo uma abordagem mais consistente.

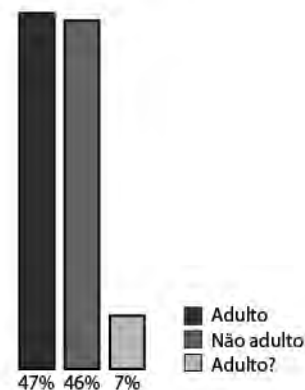
O indivíduo exumado da sepultura 6 exhibia patologias de foro oral e de foro degenerativo articular. Na patologia oral verificou-se: um desgaste muito acentuado da coroa dos incisivos, apresentando a dentição posterior um desgaste de graus moderados; periodontite, inclusivamente de grau máximo; perda ante-mortem, com reabsorção alveolar completa, de um pré-molar inferior direito. No ombro esquerdo, nomeadamente no úmero, registou-se a presença de OA<sup>6</sup> de grau 2.

No esqueleto da sepultura 7 registou-se a presença de casos de patologia oral e indicadores de stress fisiológico. Os casos de patologia oral consistem na perda ante-mortem dos pré-molares inferiores direitos, com total reabsorção dos alvéolos. O indicador de stress fisiológico observado é a *cri-*

6 - Embora seja definida por Aufderheide & Rodríguez-Martín (1998) como uma patologia não inflamatória, Ortner (2003) adverte que numa minoria dos casos de osteoartrite (OA) existe inflamação. É uma patologia crónica e progressiva e caracteriza-se, também, pela perda da cartilagem articular e subsequentes lesões no osso sub-condral. Estas formam-se devido ao contacto directo entre os diversos ossos após a destruição e perda da cartilagem (Aufderheide & Rodríguez-Martín, 1998; Rogers, 2000). Apresenta uma etiologia multifactorial, para a qual concorrem factores como: idade, traumas, predisposição genética, presença de outras patologias, factores ambientais, obesidade e postura (Rogers, 2000; Campillo, 2001; Roberts & Manchester, 2005; Weiss & Jurmain, 2007).

Quadro 7 - Estimativa da idade à morte e diagnose sexual dos indivíduos exumados, na 2ª campanha da intervenção antropológica da Rua Francisco Augusto Flamengo.

| SEPULTURA | IDADE À MORTE                               | DIAGNOSE SEXUAL |
|-----------|---|-----------------|
| 5         | > 13 - 17 anos                              | ♀?              |
| 6         | ≥ 25 anos                                   | ♀               |
| 7         | Adulto                                      | ♂?              |
| 8         | ≥ 25? anos                                  | ♀               |
| 9         | 9 - 11 anos                                 | ?               |
| 10        | ≥ 29 anos                                   | ♀?              |
| 11        | ≥ 25 anos                                   | ?               |
| 12        | ≥ 29 anos                                   | ♀               |
| 13        | 8 - 9 anos                                  | ?               |
| 14        | ♂: > 12, < 16 - 20; ♀: > 12, < 13 - 17 anos | ?               |
| 15        | 6 anos                                      | ?               |
| 16        | 38 - 40 semanas                             | ?               |
| 17        | 36 - 40 semanas                             | ?               |
| 18        | ≥ 21 anos                                   | ?               |
| 19        | ♂: 14 - 19; ♀: 12 - 18 anos                 | ?               |



*bra orbitalia* de grau 1<sup>7</sup>, remodelada, localizada na órbita direita.

Apesar da baixa idade à morte do indivíduo 9 registou-se a presença de diversas patologias de foro oral, nomeadamente: desgaste muito acentuado da coroa da dentição decidual presente; uma cárie de grau 3 num molar inferior direito decidual; tártaro de grau 2 na dentição inferior anterior e, possivelmente, uma lesão periapical associada à cárie identificada.

O indivíduo 10 apresenta múltiplas patologias orais, designadamente: desgaste de grau 4 a 5 na dentição; tártaro em toda a dentição de grau 2 a 3; periodontite de grau máximo no alvéolo do molar inferior esquerdo ainda presente; a perda ante-mortem dos dentes inferiores posteriores esquerdos com reabsorção alveolar completa. Para além destas evidências, igualmente, patologias de foro degenerativo articular (OA e nódulos de Schmorl<sup>8</sup>) e não articular (espigas laminares). A OA observada é de grau 1 e localiza-se nas vértebras torácicas. Os nódulos de Schmorl

localizam-se no segmento torácico (T5 a T12) e lombar (L1 e L2). As espigas laminares identificadas localizam-se, tal como os nódulos de Schmorl, no segmento torácico e lombar, afectando desde a T2 à L2. Por fim, foi igualmente registada a fusão dos 3 elementos do esterno, nomeadamente do manúbrio, meso-esterno e processo xifóide. O relevo das junções manúbrio - meso-esterno - processo xifóide é suave, indiciando que a fusão poderá ser de foro de desenvolvimento e não de natureza degenerativa (Barnes, 1994; Scheuer & Black, 2000).

No indivíduo 11, uma possível mulher com 25 ou mais anos de idade à morte, apenas foram registados casos de patologia oral. Estes são constituídos por: exposição completa da dentina dos dentes presente devido a desgaste acentuado da coroa dentária; tártaro; periodontite de grau máximo; e perda ante-mortem, com reabsorção alveolar completa, de toda a dentição superior e dos dentes inferiores posteriores.

O esqueleto exumado da sepultura 12 apresen-

7 - A *cribra orbitalia* apresenta lesões semelhantes às observadas na hiperostose porótica, mas localizadas no “tecto” das órbitas. Tal como na hiperostose porótica, as mudanças no tecido ósseo são predominantemente bilaterais. Esta última é encarada como um estágio mais grave relativamente à *cribra orbitalia* (Wapler *et al.*, 2004; Blom *et al.*, 2005; Roberts & Manchester, 2005; Keenleyside & Panayotova, 2006). É geralmente aceite que a *cribra orbitalia* resulta também da anemia por deficiência de ferro. Porém são igualmente sugeridas outras etiologias, das quais são exemplo o escorbuto, a sífilis e a presença de toxinas (Wapler *et al.*, 2004; Blom *et al.*, 2005; Sullivan, 2005).

8 - Os nódulos de Schmorl estão associados à degeneração dos discos intervertebrais. A formação de hérnias discais resulta na pressão sobre os corpos vertebrais, observando-se uma subsequente depressão no corpo da vértebra, sendo esta lesão óssea o nódulo de Schmorl (Swischuk *et al.*, 1998; Adams *et al.*, 2000; Williams *et al.*, 2007; Faccia & Williams, 2008). As hérnias podem provocar um ou mais focos de nódulos (Ortner & Putschar, 1981). É comum encontrarem-se associados a osteofitos (Buikstra & Ubelaker, 1994). Na maioria dos casos localizam-se no segmento torácico, especialmente na segunda metade, e, em seguida, no segmento lombar (Williams *et al.*, 2007; Faccia & Williams, 2008). É possível que os nódulos de Schmorl gerem dores de costas crónicas, variando a sua intensidade de acordo com a sua dimensão e profundidade, resultando numa diminuição do bem estar dos indivíduos e, consequentemente, na sua produtividade. Porém, esta interpretação não é consensualmente aceite (Williams *et al.*, 2007; Faccia & Williams, 2008).

ta a aparente fractura na metáfise distal dos rádio e ulna direitos. A fractura foi completamente reduzida tendo, porém, subsistido uma curvatura anterior de aproximadamente 15° no local da fractura. Deve ser salientada a importância da realização de raio-X para confirmação ou infirmação do diagnóstico apresentado. Neste indivíduo foi identificada a presença de um corpo ósseo de morfologia aproximadamente elíptica e aparência “efervescente” com aproximadamente 30 x 25 mm de dimensão. Localizava-se junto ao corpo das 4ª a 6ª vértebras cervicais, perto da localização expectável do hióide e tiróide.

Deve ser sublinhado que a identificação de casos patológicos se encontra dependente da preservação dos ossos, tal como todos os restantes parâmetros paleobiológicos e até mesmo funerários. Assim, é possível que existissem outros casos patológicos que devido à degradação dos ossos se tornaram indetectáveis. É, igualmente, possível que após a limpeza e observação sistemática do espólio osteológico sejam identificados mais casos patológicos. Por fim, destacamos que a análise patológica não se esgota, manifestamente, na identificação e enumeração de casos patológicos isolados que constituem, nestes termos, estudos de casos. A análise patológica deve, idealmente, assumir uma abordagem populacional e, tanto quanto permitido em contextos paleoantropológicos, (paleo)epidemiológica. É, assim, desejável que o material osteológico seja alvo de uma observação minuciosa e sistemática que permita o cálculo de frequências das patologias observadas tornando, desta forma, possível um retrato patológico da população.

## OCUPAÇÃO DA BAIXA IDADE MÉDIA

O horizonte cronológico compreendido entre o século XIII e o XIV está representado, no lote em apreço, por três lixeiras doméstica (L1, L2 e L3). O espólio é caracterizado por cerâmicas de uso quotidiano, relacionadas, essencialmente, com contextos de cozinha; oferecem decoração que se prende, quase exclusivamente, com preocupações utilitárias, sendo constituída por caneluras aplicadas no colo e no bojo, à excepção do pote proveniente da Lixeira 2, da vala de desmontagem de muro (Qs. F-H/16-17), com decoração impressa, e dos exemplares com pintura a branco de tradição muçulmana provenientes da Lixeira 1, do interior do reservatório de água romano (Camada 8).

Os recipientes recolhidos apresentam, maioritariamente, pastas avermelhadas ou acastanhadas; predomina a cozedura em ambiente oxidante; as

pastas contêm elementos não plásticos de quartzo e moscovite de granulometria fina a média.

A Lixeira 1 (C.8) do enchimento do reservatório de água da Época Romana (Qs. C-E/20-21 e Qs. H-I/19) forneceu 42 fragmentos cerâmicos (Quadro 8) com atribuição morfo-funcional, dos quais 6 revelam tradição muçulmana.

As panelas são o grupo melhor representado; ostentam marcas de utilização ao fogo, identificando-se bem a sua funcionalidade. O único exemplar de panela exumado inteiro, neste contexto de lixeira (Fig. 51: 3) apresenta duas asas opostas de secção losângica e caneluras no bordo e no colo com paralelo em exemplar procedente da Rua da Judaria (Almada) com cronologia dos séculos XII-XIII (Barros & Henriques, 2003, p. 139). As panelas de bordo em aba têm paralelos em contextos do século XIV estudados na área urbana de Setúbal (Duarte, Soares & Tavares da Silva, 2014, p. 349) e na Rua dos Correeiros, em Lisboa, de meados do século XIII a meados do século XIV (Gaspar & Amaro, 1997, p. 342).

Salientamos, também, a presença de fragmento de panela (Fig. 51: 4) de influência muçulmana com paralelos no período Almóada do Castelo de Palmela (Fernandes, 2005, p. 166, Fig. 215:1), e de meados do século XII-XIII em Lisboa (AA.VV., 2005, p. 232, Fig. 11:20).

Também de tradição muçulmana são os fragmentos de recipientes fechados com decoração pintada a branco (Fig. 51:17 a 19).

A par da cerâmica de cozinha, recolhemos uma taça que nos remete para uma cronologia do século XIV, com paralelos em exemplares exumados na Área Urbana de Setúbal.

Os púcaros/copos, bem representados neste contexto, ainda que bastante fragmentados, não permitindo a reconstituição de um perfil completo, possuem porção de bordo ligeiramente extrovertido, colo alto com asas opostas que arrancam do colo e bojo baixo assente em pé em bolacha. São exemplares muito divulgados nos finais do século XII e 1ª metade do século XIII em contextos de Lisboa (AA.VV., 2005, p. 231, Fig. 10:3 e 4). No núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) foram exumados exemplares com cronologia de meados do século XIII a meados do século XIV (Gaspar & Amaro, 1997, p. 340).

Os jarros de bordo ligeiramente extrovertido, com caneluras até à zona do colo, ou de bordo extrovertido sem caneluras têm paralelos no castelo de Palmela com cronologia dos séculos XIII-XIV (Fernandes, 2005, p. 169, Fig. 223).

A actividade lúdica está representada por uma

Quadro 8 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Cerâmica comum proveniente das lixeiras medievais (século XIII-XIV).

| Cerâmica Comum         | Lixeira 1<br>(Qs. C-E/20-21) | Lixeira 2<br>(Qs. F-H/16-17) | Lixeira 3<br>(Qs. D10-11) | Total     |
|------------------------|------------------------------|------------------------------|---------------------------|-----------|
| Alguidar               | 1                            | -                            | -                         | 1         |
| Bilha                  | 2                            | -                            | -                         | 2         |
| Candeia                | 1                            | -                            | -                         | 1         |
| Cântaro                | 1                            | -                            | 1                         | 2         |
| Jarro                  | 3                            | -                            | -                         | 3         |
| Malha de Jogo          | 1                            | -                            | -                         | 1         |
| Panela                 | 14                           | 3                            | 6                         | 23        |
| Pote                   | -                            | 2                            | -                         | 2         |
| Púcaro/copo            | 7                            | -                            | 1                         | 8         |
| Taça                   | 1                            | -                            | -                         | 1         |
| Testo/Tampa            | 6                            | -                            | 1                         | 7         |
| Tambor?                | 1                            | -                            | -                         | 1         |
| Frag. pintado a branco | 4                            | -                            | -                         | 4         |
| <b>Total</b>           | <b>42</b>                    | <b>5</b>                     | <b>9</b>                  | <b>56</b> |

malha de jogo de contorno subcircular (peças estas com larga diacronia) e por fragmento de provável tambor, possuindo bordo com espessamento e inflexão interna que formaria a parte superior do mesmo. Exemplares similares foram identificados no Castelo Velho de Alcoutim nos níveis de abandono dos finais do reino de taifas/início da ocupação almorávida/almôada da região (Catarino, 1997/98, p. 1097, Est. XI, nº8; p. 1146, Est. LX, nº 5). Peças semelhantes às identificadas no Castelo Velho de Alcoutim foram também registadas nas produções de Saragoça com cronologia dos séculos XI-XII e em Paterna, no século XIII (Catarino, 1997/98, p. 381-382).

As Lixeiras 2 e 3, identificadas repectivamente nos Qs. F-H/16-17 e Qs. D10-11, eram constituídas por sedimento de matriz arenosa cinzento-escura que preenchia negativos de desmontagem de muros ali existentes em momento anterior. O espólio exumado, à semelhança do que provém da Lixeira 1, do interior do reservatório romano, apresenta cerâmica comum com características de ambientes domésticos, apesar de oferecer menor quantidade de formas com atribuição morfo-funcional (Quadro 8). A forma melhor representada é a panela, com

evidentes sinais de utilização ao fogo, cuja morfologia, quando completa, varia entre o globular e o troncocónico a cilíndrico com bordos em aba e os lábios rectos ou inclinados para o interior, preparados para receber o testo. Uma das panelas apresenta a particularidade de ter o bordo com impressões digitais e a extremidade inferior do corpo demarcada por série de caneluras paralelas (Fig. 52:1). Uma outra possui caneluras no colo, imediatamente acima da inserção superior da asa, realizadas de forma pouco cuidada (Fig. 52:2).

Além das panelas, surge o cântaro de duas asas, forma esta comum nos contextos dos séculos XIII-XIV, cujas asas arrancam da parte superior do colo sobreelevando-se junto ao bordo. Encontramos paralelos para esta forma em exemplares recolhidos na Área Urbana de Setúbal (Soares, 2002, p. 251), em Lisboa (Gaspar & Amaro, 1997, p. 343-344, Est.7:1 e 2) e no castelo de Palmela (Fernandes, 2005, p. 174, Fig. 233).

Os potes, apenas identificados na Lixeira 2 (Qs. F-H/16-17), estão representados por dois exemplares: um com porção de bordo decorado por caneluras; o outro, com bordo extrovertido e decoração impressa no colo e no bojo (Fig. 52:4-5).



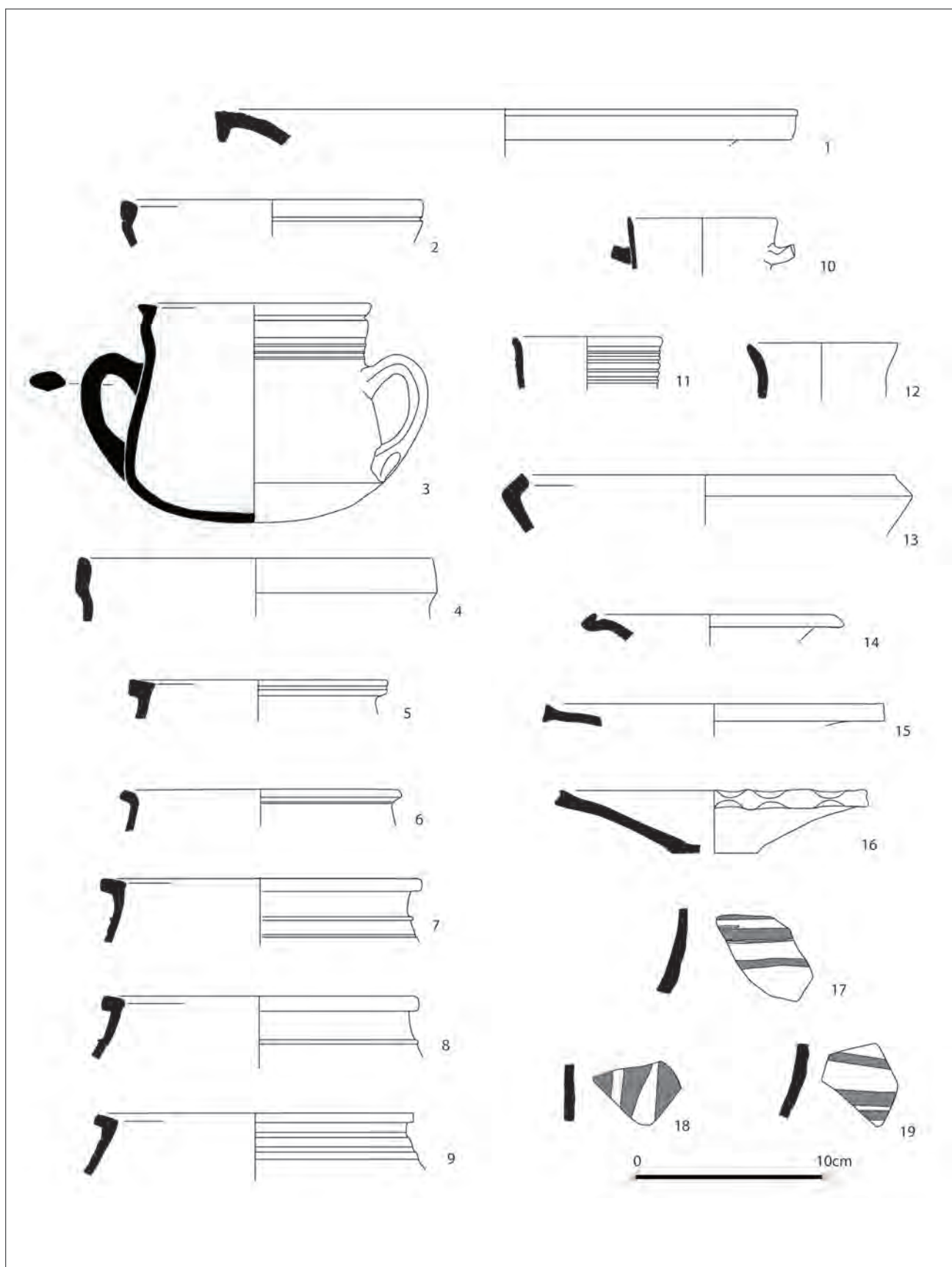


Fig. 51 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira 1, da Baixa Idade Média (C. 8 do interior do tanque romano). Cerâmica comum: 1 – alguidar; 2 – taça; 3 a 9 – panelas; 10 – púcaro/copo; 11 e 12 – jarros; 13 – tambor(?); 14 a 16 – testos; 17 a 19 – fragmentos com decoração pintada a branco. Desenhos de Susana Duarte.



Fig. 52 - Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira 2, do período medieval (vala de desmontagem de muro, Qs.F-H/16-17). Cerâmica comum: 1 a 3 – panelas; 4 e 5 – potes. Desenhos de Susana Duarte.

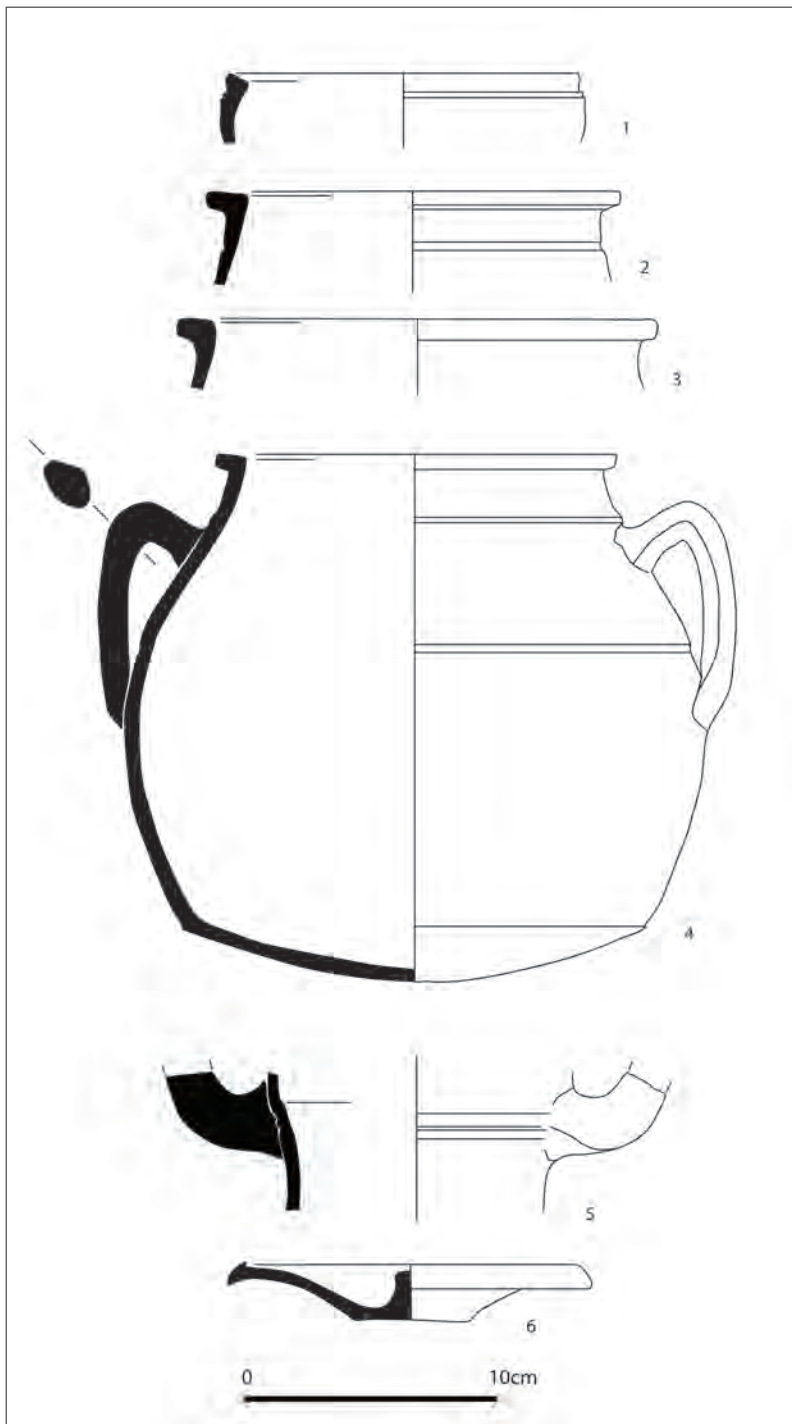


Fig. 53 – Rua Francisco Augusto Flamengo. Lixeira 3, do período medieval (vala de desmontagem de muro, Qs.D10-11). Cerâmica comum: 1 a 4 – panelas; 5 – cântaro; 6 – testo. Desenhos de Susana Duarte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo deve ser lido tendo em consideração o trabalho publicado sobre a 1ª campanha arqueológica no mesmo lote, no vol. 3, da

*Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios.*

As sequências estratigráficas dos *loci* A e C registaram uma ampla diacronia e as mais antigas fases da ocupação humana:

## O povoado sidérico

As Cs. 11-14, de carácter coluvionar, resultantes da remobilização de camadas antrópicas da Idade do Ferro da área mais elevada da colina, depositaram-se em depressão criada pelo intenso abarrancamento das vertentes da colina de arenito mal consolidado de Santa Maria. Os materiais aí recolhidos são maioritariamente dos séculos VII-VI a. C. (Figs. 6 e 7), estando presentes o prato de bordo em aba com engobe vermelho, cerâmica cinzenta (a mais abundante) orientalizante e/ou de tradição orientalizante, ânforas fenícias, cerâmica manual. Uma taça de cerâmica comum ao torno parece corresponder a uma imitação da Forma IXA da cerâmica de tipo Kuass, sendo, e a confirmar-se esta classificação, um elemento sidérico tardio, datável de um período compreendido entre o final do século IV e o século II/I a.C. (Sousa, 2009) revelador da permanência na cidade portuária da foz do Sado de espécimens de carácter cultural meridional.

## Cidade romana

Durante a Época Romana, a partir do terceiro quartel do século I d.C., a área correspondente ao *Locus C*, é ocupada por um vazadouro público, provavelmente até ao último quartel do século II (Cs. 7-9). Esta lixeira é particularmente

rica em *terra sigillata*, com numerosas marcas de oleiro (Quadro 3), que nos dão conta da diversidade de consumos próprios de meio urbano (Quadro 2). A *t. sigillata* itálica é rara neste sítio e na generalidade da área urbana de Setúbal; a *t. sigillata* sudgálica

domina largamente o conjunto de cerâmicas finas de mesa, sendo as formas mais frequentes a Drag. 18, a Drag. 27, a Drag. 24/25 e a Drag. 15/17. A *t. sigillata* hispânica é francamente menos abundante, sendo a forma Drag. 15/17 a melhor representada. Mas são as ânforas provenientes desta lixeira que melhor documentam a diversificada actividade portuária da Setúbal romana (Quadro 5), onde chegava vinho do Egeu (classe 9 de Peacock/ Williams), da Península Itálica (ânfora Dressel 2-4), do sul da Gália (Gaulesa 4) e do sul de Espanha (Haltern 70), tal como azeite do vale do Guadalquivir (Oberaden 83). Como seria expectável, dominavam as ânforas produzida no Baixo Sado, da forma Dressel 14, nas variantes B e C, enquanto contentores de salgas de peixe, como se comprovou factualmente em dois exemplares que continham ainda restos esqueléticos de sardinha miúda.

Após a selagem do vazadouro, foi construído no local, talvez nos inícios do século III, um grande reservatório de água com uma capacidade superior a 250m<sup>3</sup>, supostamente para abastecimento público, e que revela o crescimento demográfico da cidade romana durante o início do Baixo Império. O enchimento do depósito por resíduos sólidos inicia-se em meados do século IV (C. 14), altura em que podia ainda funcionar, mas em que a sua manutenção não seria tão cuidada como em momentos anteriores. A C. 10, claramente de lixeira, foi atribuída à passagem do século IV para o século V, de acordo com a presença de *sigillata* africana D, na forma Hayes 91A/B e em exemplares com decoração estampada (Quadro 2) e ânforas Almagro 51c, Almagro 51 a-b e Sado 1 (Quadro 5) e marca o final da ocupação da Época Romana do lote da Rua Francisco Augusto Flamengo. Após o colapso do Império Romano do Ocidente, durante a Alta Idade Média assiste-se à rápida desurbanização de Setúbal. Porém, o porto parece continuar a desenvolver alguma actividade comercial pelo menos até ao século VI d.C. (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014).

## Necrópole islâmica

Na presente campanha de escavações arqueológicas, foram identificadas e levantadas 15 inumações singulares em posição primária. A necrópole estende-se para além dos limites intervencionados.

Os indivíduos apresentam características funerárias tipicamente islâmicas e congruentes com aquelas identificadas nos indivíduos exumados na primeira campanha. Tais características consistem em deposição em decúbito lateral direito; orientação SO-NE; face virada para nascente; mãos junto à região pélvica; ausência de espólio funerário; ausência de reutilização

funerária das estruturas. Na primeira campanha de escavações foi possível datar radiocarbonicamente o inumado na sepultura 1, obtendo-se (calibração a 2 sigma) o intervalo de 980 a 1150 DC (Beta-256936:1000±40 BP), datação que confirma o ritual islâmico.

Os indivíduos não adultos detêm 46%. O elevado número de indivíduos de sexo indeterminado (n=9) está correlacionado com a boa representação de indivíduos não adultos e, também, com o mau estado de preservação dos ossos de alguns dos indivíduos. Este factor condiciona decisivamente a análise da distribuição sexual na necrópole. Não obstante, foi verificada uma maior frequência de mulheres (n=3) e possíveis mulheres (n=2) que de homens (n=0) e possíveis homens (n=1). Em termos paleopatológicos registou-se a presença de:

- Patologia oral sob a forma de desgaste acentuado, cáries, tártaro, perda ante-mortem de dentição, periodontite e uma possível lesão periapical;

- Indicadores de stress fisiológico, *cribra orbitalia*;

- Patologia degenerativa articular (osteoartrose e nódulos de Schmorl) e não articular (diversas entesopatias no esqueleto axial);

- Patologia traumática sob a forma de fractura do rádio e ulna direitos, com redução completa, do indivíduo da sepultura 12.

## Baixa Idade Média (séculos XIII-XIV)

É provável que a necrópole islâmica tenha sido desactivada após a conquista cristã.

A área do nosso lote, embora no interior da cerca medieval, manteve-se expectante em termos urbanísticos até à Idade Moderna. Nos séculos XIII-XIV depositaram-se no local várias lixeiras domésticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA. VV. (1990) – *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italice Modo Confectae*. Bonn: Rudolf Habelt GMBH.

A.A.V.V. (2005) – Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Coord. Mário Barroca e Isabel C. Fernandes. Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 221-236.

ADAMS, M.; FREEMAN, B.; MORRISON, H.; NELSON, I. & DOLAN, P. (2000) – Mechanical initiation of intervertebral disc degeneration. *Spine*, 25, p. 1625-1636.

ARRUDA, A.M. (1999-2000) – *Los Fenícios em Por-*

- tugal. *Fenícios y mundo indígena em el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidade Pompeu Fabra.
- AUFDERHEIDE, A. C. & RODRÍGUEZ-MARTÍN, C. (1998) – *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARNES, E. (1994) – *Developmental Defects of the Axial Skeleton in Paleopathology*, Colorado, University Press of Colorado.
- BARROS, L. & HENRIQUES, F. (2003) – Rua da Judiaria: Um Celeiro nos arrabaldes da vila. *Actas das 3<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Câmara Municipal de Tondela, p. 135-144.
- BELCHIOR, C. (1969) – *Lucernas romanas de Conimbriga*. Museu Monográfico de Conimbriga.
- BELLO, S. & ANDREWS, P. (2006) - The intrinsic pattern of preservation of human skeletons and its influence on the interpretation of funerary remains. In R. GOWLAND & C. KNÜSEL (eds.), *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books, p. 1-13.
- BLOM, D.; BUIKSTRA, J. E.; KENG, L.; TOMCZAK, P.; SHOREMAN, E. & STEVENS-TUTTLE, D. (2005) – Anemia and childhood mortality: latitudinal patterning along the coast of pre-columbian Peru. *American Journal of Physical Anthropology*, 127, p. 152-169.
- BODDINGTON, A.; GARLAND, A. N. & JANAWAY, R. C. (1987) – Flesh, bones dust and society. In A. BODDINGTON; A. N. GARLAND & R. C. JANAWAY (eds.). *Death, decay and reconstruction, approaches to archaeology and forensic science*. Manchester: Manchester University Press, p. 3-9.
- BOURGEOIS, A. & MAYET, F. (1991) – *Fouilles de Belo (Les Sigillées)*. Madrid: Collection de La Casa de Velázquez.
- BRUZEK, J. (2002) – A method for visual determination of sex, using the human hip bone. *American Journal of Physical Anthropology*, 117, p. 157-168.
- BUIKSTRA, J. E. & UBELAKER, D. H. (1994) – *Standards For Data Collection From Human Skeletal Remains*. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013) – *La terra sigillata hispânica de Augusta Emerita. Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del subúrbio norte*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- CAMPILLO, D. (2001) – *Introducción a la paleopatología*. Barcelona: Bellaterra arqueología.
- CARDOSO, J.L.; TAVARES DA SILVA, C.; MARTINS, F. & ANDRÉ, M.C. (2010-2011) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 75-102.
- CATARINO, H. (1997/98) – O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica – Povoamento rural e recintos fortificados. In *Al-ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 6, 3 vols.
- CLARKE, J.R. (2003) – *Roman sex*. New York: Harry N. Abrams, Inc.
- DARWENT, C. M. & LYMAN, R. L. (2002) – Detecting the postburial fragmentation of carpals, tarsals, and phalanges. In W. D. HAGLUND & M. H. SORG (eds.). *Advances in Forensic Taphonomy - Method, Theory, and Archaeological Perspectives*. Florida: CRC Press LLC, p. 355 - 377.
- DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- DUARTE, S.; SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C. (2014) – Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões nºs 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755. *II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa (Setúbal Arqueológica, 15)*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 341-372.
- FACCIA, K. & WILLIAMS, R. (2008) – Schmorl's nodes: clinical significance and implications for the bioarchaeological record. *International Journal of Osteoarcheology*, 18, p. 28-44.
- FERNANDES, I. C. (2005) – Palmela no período da “reconquista”. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Coord. Mário Barroca e Isabel C. Fernandes. Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 311-325.
- GASPAR, A. & AMARO, C. (1997) – Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. *Actes du V<sup>e</sup> Congrès de la Céramique Médiéval en Méditerranée*. Aix-en-Provence, p. 337-345.
- GENIN, M. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Volume II – sigillés lisses et autres productions*. Éditions de la Fédération Aquitania.
- GODINHO, R. (2008) – *Vestígios de um Império Passado: a necrópole do Colégio de Santo Antão-o-Novo e a Lisboa dos séc. XVI - XVIII*. Tese de mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- GODINHO, R. M. & BRAZUNA, S. (2009) – Culture and taphonomy at the Islamic necropolis of Xanra II. Beja: *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4, p. 65-69.

- GUY, H.; MASSET, C. & BAUD, C.-A. (1997) – Infant taphonomy. *International Journal of Osteoarchaeology*, 7, p. 221 - 227.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. London.
- HAYES, J. W. (1980) – Late Roman pottery, supplement. London.
- JANAWAY, R. C. (1996) – The decay of buried remains and their associated materials. In J. R. HUNTER; C. ROBERTS & A. MARTIN (eds.). *Studies In Crime: An Introduction to Forensic Archaeology*. London: BT Batsford, p. 59-85.
- KASTENBAUM, R. (2003) – *Macmillan Encyclopedia of Death and Dying*. New York: Macmillan Reference USA.
- KEENLEYSIDE, A. & PANAYOTOVA, K. (2006) – *Cribrá orbitalia* and porotic hyperostosis in a greek colonial population (5th to 3rd centuries B.C.) from the Black Sea. *International Journal of Osteoarchaeology*, 16, p. 373-384.
- LE BARS, D. (2008) – Étude archaéo-anthropologique de la nécropole musulmane de Rossio do Carmo, Mértola: bilan des fouilles anciennes (1981-1990). *Arqueologia Medieval*, 9, p. 233-259.
- MACIAS, S. (2005) – *Mértola - O último porto do Mediterrâneo*, 1. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MACLAUGHLIN, S. M. (1990) – Epiphyseal Fusion at The Sternal End of The Clavicle In a Modern Portuguese Skeletal Sample. *Antropologia Portuguesa*, 8, p. 59 - 68.
- MAYET, F. (1984) – *Les Céramiques Sigillées Hispaniques*. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- MAYET, F. & TAVARES DA SILVA, C. (1998) – *L'atelier d'anphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- MAYET, F. & TAVARES DA SILVA, C. (2000) – *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- MAYET, F. & TAVARES DA SILVA, C. (2002) – *L'atelier d'anphores d'Abul (Portugal)*. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- MICOZZI, M. S. (1991) – *Postmortem Change In Human and Animal Remains - A systematic approach*. Illinois: Charles C. Thomas Publisher.
- NAWROCKI, S. P. (1995) – Taphonomic processes in historic cemeteries. In A. IL. GRAUER (eds.). *Bodies of Evidence, reconstructing History through skeletal analysis*. New York: Wiley-Liss, p. 49-66.
- ORTNER, D. & PUTSCHAR, W. G. (1981) – *Identification of Pathological Conditions In Human Skeletal Remains*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press.
- PEACOCK, D.P.S & WILLIAMS, D. F. (1986) – *Amphorae and the Roman Economy. An Introductory Guide*. London and New York: Longman.
- PEARSON, M. P. (2005) – *The Archaeology of Death and Burial*, second edition. Gloucestershire: Sutton Publishing.
- PINTO, I. Vaz (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- POLAK, M. (2000) – *South Gaulish terra sigillata with potters' stamps from vecthen*. (Rei Creatariae Romanae F'avtorum Acta, Supplementum 9), Nijmegen.
- PONTE, S. da (2006) – *Corpus signorum das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas, SA.
- QUARESMA, J. C. (2003) – *Terra sigillata sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*. (Trabalhos de Arqueologia; 30). Lisboa: Instituto Português de arqueologia (IPA).
- QUARESMA, J. C. (2012) – Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga?). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
- RAMÓN TORRES, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- ROBERTS, C. & MANCHESTER, K. (2005) – *The Archaeology of Disease*. Gloucestershire: Sutton Publishing Ltd.
- ROGERS, J. (2000) – The paleopathology of joint disease. In M. COX & S. MAYS (eds.). *Human Osteology In Archaeology and Forensic Science*. London: Greenwich Medical Media Ltd., p. 163-182.
- ROKSANDIC, M. (2002) – Position of skeletal remains as a key to understanding mortuary behavior. In W. D. HAGLUND & M. H. SORG (eds.). *Advances in Forensic Taphonomy - Method, Theory, and Archaeological Perspectives*. Florida: CRC Press LLC, p. 99 - 117.
- SÁEZ ROMERO, A.M. (2005) – Aproximación a la tipología de la cerámica común púnico-gadirita de los ss. III-II. *Spal*, 14, p.145-177.
- SCHEUER, L. & BLACK, S. (2000) – *Developmental Juvenile Osteology*. Somerset: Academic Press Limited.

- SMITH, B. H. (1991) - Standards of human tooth formation and dental age assessment. In M. A. KELLY & C. S. LARSEN (eds.). *Advances in Dental Anthropology*. New York: Wiley-Liss, Inc., p. 143-168.
- SOARES, J. (2002) – MAEDS. Trabalhos arqueológicos: novas estratigrafias para a história de Setúbal. *Al-madan*, 2ª Série, nº 11, p. 250-251.
- SOARES J. & TAVARES DA SILVA, C. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- SOUSA, E. de (2009) – *A cerâmica de tipo kuass no Algarve: os casos de Castro Marim e Faro*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
- STOJANOWSKI, C.; SEIDEMANN, R. & DORAN, G. (2002) - Differential skeletal preservation at Windover Pond: causes and consequences. *American Journal of Physical Anthropology*, 119, p. 15-26.
- SULLIVAN, A. (2005) – Prevalence and etiology of acquired anemia in medieval York, England. *American Journal of Physical Anthropology*, 128, p. 252-272.
- SWISCHUK, L.; JOHN, S. & ALLBERY, S. (1998) – Disk degenerative disease in childhood: Scheurmann's disease, Schmorl's nodes, and the limbus vertebra: MRI findings in 12 patients. *Pediatric Radiology*, 28, p. 334-338.
- TAVARES DA SILVA, C. (1996) – Produção de ânforas na área urbana de Setúbal. In *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 43-54.
- TAVARES DA SILVA, C. & COELHO-SOARES, A. (2014) - Preexistências de Setúbal. A ocupação da Época Romana da Travessa de João Galo, nºs 4-4B. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 305-338.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de Mello; FERRER DIAS, L. & COELHO-SOARES, A. (1980-81) — Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 149-218.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A.; DUARTE, S. & GODINHO, R. M. (2010) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs. 10-12. *Musa, Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 3, p. 165-178.
- TORRES, C. & MACIAS, S. (1995) – Rituais funerários paleocristãos e islâmicos nas necrópoles de Mértola. In J. MATTOSO (eds.). *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, p. 11-44.
- UBELAKER, D. (1989) – *Human Skeletal Remains - excavation, analysis, interpretation*, Second edition. Washington: Smithsonian Institute.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2005) – Las cerâmicas grises orientalizantes de la Península Ibérica: una nueva lectura de la tradición alfarera indígena. *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida*, vol. II, p. 1149-1172.
- VIEGAS, C. (2003) – *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém – Cerâmica, economia e comércio* (Trabalhos de Arqueologia, 26). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Série Estudos e Memórias 3. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
- WAPLER, U.; CRUBEZY, E. & SCHULTZ, M. (2004) – Is *cribra orbitalia* synonymous with anemia? Analysis and interpretation of cranial pathology in Sudan. *American Journal of Physical Anthropology*, p. 333-339.
- WASTERLAIN, R. S. (2000) – *Morfo - análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do museu antropológico da Universidade de Coimbra*. Tese de mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- WEISS, E. & JURMAIN, R. (2007) – Osteoarthritis revisited: a contemporary review of aetiology. *International Journal of Osteoarcheology*, 17, p. 437-450.
- WILLIAMS, F.; MANEK, N.; SAMBROOK, P.; SPECTOR, T. & MACGREGOR, A. (2007) – Schmorl's nodes, common, highly heritable and related to lumbar disc disease. *Arthritis & Rheumatism*, 57, p. 855-860.